

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

O território quilombola é dela
sobre Nossa Senhora, santos e quilombolas na Vila – Bairro do Carmo
São Roque -SP

Ana Luísa Nardin

Dissertação de Mestrado

São Carlos/SP
2019

O território quilombola é dela
sobre Nossa Senhora, santos e quilombolas na Vila – Bairro do Carmo
São Roque -SP

Ana Luísa Nardin

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Banca examinadora

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden (orientador – UFSCar)

Prof. Dr. Geraldo Andrello (UFSCar)

Prof. Dra. Clarissa de Paula Martins Lima

São Carlos/SP
2019

Nardin Rezende de Abreu, Ana Luísa

O território quilombola é dela. Sobre Nossa Senhora, santos e quilombolas na Vila – Bairro do Carmo São Roque -SP / Ana Luísa Nardin Rezende de Abreu. -- 2019.

132 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Felipe Ferreira Vander Velden

Banca examinadora: Geraldo Luciano Andrello, Clarissa de Paula Martins Lima

Bibliografia

1. Quilombolas. 2. Santos. 3. Território.

I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ana Luísa Nardin Rezende de Abreu, realizada em 17/12/2019:

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden
UFSCar

Prof. Dr. Geraldo Luciano Andrello
UFSCar

Profa. Dra. Clarissa de Paula Martins Lima

Resumo: Esta dissertação trata das relações entre os moradores do bairro do Carmo com Nossa Senhora do Carmo e com os outros santos. A pesquisa de campo foi realizada na cidade de São Roque, em um território que está em processo de reconhecimento pelo INCRA como área quilombola, mais precisamente, a vila do Carmo. Objetivo investigar o que Nossa Senhora do Carmo pode, enquanto protagonista na vida dos *pretos do Carmo*, de sua história, de suas relações de parentesco e de seu cotidiano. Faço isso buscando destacar o papel feminino no cuidado com a vida dos moradores do Carmo, tanto por parte das mulheres quanto da própria Santa. Santa cuja imagem foi roubada em março de 2012, e esteroubo, e tudo o que ele envolve, constitui acontecimento que fortalece a hipótese de que algo está para além da própria imagem enquanto artefato ou objeto. Nossa Senhora do Carmo é apontada pelos moradores como sendo aquela que detém e integra o território quilombola, que lhe dá, por assim dizer, unidade e sentido. A ideia que conduz esta pesquisa é a de que os santos e, principalmente, Nossa Senhora do Carmo, estão *com os pretos* da vila do Carmo, como companheiros em uma relação descrita como de afeto e consideração. Por isso, vou salientar contextos em que santos e *pretos* são amigos que dividem angústias, pedidos, alegrias, tristezas, festas, trabalho, dentre tantos outros acontecimentos.

Palavras-chave: quilombolas; Nossa Senhora do Carmo; território; santos; mulheres.

Abstract: This dissertation deals with the relations between the residents of Carmo neighborhood with Nossa Senhora do Carmo and other saints. The field research was carried out in the city of São Roque in a territory that is in the process of being officially recognized by INCRA as a quilombola area, more precisely, the village of Carmo. Thus, I seek to investigate what Nossa Senhora do Carmo can as protagonist in the life of the blacks, their history, their kinship and their daily lives. I do this by seeking to highlight the female role in the care of the lives of the residents of Carmo, both on the part of women and the *Santa* itself. The *Santa* was stolen in March 2012, the robbery and all it involves is an event that strengthens the hypothesis that something is beyond her own image, as mere artifact or object. Nossa Senhora do Carmo is pointed out by the residents as the one that owns and integrates the quilombola territory, which gives it, as it were, unity and meaning. The idea that leads this research is that the saints, and especially Nossa Senhora do Carmo, are *with* the blacks of Carmo village, as companions in a relationship described as affection and respect. Therefore, I will highlight contexts in which saints and blacks are friends who share anguish, requests, joys, sadness, parties, work, among many other events.

Keywords: quilombolas; Nossa Senhora do Carmo; territory; saints; women.

SUMÁRIO DE IMAGENS

Imagem 1.....	7
Imagem 2.....	8
Imagem 3.....	39
Imagem 4.....	39
Imagem 5.....	41
Imagem 6.....	41
Imagem 7.....	49
Imagem 8.....	72
Imagem 9.....	74
Imagem 10.....	80
Imagem 11.....	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – O ROUBO DA SANTA	1
A vila do Carmo.....	5
A vila do Carmo hoje.....	7
Contexto da pesquisa.....	12
CAPÍTULO 1 – ELA GOSTA MESMO DE FICAR AQUI: BREVE HISTÓRIA DA SANTA, DOS PRETOS E DO CARMO	20
1.1 Uma história que é da Santa e dos pretos do Carmo.....	21
1.2 A Santa e a formação do bairro do Carmo.....	34
1.3 A Santa, a praça e a capela.....	37
1.4 A festa de Nossa Senhora do Carmo (a Santa e a festa)	43
CAPÍTULO 2 – OS SANTOS FORAM CHEGANDO PARA AMPARAR A SANTA E AS FAMÍLIAS DA VILA	55
2.1 As casas.....	57
2.2 Altares.....	60
2.2.1 Altar de D. Helena e sua filha Gabriela.....	61
2.2.2 Altar de Dona Valentina.....	65
2.2.3 Altar de Nina e seu marido Pedro.....	69
2.3 A festa de São Gonçalo.....	71
2.4 A festa de Nossa Senhora do Rosário.....	76
2.5 A festa de São João.....	77
2.6 A capela de Nossa Senhora Aparecida.....	79
2.7 Nossa Senhora Aparecida.....	83
2.8 A Casa Grande e Senzala do Carmo.....	89
CAPÍTULO 3 – O TERRITÓRIO QUILOMBOLA: SANTA, SANTOS E MULHERES	91
3.1 Narrativas sobre sonhos: o roubo da Santa.....	94
3.2 A Pedra Balão.....	99
3.3 A terra: sabores e temperos femininos.....	102
3.4 As associações quilombolas no bairro do Carmo e o protagonismo feminino.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço aos moradores do Bairro do Carmo, em particular as mulheres da vila que, em um bom encontro tornou possível esta pesquisa. Assim, sou muito grata a D. Tereza, D. Hermelinda, D. Vanessa, D. Natalina, D. Diva, D. Suelen, D. Carminha, D. Maria, D. Cida e as filhas Lidiane, Lidyara e Inayara por cuidarem de minha estadia no bairro, pontuando diálogos, narrativas, evidenciando afeto, carinho e amizade. Para tanto, envolvo e agradeço todas as mulheres do Carmo. Pretendo ainda, levar por toda a minha vida e trajetória acadêmica a voz e a graciosidade delas, os conselhos trocados, as tatuagens igualmente desenhadas em meu corpo e no delas Lidiane, Lidyara e Inayara. Sublinho aqui que aprendi no Carmo a palavra amor, todavia, esta foi compreendida como sinônimo de resistência e de vida.

Sou muito grata ao Felipe Ferreira Vander Velden por seu trabalho e orientação cuidadosa, solícita, gentil e adorável. Conteí com seu apoio ao longo de todo processo de concepção da pesquisa. Fui auxiliada, essencialmente no momento de mudança de campo, permeada por inseguranças e dúvidas, assim no início de 2016 sai do projeto dos quilombolas de Porcinos na cidade de Agudos - SP, e fui aconselhada e orientada por ele para ingressar na comunidade quilombola do Carmo. Desse modo, sou transferida para a cidade São Roque - SP, mais especificamente para o bairro do Carmo, com todo apoio, orientação e cuidado de Felipe, este apresentou de modo muito singular e atencioso o projeto sobre a vila e a história Nossa Senhora do Carmo no interior paulista, apostou na pesquisa e fez com que descobrisse o trabalho de campo, reinventou as melhores percepções de uma estudante de antropologia que acabava de sair da graduação, virou a minha concepção de mundo e de Brasil do avesso, ofereceu um campo repleto de santos e de mulheres demasiadamente graciosas. Assim, descobri com ele a importância da etnografia, do campo com suas inúmeras incertezas, ainda respeitou as minhas dificuldades e inseguranças, teve paciência com a confusão que fazia e, ainda faço, com os autores, também pontuou a relevância e a importância das pessoas que cruzam os nossos caminhos. Para tanto, ter o Felipe como orientador foi um privilégio, ele instiga, inspira, cria e cativa os alunos com seu esforço, afeto e com sua dedicação ao trabalho acadêmico e antropológico. Agradeço, também, pelas aulas ministradas no PPGAS ao longo do mestrado, fundamentais para o amadurecimento da dissertação.

Agradeço ao órgão que viabilizou o financiamento ao longo dos anos de formação e de pesquisa de mestrado: INCRA, sou muito grata ao convênio deste órgão a UFSCar, uma vez que esta associação permitiu a experiência com o RTID da comunidade quilombola do

Carmo. Dessa maneira, fui conduzida e convidada por Felipe Ferreira Vander Velden, mas também por Geraldo Andrello, a participar do relatório antropológico, ambos confiaram na minha capacidade em colaborar com a produção de um laudo e com o desenvolvimento desta dissertação. Sou grata a equipe do INCRA que me acompanhou e auxiliou em vários momentos de campo. Assim, agradeço a Mara, Homero, Paulo, Wellington e Paula, e também a equipe da UFSCar Sheiva, Cilea e Luisa.

Quero agradecer ao Fábio, e toda a equipe da secretaria do PPGAS que solícitamente cuida de todo o processo burocrático necessário a pesquisa.

Agradeço a Geraldo Andrello, por em um primeiro momento ter sido orientador, mas principalmente por ter me amparado, acolhido, no processo seletivo de ingresso ao mestrado, sem o seu auxílio e comprometimento não conseguiria sequer ter desenvolvido esta pesquisa. Sou grata também ao momento posterior no qual ele se torna coorientador, participando da banca de qualificação. Entre várias contribuições, na banca de qualificação, fez-me prestar atenção ao parentesco como mutualidade e reciprocidade, no tratar dos santos, estimulando uma experiência movediça e crítica acerca do meu campo de pesquisa. Ainda, confesso que o Geraldo é demasiadamente gentil e cuidadoso, uma pessoa maravilhosa, um antropólogo singular e incrível.

Sou muito grata também a Clarissa Martins que esteve presente na banca de qualificação, Cla mostrou e pontuou o caminho criativo da escrita, sublinhou as mulheres e as imagens de santo, recomendou-me as coordenadas do movimento feminino sobre meu campo de pesquisa, distorceu a cartografia, reorganizou os capítulos, movimentou a escrita, formulou valiosas indicações bibliográficas. Acompanhando e participando significativamente na condução da pesquisa, foi de encontro com a etnografia, fez o texto junto comigo e com o Felipe, instigando, cuidando e estimulando. Agradeço por todos os autores, por todos os diálogos trocados, por ela ser uma mulher tão ímpar e solícita. Cla é daquelas mulheres que inspiram, sem ela sequer saber. Confesso que depois das indicações dela o meu olhar antropológico sobre as mulheres do Carmo se transfigurou. Para tanto, a reconheço como uma grande antropóloga e amiga. Agradeço ainda, e muito a Thais Mantovanelli pelas trocas e comentários estimulantes, por estar disposta a ouvir e contribuir, por sempre estar *junto e com* Cla.

Agradeço pela interlocução atenciosa de Mirian, pela amizade, parceria acadêmica, pelos bons momentos de troca, diversão e contribuições significativas. Mas também por tudo que me ensinou a respeito da construção narrativa do texto etnográfico, por ler cuidadosamente, corrigir, direcionar a escrita da pesquisa. Tive o privilégio de ter ela comigo

em todo o processo de desenvolvimento da escrita. Assim, como Cla, Miriam também é destas mulheres que sequer sabem o quanto inspiram e instigam criatividade, ela exala afeto e comprometimento. Sou muito grata por ela ter me proporcionado confiança e serenidade, oferecendo a mim todo o suporte necessário.

Sou grata as minhas colegas de turma em especial Sarah acompanhou a minha trajetória, uma querida amiga de todas as horas. Agradeço também Tamires, Adla, Tulio e Ana Elisa.

Quero também agradecer amizade de Camila, pela companhia e auxílio nesta reta final do mestrado, por dividir comigo trajetórias, desejos, e ensinamentos de por um fim na escrita da pesquisa, dividindo comigo alegrias, angústias e medos. Agradeço também pela generosidade, e por diálogos recheados de afeto.

Quero ainda registrar meu grande agradecimento a minha avó Heliana, por virtude ou ainda presságio do destino ela faz aniversário no dia 16 de julho, o mesmo dia de Nossa Senhora do Carmo. Assim, tenho enorme sentimento de gratidão por ela, pelo apoio incondicional ao longo de toda a minha vida e trajetória acadêmica, mas essencialmente por ela ter auxiliado e permeado meu curso de graduação em ciências sociais com ênfase em antropologia na UFSCar, permitindo que sua neta saísse de Uberlândia - MG aos 20 anos de idade e fosse residir na cidade de São Carlos - SP para estudar. Sou grata ao apoio e incentivado ao ingresso no mestrado em antropologia no PPGAS. Mas também, por ela ter se desdobrado emocionalmente e financeiramente, por ainda ter virado sua vida acadêmica do avesso para cuidar de mim e do meu irmão. Dessa maneira cuidadosa, ela vai lendo tudo que escrevo, corrigindo, criticando, pontuando, aconselhando, e amando. Minha avó consegue ser a mulher mais compreensível e inclusiva que conheço. Heliana, sem sobre de dúvidas, é a minha maior inspiração de escrita e de vida. Desse modo, dedico a ela esta pesquisa, por tanto afeto, respeito, carinho, ternura, logo, fica difícil escrever apenas a expressão "muito obrigada avó", mas ainda assim, prometo sublinhar por toda vida o melhor que ela faz pelos seus.

INTRODUÇÃO - O ROUBO DA SANTA

A noite do dia 13 de março de 2012 estava fria, uma terça-feira. O cenário é a vila do Carmo, bairro rural localizado na cidade de São Roque, pequena cidade no interior do estado de São Paulo. A noite era escura, a lua não estava no céu, tampouco as estrelas. A Quaresma estava em seu início e tudo parecia estremecido e nublado. Este dia 13 de março de 2012 corresponde ao dia em que a imagem de Nossa Senhora do Carmo, que adornava o centro do altar da capela do Carmo, foi furtada de sua morada. Os moradores contam que a fechadura da porta dos fundos da capela foi arrombada, assim como a janela de vidro lateral, quebrada. O Carmo fica a aproximadamente 70 km da cidade de São Paulo, e a capela está situada na parte central vila, em uma rua que tem o mesmo nome da Santa, Nossa Senhora do Carmo. O furto foi descoberto na manhã de quarta-feira, quando uma das moradoras percebeu que o referido vidro da capela estava quebrado. As senhoras idosas do Carmo, fiéis devotas de Nossa Senhora, relatam que o roubo da Santa é um grande mistério que precisa ser desvendado, mas os suspeitos são todos obscuros e incertos.

Os residentes da vila afirmam com frequência a enorme importância de Nossa Senhora do Carmo em suas vidas. Segundo eles, ela foi encontrada por seus antepassados, ou como eles os chamam, pelos *negros de antigamente*¹. A Santa foi descoberta por eles, encontrada em um poço muito próximo de onde posteriormente foi construída a capela do Carmo, em uma narrativa que evoca a história de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. Desse modo, foram os ascendentes dos moradores que formaram a vila e construíram a capela em homenagem a Santa do Carmo, em meados do século XVIII. Desde então, os pretos do Carmo se encontram sobre sua proteção.

A imagem da Santa do Carmo tem mais de 200 anos, pesa 30 kg, mede 60 cm de altura e tem características barrocas. No dia em que foi roubada, ela usava um manto marrom com fita lilás e um broche de ouro. Nossa Senhora do Carmo é a padroeira dos pretos da vila e tem grande valor cultural e histórico, essencial na trajetória dos residentes do Carmo. Além da Santa ser reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural, a Comunidade Remanescente de Quilombo

¹Sobre as notações utilizadas neste trabalho, opto pela grafia em itálico como sinalização para os termos enunciados por meus interlocutores em campo, os termos nativos. Para as citações bibliográficas, opto pela grafia com aspas duplas. Para não sobrecarregar o texto, nas aparições subsequentes, utilizarei a grafia normal.

do Carmo é reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombo.

Rebeca Campos Ferreira, antropóloga e pesquisadora pela Universidade de São Paulo (USP), foi a responsável por denunciar o furto da Santa para a Polícia Federal². A antropóloga desenvolvia, naquele período do furto, uma pesquisa na Comunidade do Carmo auxiliando os moradores no processo de identificação territorial e titulação das terras quilombolas. Rebeca pontua que o roubo da Santa pode ter sido um aviso aos moradores por conta das reivindicações pelas terras: ela acredita que o crime não foi praticado por um colecionador, tampouco por um ladrão comum, mas sim por alguém que queria atrapalhar o processo territorial quilombola.

Um fato intrigante é que três dias após o roubo da imagem, os moradores encontraram o manto marrom, que recobria Nossa Senhora do Carmo, com o seu broche de ouro no quintal da casa de um dos moradores do bairro. O roubo da Santa também teve repercussão em vários jornais do estado de São Paulo³ e, na maioria das reportagens, os policiais que investigaram o caso acreditavam que a Santa foi roubada por colecionadores de arte sacra. Todavia, até o momento da escrita desta dissertação, a Santa não havia sido recuperada e não se sabe de seu paradeiro.

Os moradores da vila do Carmo são bastante eficientes em obter informações sobre a vida alheia, sobre movimentações corriqueiras de vizinhos, e em fazer especulações diversas sobre o que acontece na vila. Apesar disso, a maior parte dos acontecimentos que levaram ao roubo da santa escapam ao conhecimento dos moradores. Supõe-se que a Nossa Senhora do Carmo, como vimos acima, foi levada da igreja por meio de uma janela de vidro lateral da capela, quebrada para que o ladrão tivesse acesso ao seu interior. Mas, como os próprios fiéis admitem, *o que de fato aconteceu é um mistério!*

Embora o roubo seja revestido de mistério, e o paradeiro atual da imagem continua desconhecido, as pessoas do Carmo têm várias teorias sobre o local de seu esconderijo, e a principal delas sustenta que a Santa está escondida na Pedra Balão, um local importante para os moradores da vila, historicamente associado à Nossa Senhora do Carmo, como se verá. Quando surgiu o boato a respeito do possível paradeiro da Santa, uma procissão foi organizada para buscá-la, mas ela foi malsucedida; eles contam: *fomos lá tarde da noite,*

²<<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,santa-e-furtada-de-capela-em-sao-roque-sp,848451>> Acesso em: 03 dez. 2019.

³<<https://www.cotiaecia.com.br/2012/03/imagem-do-seculo-17-e-furtada-de-capela.html>> Acesso em: 03 dez. 2019.

reviramos tudo, mas não achamos nada. Diz-se, em outra versão que conjectura sobre a localização da Santa desaparecida, que um morador do bairro teria sido o autor do roubo, mas não devolve a imagem por conta de uma profecia que reza que, se o fizer, morrerá logo em seguida.

É importante destacar que a Santa foi roubada durante o período da Quaresma. Os católicos da vila contam que a vida fica perturbada nessa época, pois são quarenta dias de influências mundanas, quando os espíritos do mal vagam soltos e é preciso redobrar a fé e a devoção nos santos. Nesse período, todas as festas de santos têm que ser canceladas e não é recomendado sair muito de casa. Os moradores questionam: *seria simples coincidência a santa ter sido roubada justamente neste período?* Nossa Senhora, neste sentido, deixou a capela num momento em que não deveria fazê-lo.

Os moradores do Carmo explicam que o roubo foi uma tragédia que abalou a vida dos residentes da vila, mas eles continuam rezando, pedindo proteção à Santa, e muitos têm esperança de que um dia ela retornará. Ainda segundo os moradores, o fato de a imagem ter sido roubada não significa que ela não esteja aqui com a gente, o que aponta para uma presença da Santa que está aquém ou além do próprio objeto, da imagem de Nossa Senhora; mesmo assim, a volta da imagem seria de fundamental relevância. Isso porque, apesar do roubo da imagem, a fé e a devoção à Nossa Senhora do Carmo permaneceram e a festa em seu louvor ainda é realizada todos os anos. Além disso, a própria territorialidade do Carmo passa, em muitos sentidos, pela presença da Santa ali no coração, geográfico e histórico, da vila do Carmo.

Um outro fato interessante de se notar é que o dia 16 de julho corresponde ao dia em que a Igreja Católica celebra a festa litúrgica⁴ de Nossa Senhora do Carmo. Para os moradores da vila, contudo, este é o dia em que a Santa foi encontrada pelos pretos de antigamente ou africanos. Em virtude disso, os residentes da vila realizam uma festa para celebrar a Santa no final de semana mais próximo ao dia 16 de julho. Desde 2012, entretanto, a festa tem sido realizada sem a presença da imagem original, mas de uma *substituta*, o que é motivo de muita tristeza para os moradores do Carmo.

Alguns dias após o roubo da Santa, o padre da capela e os moradores da vila decidiram, assim, que outra imagem deveria ficar no lugar da Nossa Senhora do Carmo

⁴“Festa litúrgica” é uma celebração inferior a uma “solenidade” católica. Solenidades são, por exemplo, o Natal e a Páscoa. Uma festa litúrgica pode ser dedicada aos apóstolos, mártires ou alguns santos especiais, como Nossa Senhora do Carmo, que possuem um grau de importância significativo em cada comunidade. Fonte: <<https://formacao.cancaonova.com/liturgia/catequese-liturgica/qual-diferenca-entre-solenidade-festa-e-memoria/>> Acesso em: 03 dez. 2019.

furtada. Apesar de outra imagem ter sido posta no lugar da Santa roubada, esta, a original, não pode ser simplesmente substituída: primeiro porque, diferentemente das outras representações tradicionais de Nossa Senhora do Carmo, a verdadeira não leva o menino Jesus no colo; segundo, porque é uma imagem datada do século XVII, considerada patrimônio histórico e vem sendo procurada pelo IPHAN desde o seu roubo. Não obstante, a importância da Santa não advém somente do fato dela ser um patrimônio nacional protegido por lei (além, claro, de uma valiosa peça de arte sacra⁵), mas, sobretudo, porque esta imagem de Nossa Senhora do Carmo constitui peça fundamental na construção da religiosidade, da história e da identidade dos moradores da vila do Carmo, como pude notar nas falas de muitos dos moradores – e como veremos ao longo desta dissertação –, que se ressentem amargamente do sumiço e do paradeiro desconhecido de sua principal referênciareligiosa.

Diante da importância da Santa para os moradores e para a história da vila do Carmo, o roubo da Santa chamou-me a atenção desde o início de minhas atividades em campo. Passei a ser motivada pela evidente ligação entre o território e seus ocupantes, considerados como remanescente de quilombo, e a figura de Nossa Senhora do Carmo (bem como a de outros santos relevantes para os moradores da vila), presentes ali, ambos, os pretos e a Santa, há séculos. Desse modo, pretendo explorar, neste texto, as concepções que as pessoas têm acerca das relações entre a terra e a Santa e como essas afinidades⁶ dão sustentação ou influenciam o cotidiano e as relações entre os moradores do Carmo, assim como se revelam centrais na definição do próprio território quilombola do Carmo, atualmente em processo de identificação e, naturalmente, objeto de disputas.

Esta dissertação, portanto, objetiva descrever e analisar as relações entre os pretos, a Santa e o território, relações que marcam fortemente a história e a vida dos moradores da vila do Carmo. Busco, assim, investigar “o que Nossa Senhora do Carmo pode”, não apenas enquanto uma imagem histórica do século XVII, ou no que se refere a materialidade de um objeto (furtado e, até o momento, desaparecido), mas também como

⁵As imagens sacras, no decorrer da história do Brasil, participaram e participam de cerimônias e festividades, ocasiões nas quais precisam ser vestidas, carregadas por andores pelos fiéis, enfeitadas com manto, coroa e broche, como salienta Alcântara (2008). O autor destaca algumas imagens sacras de Nossa Senhora, datadas do século XVIII, que não possuíam o menino Jesus nos braços, como é o caso de N. S. do Carmo, N. S. da Conceição, Santa Luzia, Santa Bárbara e N. S. do Rosário.

⁶Quero destacar que uso o termo “afinidade” aqui não no usual sentido antropológico, do parentesco por aliança ou casamento, mas no sentido comum, cuja definição dicionarizada informa: “semelhança ou conformidade de gostos, sentimentos, pontos de vista, simpatia ou entendimento entre pessoas em função dessa semelhança ou conformidade, semelhança de traços ou características inerentes a duas ou mais coisas” (Dicionário Aulete Digital, <<http://www.aulete.com.br/afinidade>> Acesso em: 22 nov. 2019).

algo que pode estar aquém ou além do objeto em si – o que, como se sabe, caracteriza as imagens de santos no catolicismo, ao mesmo tempo artefatos materiais e o própria personagem sagrado que a imagem presentifica (muito mais do que representa). Mostro e realço a Santa enquanto protagonista na vida dos pretos, de sua história, em suas relações de parentesco e em seu cotidiano. Logo, o roubo da Santa, e tudo o que ele, envolve é um acontecimento que fortalece a hipótese de que algo está para além da própria imagem, que a imagem da Santa mobiliza e cria relações que não são necessariamente relacionadas ao objeto, à imagem dela em si – e é por esta razão que escolhi o evento do roubo para introduzir a discussão apresentada nesta dissertação. Assim, Nossa Senhora do Carmo é apontada pelos moradores como sendo aquela que detém e integra o território quilombola, que lhe dá, por assim dizer, unidade e sentido: é por esta razão que, tal como afirma o título desta dissertação, se pode dizer que o território quilombola é dela, da Santa. Para evidenciar essa relação, ao longo da dissertação, descreverei etnograficamente a relação entre a “terra de santa” e a “terra de preto”, a partir das interconexões que as pessoas do Carmo fazem entre sua história e a história de Nossa Senhora do Carmo (que, em larga medida, se confundem), salientando as mobilizações pelo reconhecimento territorial quilombola como uma das manifestações mais recentes desta relação histórica secular.

Desse modo, a conexão entre Santa, território e os pretos é o cerne das relações que são tramadas na vila do Carmo, e esta pesquisa dedicou-se a compreender a natureza destas relações no cotidiano dos moradores da vila e, sobretudo, nas suas ações e reflexões em torno do seu território, neste momento objeto de identificação e, por isso mesmo, alvo de disputas com diferentes poderes e agentes que cercam a vila, e com os quais os quilombolas têm que se haver há séculos. Por esta razão, é imprescindível começarmos com a descrição deste lugar: o local onde vivem os moradores, onde a Santa foi encontrada, onde residia e de onde foi roubada, e onde esta pesquisa foi desenvolvida.

A vila do Carmo

A maioria dos moradores da vila do Carmo descende, como dizem, *dos negros de antigamente*, dos escravos que pertenciam à Província Carmelitana Fluminense (PCF), braço da ordem carmelita que, no século XVIII, era proprietária da antiga Fazenda do Carmo, conhecida também como Fazenda Sorocamirim, uma enorme propriedade fundiária existente desde o século XVIII Molina (2006). Foi apenas no início do século XX que alguns dos ex-escravos alcançaram a condição de arrendatários, como pequenos fazendeiros livres, mediante um pagamento mensal à PCF pelo uso das terras da fazenda.

Contudo, o território arrendado por seus descendentes só fez diminuir: houve sucessivo, contínuo e violento processo de expropriação das terras dos pretos do Carmo, a partir do momento em que a fazenda se dissolve e suas terras são parceladas. Invasões, trocas desiguais – dadas as relações de patronagem que envolviam sujeitos em desequilíbrio de poder – e expropriações que marcaram os séculos XIX e XX, transações formais e informais que reduziram drasticamente a antiga área da Fazenda do Carmo que foi ocupada pelos ex-escravos, que permaneceram na área após 1888. Os conflitos fundiários seguiram até a década de 1970, quando se estabeleceram outros interesses imobiliários, motivados pela implantação de um condomínio fechado de alto padrão na região, entre outros empreendimentos (Ferreira, 2013), evidenciando, desta forma, que os processos de expropriação dos pretos do Carmo não foi interrompido, permanecendo até os dias de hoje, no contexto em que o território – agora ressignificado como “remanescente de quilombo” – se encontra em disputa aberta.

Vale dizer, aqui, que muitos moradores do Carmo disseram que seus pais e avós, que ali nasceram e moraram a vida inteira, trocaram seus lotes de terra por lenha, alimento e até mesmo vestimentas (um lote de terra por um paletó, por exemplo), por obra dos poderes locais interessados nas terras da antiga fazenda ao longo da primeira metade do século XX. Além disso, relataram também que muitas vezes as expropriações territoriais davam-se de maneira extremamente violenta, até mesmo com casos de morte registrados.

Os moradores da vila têm consciência da transformação territorial pela qual a comunidade passou e vem passando, eles e elas têm consciência de seu vínculo tradicional com a terra. Sendo assim, no ano de 1999, os residentes do Carmo organizaram-se em torno de uma primeira associação quilombola e, no ano 2000, passaram a ser reconhecidos dentro da categoria “comunidade remanescente de quilombo” pela Fundação Cultural Palmares (FCP), órgão federal responsável por esta identificação. Desde então, passaram por uma trajetória de três associações que buscaram o reconhecimento territorial enquanto remanescente de quilombo e, por conseguinte, a garantia de seu território, que é também o território de Nossa Senhora do Carmo.

Assim, adiante, apresentarei a vila do Carmo hoje, com algumas das atuais referências territoriais que constituem as fronteiras do bairro, que são, naturalmente, distintas daquelas iniciais da Fazenda Sorocamirim, e que se baseiam em três pontos: o Condomínio Patrimônio do Carmo, a Fazenda Icarai e a Casa Grande com a senzala anexa (que se localizam em um terreno que pertence à Prefeitura de São Roque). No entanto, os moradores enfatizam que, antigamente, não havia divisão desses três espaços que hoje

sufocam o território quilombola. A história fala que, antigamente, dado o absenteísmo dos carmelitas – que, ao que parece, raramente apareciam na Fazenda do Carmo – os escravos espalharam-se pela propriedade, assumindo largamente o controle do espaço que pertencia, nominalmente, à ordem religiosa (Molina, 2006, Stucchi e Ferreira, 2009). Era ali que os pretos plantavam, faziam carvão, produziam farinha no monjolo (que chamam de minjolo) e residiam espalhados por aquele território que englobava toda a Fazenda.

A vila do Carmo hoje

A vila do Carmo (também conhecida como bairro do Carmo) está localizada na zona rural do município de São Roque – SP, próxima à estrada do roteiro turístico do vinho (a Rota do Vinho), a aproximadamente 20 km da sede do município e acerca de 70 km do centro da capital do Estado de São Paulo.



Imagem 1: O município de São Roque no Estado de São Paulo (Fonte: Wikipédia).

O bairro é formado por aproximadamente 160 famílias, cerca de 570 pessoas, acomodadas nos arredores da capela de Nossa Senhora do Carmo, que constitui o centro geográfico e simbólico-religioso da vila. De acordo com Stucchi e Ferreira (2009), no começo do século XX, a área ocupada pelas famílias media 4.598 hectares, mas, atualmente, os aproximadamente 700 moradores vivem em apenas 16 hectares. Importante esclarecer que nem todos os atuais residentes no Carmo são descendentes dos antigos escravos dos carmelitas: após a extinção da Fazenda Sorocamirim, e ao longo do

recorrente processo de expropriação fundiária já mencionado acima, muita gente de fora veio a se instalar no bairro. Não obstante, a própria cidade de São Roque reconhece o Carmo como um “importante quilombo” e tem a Festa de Nsa. Sra. Do Carmo, realizada no Bairro do Carmo, como uma das festas religiosas mais tradicionais da cidade⁷.



Imagem 2: visão do bairro do Carmo. (Fonte: acervo da pesquisadora).

Administrativamente, a vila faz parte de um bairro rural do município de São Roque, e está localizada – prensada, poderia dizer – entre o Condomínio Patrimônio do Carmo, a Fazenda Icarai e uma área pertencente à Prefeitura de São Roque, que inclui a Casa Grande do Carmo e sua senzala anexa, que relembram o passado de escravidão que liga os atuais moradores do Carmo aos seus ascendentes, escravos e ex-escravos, da antiga Fazenda do Carmo ou Sorocamirim.

Souza (2016) enfatiza que, por volta de 1970, uma empreiteira – a Karpagil Empreendimentos Agropecuária e Rurais – adquiriu, de uma só vez, uma faixa territorial de 400 alqueires e, dentro desta área, instalou o condomínio nomeado Patrimônio do Carmo. O condomínio é encarado de modo ambíguo pelos moradores do Carmo, uma vez que foi o responsável por uma maior oferta de empregos (tanto para os migrantes como

⁷<<http://www.informasaoroque.com.br/calendariodeeventos.htm>>Acesso em: 12 mar. 2018

para os moradores da vila), ao mesmo tempo em que é uma presença opressiva e que representa uma ameaça – talvez a maior – para o reconhecimento formal do território quilombola. Alguns moradores mencionam que a cada dia que passa o Patrimônio coloca a cerca dele mais perto da vila, e que, a cerca anda e encurrala a gente.

O Patrimônio do Carmo faz divisa com a vila e com a Fazenda Icaraí, propriedade de um grupo sul-coreano, que tem aproximadamente 240 alqueires. Muitos relatam que, nestas terras, planeja-se a implantação de hotéis de luxo e do maior campo de golfe na América Latina, mas até o momento atual da pesquisa nenhum destes projetos foi executado, e não disponho de informações oficiais a respeito. Mesmo assim, se a apropriação do território não acontece a partir do campo de golfe ou dos hotéis, ela ocorre através de arrendamentos de partes da fazenda para a criação de gado. Os moradores do Carmo consideram os arrendamentos como uma investida contra sua presença e ocupação, um desperdício de uma terra fértil, com muitas nascentes de água que poderiam ser utilizadas para o plantio, como eles apontam: *antigamente meus pais plantavam cenoura, mandioca, tomate, naquelas terras, [quando] alguns dos nossos antepassados residiam na Icaraí* [ou seja, nas terras da antiga Fazenda que, hoje, pertencem à Fazenda Icaraí]. Hoje, vários pontos importantes para a comunidade – como a Pedra Balão e duas piscosas represas, que fazem parte da história dos pretos, e das memórias dos mais velhos hoje – encontram-se dentro dos limites da fazenda, e com acesso proibido aos pretos.

A Casa Grande e a Senzala fazem divisa com o território de propriedade do grupo sul-coreano e pertencem (junto com o terreno que ocupam) à prefeitura de São Roque desde 2005, numa área que cobre aproximadamente 25 hectares. Os moradores relatam que, antigamente, plantavam alcachofras, alface e repolho naquele território. Atualmente, as duas construções encontram-se degradadas e abandonadas, tanto o casarão como a senzala, e as terras não estão sendo utilizadas, embora a prefeitura tenha sinalizado, tempos atrás, como recordam, pela transformação do conjunto arquitetônico em um museu e parte dos roteiros turísticos do município. Ainda assim, a Casa Grande é um local de considerável importância para o desenvolvimento desta pesquisa, e para os moradores da vila, pois ela era um dos pontos de peregrinação religiosa: *na procissão dos antigos, os santos saíam das casas das pessoas e seguiam em direção à propriedade*. Muitos moradores contam que ali também é um local dos pretos e dos santos, discussão que será melhor elaborada no segundo capítulo.

Estas três propriedades constituem os limites do Carmo hoje, e conformam a luta da população quilombola local contra a continuada expropriação fundiária. Mas há muitas

outras referências geográficas e territoriais que fazem a comunidade remanescente de quilombo do Carmo “de dentro”, por assim dizer, ao operarem através da identificação entre os pretos do Carmo, Nossa Senhora e as terras, que são, ao mesmo tempo, dos pretos e da Santa. O laudo antropológico de autoria de Deborah Stucchi (2009), com a colaboração de Rebeca Campos Ferreira, intitulado “Os Pretos de Nossa Senhora do Carmo: Estudo Antropológico sobre uma comunidade Remanescente de Quilombo no Município de São Roque – SP” deixa evidente a relação intensa e duradoura entre os descendentes de escravos (e seus agregados por casamento e outras formas de relações), os moradores do atual bairro do Carmo e o território da antiga Fazenda do Carmo, cujas terras acabaram por ser identificadas com Nossa Senhora do Carmo (ou seja, se tornaram “terras da santa”). Deste modo, segundo as autoras, os escravos, ao longo do tempo (e muito em função do já mencionado absentéismo dos proprietários das terras e das pessoas, a Província Carmelitana Fluminense), se tornam “escravos da santa” e as terras se tornam “terras da santa”; assim, logicamente, se ambos, escravos (e seus descendentes hoje que continuam servindo à santa) e terras, pertencem à Santa, os negros se tornam irremediavelmente ligados às referidas terras, que se convertem, então, (também) em “terras de preto”.

Os 300 anos de história da comunidade escrava nas terras da antiga Fazenda do Carmo sugerem que uma comunidade com fortes laços internos e com larga dose de distinção (sobretudo religiosa), com relação às comunidades e bairros vizinhos, se formou ali na vila do Carmo. Prova disso é o reconhecimento que a própria comunidade demonstra em relação à sua história e à sua especificidade diante outros bairros da própria cidade de São Roque e de outras cidades vizinhas.

O laudo ainda é contundente quanto ao processo esmagador de espoliação das terras ocupadas centenariamente pelos negros, processo especialmente acirrado desde os primeiros anos do século XX, quanto a região de São Roque se dinamiza economicamente. A violenta tomada da maior parte dessas terras pelos poderosos e pelas autoridades locais ao longo do século XX representou sofrimento e, em muitos casos, dispersão da comunidade. A partir disso, muitos moradores da vila passaram a prestar serviços, principalmente ao condomínio Patrimônio do Carmo, como disse. As mulheres possuem carteira assinada como empregadas domésticas e os homens trabalham como jardineiros, eletricitas e limpadores de piscinas, embora a demanda de emprego para eles seja mais reduzida e intermitente. As frases como *nós mulheres temos carteira assinada e os homens não, ou ser homem e conseguir emprego fixo é complicado por aqui*, aparecem em muitas

conversas que tive em campo.

As crianças e os jovens têm acesso à educação por meio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Rabindranath Tagore dos Santos Pires, situada na vila e que atende os moradores do bairro e das regiões próximas. Os professores contratados são de fora do bairro, e as merendeiras e inspetoras de pátios são residentes da vila. Quando chegam ao Ensino Médio, a maioria dos jovens vai estudar na cidade vizinha, Vargem Grande Paulista – SP, ou no próprio município de São Roque. Existe uma Unidade Básica de Saúde onde algumas mulheres da vila trabalham como auxiliares de enfermagem e secretárias, sendo que as enfermeiras e a médica não residem no bairro. Durante a minha estadia, ouvi muitas reclamações sobre a falta de remédios na unidade de saúde e sobre a oferta de atendimento médico, que é pequena: *apenas uma médica atende todo o Carmo*. Todos, ali, são unânimes em afirmar as condições difíceis vivenciadas pela comunidade, incluindo o percebido descaso por parte da prefeitura de São Roque e o oportunismo dos políticos, que só dão as caras em tempos de eleição.

No centro do bairro está a capela principal, a de Nossa Senhora do Carmo, que nomeia a vila. Bem próxima a ela existe outra capela, de tamanho reduzido, que corresponde à capela de Nossa Senhora Aparecida. Além das capelas, há no bairro cinco templos evangélicos: Jesus Cristo é o verdadeiro Deus, O Altar é o Senhor, Assembleia de Deus Ministério de Belém, Assembleia de Deus Renovo e, por fim, Congregação Cristã do Brasil. O calendário religioso (dos católicos) é bastante intenso: procissões, novenas, festas, excursões e romarias são realizadas ao longo de todo ano. É fundamental incluir estas informações a respeito dos variados templos religiosos no Carmo porque, como se verá, tamanha é a importância de Nossa Senhora para os moradores da vila que não apenas sua capela constitui o centro do território do Carmo, mas sua presença, a da Santa, produz uma forma de experiência das religiões evangélicas muito peculiar, na qual os fiéis dessas denominações não recusam a presença da Santa, reconhecendo sua centralidade na definição da própria identidade, dos valores e da história dos moradores dali.

Portanto, a vila do Carmo é um bairro, localizado na zona rural de um município do interior paulista, onde os moradores descendem de pessoas que foram escravizadas pela PCF nos séculos XVIII e XIX, na Fazenda do Carmo ou, como também era chamada, Fazenda Sorocamirim. As terras desta fazenda foram identificadas, tanto antropológica (Ferreira, 2009) quanto historicamente (Molina, 2006), como propriedade de Nossa

Senhora do Carmo⁸, havendo, ainda, muita incerteza quanto ao real estatuto jurídico – a quem pertence, afinal? – do território em que localiza a vila. Embora essas terras sejam da Santa, a padroeira da vila, os moradores vivem atualmente espremidos em apenas 16 hectares, e lutam há anos para ter o seu território reconhecido, que incluía também as áreas do entorno que foram ocupadas, tempos atrás, tanto pelos escravos dos carmelitas como por seus descendentes após a Abolição e a extinção da fazenda. A capela da Santa manteve-se dentro do território que hoje compõe a vila, tendo, inclusive, uma posição central, assim como Nossa Senhora é central nas relações dos moradores. Desse modo, o intuito, ao descrever a vila, foi o de apresentar este local como sendo um lugar da Santa e dos pretos, questão que será melhor desenvolvida ao longo do texto que se segue. Antes, a seguir, descrevo a minha inserção nesse território, que é da Santa, e a trajetória desta pesquisa.

Contexto da pesquisa

Esta pesquisa se insere no contexto do Termo de Execução Descentralizada, celebrado entre a Universidade Federal de São Carlos e a Superintendência Regional do INCRA em São Paulo, do qual faço parte como membro da equipe da UFSCar, e que visa a produção de laudos antropológicos para a titulação de duas terras quilombolas no interior do estado de São Paulo: a Comunidade Remanescente de Quilombo do Espírito Santo da Fortaleza de Porcinos, no município de Agudos, e a Comunidade Remanescente de Quilombo do Carmo, no município de São Roque, da qual se ocupa esta pesquisa. Assinado no segundo semestre de 2015, este convênio previu a realização de pesquisas documentais e etnográficas ao longo dos anos de 2016, 2017 e 2018, com a conclusão dos trabalhos e apresentação dos laudos em setembro de 2019. Atrasos nos repasses de recursos, além de um novo aporte, no final deste ano de 2019, determinaram a prorrogação do prazo de execução dos trabalhos, que, no presente momento, ainda não foram concluídos, devendo ocupar ainda uma parte do ano de 2020.

O convênio⁹ coincidiu com meu ingresso no mestrado e acabou sendo de

⁸Em várias partes do Brasil, existem terras que pertencem a santos e santas, chamadas, comumente, de “terras desanto”(Almeida, 1989).

⁹Fui convidada pelo Prof. Felipe Ferreira Vander Velden, mas também pelo Prof. Geraldo Andrello, para participar da pesquisa com vistas à produção do relatório antropológico. Ambos confiaram na minha capacidade em colaborar com a produção de um laudo e com o desenvolvimento desta dissertação. Assim, no início de 2016 desloquei-me para a cidade São Roque – SP, mais especificamente para a vila do Carmo, com todo apoio, orientação e cuidado de Felipe.

fundamental importância para minha pesquisa, pois os recursos oriundos do INCRA e disponibilizados pela parceria permitiram que eu entrasse em um contato intenso e longo com a vila do Carmo. A situação de trabalho exposta, então, possibilitou que eu tivesse uma experiência com a pesquisa para a formulação de um laudo, mais especificamente um Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do território quilombola do Carmo, no município de São Roque, e uma inserção no Bairro do Carmo, através de visitas periódicas que ocorreram entre março de 2016 até novembro de 2018, com uma espécie de dupla posição: como membro da equipe designada para levantar os dados necessários ao RTID, e como pesquisadora interessada em outras (ainda que correlatas) questões destinadas à minha própria pesquisa de mestrado, e que resultou nesta dissertação.

A minha primeira visita ao Carmo foi no dia 23 de março de 2016, quando acompanhei a antropóloga Luísa Fanaro, também integrante da equipe, em uma reunião da Associação do Remanescentes de Quilombo de Nossa Senhora do Carmo. A partir deste dia, estive por vários períodos no bairro. Entre julho e setembro de 2016 foi executada a imersão mais longa em campo. Em outubro de 2016, acompanhei o pessoal da vila em uma peregrinação religiosa até a cidade de Aparecida – SP, onde se localiza o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Em abril, maio e julho de 2017 e, novamente, em março, abril e novembro de 2018, foram feitas incursões em campo mais breves, para o acompanhamento das reuniões realizadas entre a comunidade e as equipes do INCRA e da UFSCar. Assim, pude participar do cotidiano do bairro do Carmo, conviver com seu universo de concepções, valores, emoções, comportamentos e atividades, além de tomar parte nas discussões e atividades relacionadas ao corrente processo de identificação do território quilombola. Ao todo, foram 112 dias em campo.

Durante a minha estadia em campo tive poucos embaraços e fui muito bem recebida. Em um primeiro momento, morei em um dos alojamentos anexos à Igreja de Nossa Senhora do Carmo e, posteriormente, fui acolhida por duas senhoras. A primeira delas a me acolher em sua casa foi D. Lavínia¹⁰, com quem morei pelo mês de julho de 2016; a segunda foi D. Helena, que me abrigou nos meses de setembro e outubro de 2016, e, agora, sempre que volto ao bairro do Carmo ou a Vargem Grande Paulista, fico na casa dela ou na de uma de suas filhas. Cabe ressaltar que D. Lavínia é uma das senhoras mais antigas da vila e participa ativamente da organização da festa da Santa do Carmo desde criança. Já D. Helena é a responsável, na comunidade, pela festa de São Gonçalo. A

¹⁰Com o intuito de preservar a identidade de meus interlocutores, e com consentimento dos mesmos, todos os nomes utilizados nesta dissertação são fictícios.

convivência com as duas senhoras e suas famílias permitiu que eu tivesse contato bastante estreito com estes ritos importantes do calendário festivo da vila do Carmo.

Posto que, com as filhas de D. Helena, principalmente com Manuela, Cecília, e Gabriela, criei uma relação forte, arrisco nomear esse vínculo, dentro dos termos antropológicos de “parentesco por afinidade”, no sentido de afeto como sinônimo de amor e cuidado, que cria amizade e envolvimento. Assim, passei a maior parte dos meus dias e do meu tempo em campo com elas, que direcionavam meu caminho para que eu conhecesse as casas, os parentes, os amigos, as festas, as viagens, a Santa, os outros santos e as paisagens. Compartilhamos vidas, histórias, comidas, roupas, alegrias, lágrimas, dores e até mesmo sangue, este último como fruto de três tatuagens que nós quatro fizemos juntas, desenhos e gravuras escolhidas por elas e marcados em nosso corpo, assinalando minha imersão e proximidade com o bairro do Carmo, mas, principalmente, nossa relação de amizade e aconchego, como elas mesmas denominam. Assim sendo, fui atravessada por estas mulheres, e muito da inspiração desta dissertação reside, em grande medida, no meu vínculo com elas, nos muitos diálogos travados. Dentre as infinitas prosas, guardo uma frase que a mãe (D. Helena) me deu de presente:

Sabe menina Ana, eu não fazia ideia que pretos poderiam ter filhos brancos, nem que brancos poderiam gostar tanto de pretos, mas a vida veio e tumultuou tudo e me deu você, engraçado este negócio de vida, quando a gente vê tem filha branca e quando vê estamos amando como se fosse preta (D. Helena, 2016).

Nas primeiras etapas da pesquisa de campo, o fato de dois trabalhos distintos estarem sendo por mim conduzidos simultaneamente – a pesquisa para o RTID e a pesquisa para minha dissertação –, contribuiu para que eu fosse chamada de “INCRA” e bastante associada às funções do Estado exercidas ou propiciadas por este órgão. No início, o trabalho com o laudo implicava em olhar para o território de uma maneira mais técnica, burocrática e que envolvia trabalhar principalmente com mapas, GPS, genealogias, cadastros, cartografias e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Contudo, mesmo no momento dessa construção do laudo segundo moldes técnicos, já se mostrava necessário mencionar a importância da Santa e dos santos que apareciam constantemente nos relatos dos moradores da vila e na história do Carmo. Ou seja: sempre se mostrou impossível abordar o território quilombola do Carmo, por qualquer critério que fosse, sem que Nossa Senhora do Carmo e outros santos estivessem implicados e fossem insistentemente evocados pelos moradores, tanto nas suas memórias

quanto nas suas experiências atuais.

É importante esclarecer que as comunidades remanescentes de quilombo ganharam existência para o Estado a partir da Constituição de 1988, por meio do artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias. Segundo Perutti (2015: 20), o artigo 68 trouxe mudanças significativas, uma vez que determina que, quando um coletivo se reconhece como quilombola, tal processo pressupõe a configuração de relações específicas com o Estado, e tal reconhecimento deve ser entendido menos como um ponto de chegada – a tomada de consciência de um passado histórico, daquilo que sempre dá para ser descoberto –, e mais como um ponto de partida para a constituição de novas relações em composição com outras formas de existir e se relacionar coletivamente. A autora salienta que o território é mesclado de relações e, deste modo, seus interlocutores criam formas de estar no mundo que são específicas e particulares, em uma associação mais ou menos direta com o Estado. Conforme já demonstrado por vários autores que se debruçam há tempos sobre a temática (Almeida, 1989; Arruti, 1997), as comunidades remanescentes de quilombo, os quilombos, de hoje, não remetem apenas ao passado, mas, sobretudo, ao futuro destas populações: elas não são resíduos de uma história de luta contra a escravidão, mas testemunhos de uma variedade de formas de organização territorial e social negras que ainda existem e que buscam sua perpetuação por meio do reconhecimento de seus direitos específicos.

A geografia do bairro do Carmo, assim como argumenta Perutti (2015), vai ao encontro de um território que se manifesta nas relações específicas entre moradores e seus santos, mas, principalmente, nas relações e na afinidade de estar com a Santa. Pretendo, assim, trazer para o corpo desta dissertação os territórios que aparecem para além da unidade do espaço físico, da geografia, territórios que revelam uma dimensão processual, criada no tempo, nas associações, na Santa, nos santos e nas vozes das mulheres. Uma geografia sagrada, por assim dizer, que, se faz o território da comunidade quilombola do Carmo, não o faz sem a presença de muitas dimensões outras que a terra, e constitui, além de território, muitas outras relações que conectam os moradores humanos e mais-do-que-humanos dali.

A realização deste direito, o reconhecimento do território como de uma comunidade remanescente de quilombo, trouxe consigo, portanto, o debate sobre os conceitos de quilombo e de seus remanescentes. Na escrita constitucional, o termo jurídico utilizado é “remanescente de quilombos”. Na vila do Carmo, a palavra “quilombo” é associada ao passado, aos antepassados, correspondendo à história dos ascendentes pretos

tidos como cabo preto, africanos, antigos e pretos; em muitos momentos os moradores me perguntaram se eu era a garota que estava interessada na história dos colombo. Nesta pesquisa, dou preferência, principalmente, para os termos preto ou pretos para me referir aos moradores do Carmo e a seus antepassados, porque esta é a expressão mais utilizada por eles próprios. Com isso, a intenção não é, de modo algum, negar que eles sejam remanescentes quilombolas, mas apenas utilizar uma terminologia que não seja estranha aos meus interlocutores.

Se a ideia de quilombo, para os moradores do Carmo, remete a uma história distante e relativa aos antepassados, os vínculos com a Santa, desde o tempo dos antigos, estão ainda fortemente presentes entre os moradores da vila, como atestam outras pesquisas já realizadas na vila (Molina, 2006, Stucchi e Ferreira, 2009), e como se pretende explorar também neste trabalho, ao longo dos capítulos.

Analisando os dados obtidos em campo, pude notar que, em quase todas as páginas de meu diário, a Santa e seus santos apareciam. Sempre que eu indagava sobre o território, os moradores pareciam se esquivar: *Que terras menina! Taí uma coisa que pobre não tem direito*, ou ainda, *você acha mesmo que o Estado vai dar terras para pobres, que este negócio de INCRA algum dia vai sair?* E insistiam em mudar de assunto, em falar das festas da Santa e dos santos. Aos poucos, fui compreendendo que a temática não era mudada, porque, pode-se dizer, a terra é sinônimo da Santa e dos santos, porque são eles e ela que garantem o território, a proteção, os alimentos, e são eles e ela, de certo modo, que fazem o papel do Estado: *quem cuida da gente é a Santa e os santos, o Estado não dá conta da gente; se a gente precisa de algo é só rezando para os santos*, e ainda, *se não fosse Nossa Senhora do Carmo, não teríamos comida na mesa*. É nesse sentido que esta pesquisa procura, através de um olhar antropológico, enfatizar aspectos que não puderam ser analisados com maior profundidade pelo trabalho realizado com o laudo, ainda que esse apontasse para a necessidade de pensar o território do Carmo vinculado à Santa, tal como já haviam percebido Stucchi e Ferreira (2009). Não obstante, espero, com este texto, contribuir para aguçar nosso entendimento sobre a história e a socialidade na vila do Carmo (e, claro, das comunidades remanescentes de quilombo no Brasil como um todo), de modo que mesmo o RTID venha a se beneficiar das hipóteses e conclusões às quais cheguei aqui. Vê-se, portanto, que minha dupla posição segue algo misturada, o que deve servir, no futuro, para adensar a importantíssima reflexão sobre o papel de antropólogas e antropólogos em tarefas não acadêmicas, mas que, às vezes, se confundem com estas.

A ideia que conduz esta pesquisa é a de que os santos e, principalmente, Nossa Senhora do Carmo, estão *com* os pretos da vila do Carmo, por meio de uma relação mais horizontalizada, um pouco distinta do – e, talvez, complementar ao – modo como esta relação foi construída por outros estudos a respeito da Santa do Carmo, que apostam em uma certa hierarquia contida nas interações entre senhores e escravos (os pretos como “escravos da Santa”) e entre mães e filhos (os pretos como “filhos da Santa”). Por isso, vou salientar contextos em que santos e pretos são amigos que dividem angústias, pedidos, alegrias, tristezas, festas, trabalho, dentre tantos outros acontecimentos; ainda assim, não podemos perder de vista que a relação com os santos também é caracterizada pela verticalidade, pois se tratam, afinal, de nexos com poderosos entes sobrenaturais fundamentalmente distintos das pessoas de carne e osso. Não obstante, é, sobretudo, no sentido desse estar da Santa e dos santos com os moradores que pretendo desenvolver esta dissertação, ressaltando a convivialidade e a proximidade entre uns e outros. Desse modo, a dissertação será dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo conta a história de Nossa Senhora do Carmo com os pretos do Carmo. O fio condutor deste capítulo é a Santa, e destaco a conexão Santa-terra- pretos, evidenciando a importância do território por meio das relações dos moradores do Carmo com a Santa. Logo, procuro descrever os lugares percorridos pelos pretos com a Santa, a geografia da capela, a da praça, as áreas cruciais aos moradores da vila que dão sustentação a o que podemos chamar de uma “geografia sagrada” que faz o território do Carmo na presença permanente de Nossa Senhora do Carmo e de outros santos venerados na vila. Esta geografia é, por assim dizer, anualmente atualizada na grande Festa de Nossa Senhora do Carmo, que também descrevo neste primeiro capítulo, sugerindo um entre cruzamento entre espaço e tempo na definição da centralidade da Santa para o cotidiano e a história do bairro.

A etnografia será evidente ao longo deste capítulo. Contudo, o diálogo com a bibliografia que se refere à história e formação do bairro também será apontada, com a finalidade de explorar a proximidade e a intimidade dos moradores da vila com Nossa Senhora do Carmo. Tentarei analisar “o que a Santa pode” enquanto história, território, convivialidade e memória, uma vez que os moradores declaram que *o território quilombola é dela, estas terras carregam o nome da Santa do Carmo, ela escolheu os*

pretos e nós escolhemos ela.

O segundo capítulo trata das relações com outros santos. Pretendo, desse modo, descrever algumas Festas de Santo, mostrar como as imagens estão relacionadas ao cotidiano dos moradores da vila do Carmo, às casas das pessoas, à capela de Nossa Senhora Aparecida, à Casa Grande e à sua senzala anexa, aos lugares da vila, ao parentesco. Noto, ainda, que há uma diferença muito grande entre a Santa e os demais santos, uma vez que a primeira é denominador comum entre todos os moradores do Carmo, enquanto cada família pode ser devota de um santo e não de outro. É possível argumentar, neste caso, que Nossa Senhora do Carmo, como dona das terras do Carmo, fala por todos, ao contrário dos demais santos e santas, que falam de determinadas famílias: o conjunto dessas devoções familiares, assim, encontra-se na Santa do Carmo, que conecta a todos tanto no plano espiritual como naquele mundano, seja na vida cotidiana, seja nas principais festividades que celebram justamente esta conexão. É por meio de Nossa Senhora do Carmo que se torna possível contar a história dos pretos do Carmo como uma comunidade, ao passo que os santos estão atrelados aos relatos particulares das pessoas. Procuro, portanto, trazer para o corpo do texto estas narrativas sobre santos que se correlacionam com o dia a dia dos moradores e com a Santa.

O terceiro capítulo refere-se ao território do Carmo. Nele pretendo tratar a questão da terra como sendo questão atinente à Santa, mas também um problema dos demais santos, que zelam pelas casas e pelas famílias. Mais do que isso, o objetivo deste capítulo é evidenciar que as discussões a respeito do território feitas em campo – assim como, conforme já assinaléi a maior parte de minhas interações – foram pautadas por diálogos majoritariamente femininos, que envolviam Santa, santos e mulheres moradoras da vila. Dessa maneira, as relações entre a Santa e os outros santos ali presentes dizem também respeito ao que é ser mulher no Carmo. Foram elas que me ensinaram que matutar sobre Santa e santos é muito importante, e rende reflexões a respeito da história, do território, da memória, e, ainda assim, que esses seres ajudam, principalmente, a matutar sobre a vida da mulher. Pretendo assim, trazer para o capítulo final desta dissertação o protagonismo feminino no cotidiano, na vida econômica e na história do Carmo, bem como na política territorial, questão que pauta, hoje em dia, as intenções e projetos da comunidade.

Por fim, esta etnografia pretende contar, de novo, mas de um modo diferente, a história de Nossa Senhora do Carmo assim como ela é conhecida e contada no município de São Roque, localizado no interior do estado de São Paulo. Deste modo, recontando a

história da Santa, meu foco recairá sobre as narrativas de relações mais horizontalizadas entre pretos e santos: ou seja, nos relatos de acontecimentos passados e práticas contemporâneas que movimentam humanos e não humanos de forma menos assimétrica, tal como me foi narrado e tal como posso perceber as relações ali. Minha intenção, ao final, é demonstrar que a história e a vida cotidiana na vila do Carmo, assim como sua política em torno da questão quilombola atual, são pautadas em relações mutualísticas: o território, ou a paisagem quilombola, é criada pelo conjunto de relações de reciprocidade entre os moradores com a Santa e com os santos. Sublinho, ainda, que estas relações foram e são guiadas principalmente por mulheres, que são as principais produtoras e articuladoras desses lugares, geográficos e simbólicos, que são construídos em constante movimento, criados e recriados por vozes femininas e divinas. Femininas e divinas exatamente como Nossa Senhora do Carmo.

CAPÍTULO 1 - ELA GOSTA MESMO É DE FICAR AQUI: BREVE HISTÓRIA DA SANTA, DOS PRETOS E DO CARMO

Os antepassados antigos e os cabos pretos viviam espalhados por estas terras, nesta época se via poucos brancos, as casas eram de barro e a Santa sempre esteve com a gente, desde o início (Alice, 2016).

Neste capítulo, pretendo descrever e analisar a história dos moradores do Carmo, dos antepassados pretos que viviam espalhados pelo território da Fazenda do Carmo ou Fazenda Sorocamirim, relacionando-a com a Nossa Senhora do Carmo, a Santa e sua imagem. Assim como a história faz parte deste capítulo, também interessam-me a descrição e análise das relações que os moradores da vila do Carmo mantêm hoje com a Santa e com o território. Nesse sentido, procuro evidenciar que os lugares da vila são locais construídos por meio das relações de afinidade – no sentido de proximidade, mutualidade e afeição – entre os residentes do Carmo e a Santa. Dentre esses lugares principais estão a praça e a capela, mas há de se falar também de um acontecimento, a festa de Nossa Senhora do Carmo. Como se verá ao longo deste capítulo, a importância e relevância desses pontos geográficos e deste evento ritual para a compreensão das relações entre Santa, pretos e território aponta na direção da convivência, no passado e hoje em dia, no cotidiano e no ritual, dos pretos do Carmo com a Santa, convivência que está indelevelmente marcada no território quilombola e em seu calendário festivo.

Assim, este capítulo será subdividido em quatro partes, ou pontos. Em um primeiro ponto, pretende-se esclarecer o argumento de que Nossa Senhora do Carmo está com os moradores da vila desde o início de sua história, orientando e guiando os residentes do Carmo. Busco descrever como a Santa participa do cotidiano dos moradores, mas também da história, do território e da convivialidade, tudo isso conformando a vida no Carmo. Será de fundamental importância, nesta reconstituição histórica, trazer para o interior desta pesquisa os excelentes estudos já empreendidos no lugar, tanto pela historiadora Sandra Molina (2006) como pelas antropólogas Débora Stucchi e Rebeca Ferreira (2014) – todas mulheres, notem (tema que retomo, como disse, no último capítulo) –, uma vez que eles também dialogam com os temas de investigação desta dissertação.

No segundo ponto faz-se imprescindível dar continuidade à história do bairro do Carmo e esclarecer a locução usada por Molina (2006) para descrever os pretos do Carmo no passado: “escravos da santa”. Apresentarei a hipótese, defendida por mim, de que os moradores estão próximos e juntos de Nossa Senhora do Carmo, em uma relação de proximidade mais do que de subalternidade ou servidão, não eram ou são “da” santa, mas

sempre estiveram e estão “com” ela. Assim, pretendo também revelar como os meus interlocutores constroem, junto da Santa, uma “geografia sagrada” que se espalha pelo território do Carmo. O intuito, com isso, é apresentar a geografia, a espacialidade do Carmo, a partir das relações que os moradores fazem e refazem com a Santa. Nesse sentido, a política territorial – tanto a definição do território como as lutas por sua identificação e delimitação – opera no interior, e em conformidade, com o sagrado.

Dando sequência à descrição e discussão da história e da paisagem do Carmo, descrevo, em um terceiro ponto, a importância dos lugares; assim, mostro com mais detalhes a praça, central para o convívio e o cotidiano da vila, e a capela de Nossa Senhora do Carmo, como sendo um lugar da Santa, de santos e humanos, e ponto de convergência de todas as relações históricas e contemporâneas no bairro do Carmo.

Por fim, ainda neste capítulo, descrevo a festa de Nossa Senhora do Carmo, evidenciando sua centralidade para os moradores do Carmo, sejam em suas relações religiosas, políticas, cotidianas, ou de parentesco, seja na própria luta pela manutenção do território. Analisar a festa permite entre cruzar tempo e espaço, demonstrando que a geografia sagrada do território quilombola do Carmo é atualizada nesta grande festa que junta todas as famílias que residem no Carmo, além dos muitos que deixaram a região, mas que retornam, alguns em procissão, convergindo para o centro cerimonial do bairro, a capela de Nossa Senhora do Carmo, situada bem no meio da praça, justamente o local em que se desenrolam os festejos de 16 de julho.

1.1 – Uma história que é da Santa e dos pretos do Carmo

As terras que hoje constituem a vila do Carmo foram, desde o século XVII, propriedade dos religiosos carmelitas, denominada Fazenda do Carmo, ou Fazenda Sorocamirim, e que possuía cerca de 2.200 alqueires. Na época, não existia residência religiosa no território, ele era dirigido por padres carmelitas que viviam em São Paulo (Stucchi e Ferreira, 2014). Contudo, a legislação imposta pelo Império Brasileiro, em meados do século XIX, que proibiu o ingresso de novos frades nas ordens religiosas, aliada aos problemas financeiros dos carmelitas, resultaram na redução de seus efetivos administrativos, de modo que o vasto território carmelita passou a ser governado por apenas uns poucos religiosos (Molina, 2006).

As medidas restritivas impostas às ordens religiosas no Brasil não diferiam muito daquelas que sofriam os grupos religiosos na Europa, onde os estados, ambicionando

tomar posse dos bens eclesiásticos, dificultavam a admissão de noviços para as ordens religiosas para, posteriormente, fechar aquelas que possuíam poucos membros (Araújo, 2007). No Brasil, os interesses eram similares:

A aquisição de um volumoso patrimônio por parte da Igreja – possuidora de grandes proporções de terras, fazendas e engenhos com vários escravos, para além de outros imóveis urbanos e edificados como igrejas, conventos, colégios e hospitais – despertou o interesse do Estado que, ao longo do século XIX, buscou dificultar o trabalho da Igreja e, ao mesmo tempo, perseguiu as antigas ordens religiosas (Araújo, 2007, p. 109).

As estratégias do Estado para tomar o patrimônio das ordens regulares, entre as quais estava incluída a Ordem Carmelita, eram variadas e iam desde denúncias que visavam a desmoralização do clero até listas de controle de bens que os carmelitas possuíam. Os bens mais valiosos dos carmelitas eram as fazendas e os escravos sob sua tutela, que foram mantidos, após 1822, com a justificativa de proteção das terras do Império. Além disso, os religiosos arrendavam suas propriedades rurais e o trabalho de seus escravos como forma de não deixar tão evidente que tudo aquilo lhes pertencia (Molina, 2006).

Em sua tese sobre a Ordem Carmelita em Pernambuco, Araújo (2007) descreve com mais detalhes o arrendamento de um engenho pertencente à Ordem no mesmo estado, e que estava em situação precária. Segundo a autora, os arrendamentos foram uma saída para a falta de recursos e para as restrições impostas pelo Estado às ordens religiosas durante o século XIX. De acordo com o contrato feito entre a Ordem Carmelita em Pernambuco e os fazendeiros, o arrendamento teve início no ano de 1867, e validade de nove anos, durante os quais toda a estrutura do engenho, assim como os escravos, passaram a pertencer aos arrendatários. Além disso, o acordo desobrigava os arrendatários de indenizar monetariamente os negros por seu trabalho, apontando para a concessão de liberdade aos escravos como uma forma não só de acompanhar as pressões abolicionistas que começavam a despontar, mas de obter algum ganho – assim os negros trabalhavam para estes fazendeiros (arrendatários) por determinado período e, em troca, receberiam liberdade e pequenos lotes de terra (Araújo, 2007). Processo semelhante aconteceu no Carmo (Molina 2006; Stucchi e Ferreira, 2014).

Os atuais moradores do Carmo realçam que alguns dos seus antepassados conquistaram lotes de terras neste período dos arrendamentos e queda da Ordem Carmelita, com a conseqüente dissolução da Fazenda do Carmo no final dos oitocentos e

início do século XX, e que seus ascendentes trabalharam para os fazendeiros que se estruturaram nas terras da antiga fazenda. O trabalho dos pretos era caracterizado pela troca de serviços prestados aos fazendeiros. Assim, os pretos recebiam um pequeno lote de terra dos fazendeiros para plantar, construir suas casas e ter sua própria forma de subsistência. No entanto, as certidões destas propriedades não foram efetuadas – isto explica muito das indefinições legais que, hoje, rondam as terras da vila do Carmo e a propriedade das casas dos atuais moradores. D. Helena explica que os acordos se davam muito por meio da prosa, confiança e do diálogo.

Assim, durante minha estada na vila do Carmo, alguns senhores e senhoras mencionaram que, realmente, a Ordem Carmelita perdeu sua força, quando vieram os arrendatários em seu lugar, e que os antepassados dos moradores passaram a trabalhar para estes homens, entre os quais, dizem, uns eram bons, outros nem tanto.

Uma das senhoras mencionou que os arrendatários passaram a ser os patrões e que alguns deles, que não gostavam de rezas, e não acreditavam em imagens, sempre exigiam que seus antepassados rezassem somente por meio de cochichos. Os arrendatários passavam períodos esporádicos na Fazenda do Carmo com suas respectivas famílias e, em uma dessas ocasiões, ocorreu um episódio significativo que envolveu fazendeiros, os pretos e a Santa:

um dos filhos do patrão pegou um barquinho de madeira e começou a brincar no tanque da Fazenda Icaraí, mas o vento soprou e levou a criança para o meio do tanque, este era o filho do patrão mais bravo que os pretos já tiveram e que só deixava as rezas acontecerem se fossem em voz baixa. Mas o pai da criança estava desesperado, porque ele não sabia nadar, e não entendia como iria retirar o filho do meio do tanque. Aí ele não teve mais dúvidas e exigiu que os pretos fizessem uma reza para a Santa, a Nossa Senhora do Carmo trazer o filho dele de volta, e foi assim que os pretos trouxeram a imagem da Santa para perto do tanque da Icaraí, ajoelharam e pediram para Nossa Senhora do Carmo trazer o menino. E a Santa salvou a criança, um vento bateu logo no meio da reza e trouxe o garoto de volta para os braços do patrão. Depois disso os patrões começaram a acreditar na imagem e deixaram os pretos rezarem em voz alta e a hora que quissem. (D. Lavínia, 2016).

A fala acima mostra uma Santa que, por meio da presença de sua imagem, salva até mesmo o filho do fazendeiro mais bravo. Nessa lógica, é possível dizer que a Santa está com as pessoas, inserida no mundo e nas relações interpessoais, interferindo diretamente em suas vidas. É possível notar um sobrenatural que não está apenas no céu, em um lugar superior e elevado, distante e afastado, mas, ao contrário, que Nossa Senhora

do Carmo está aqui embaixo, diante dos humanos, com os negros, atendendo às suas preces, e isso, claro não apenas para socorrer o filho do patrão – embora este socorro tenha vindo em atenção às orações dos pretos. O propósito aqui, pois, é mostrar como Nossa Senhora do Carmo está com os pretos, mais do que acima deles, tendo, inclusive, que apresentar seus poderes aos fazendeiros, para que ela (a Santa) e os pretos pudessem rezar em voz alta a hora que quisessem. Neste sentido, a imagem aparece para contrariar as ordens dos arrendatários, apresentando-se diante de um evento mundano, e por meio de sua ação criando estratégias junto com os pretos – ação conjunta, portanto, de humanos e da Santa – para resistir ao mundo e à história escravocrata.

É interessante notar que a cronologia da história oficial, contada pelos autores que estudaram a Ordem Carmelita (Molina, 2006 e Araújo, 2007), vai ao encontro da oralidade dos moradores do Carmo, uma vez que estes recordam-se dos antepassados no contexto do momento de crise da Província Carmelita Fluminense (PCF), e alguns mesmo mencionam a existência de poucos frades naquele período. Já no tempo dos carmelitas, por assim dizer, o que fica evidente pela fala dos residentes da vila é que Nossa Senhora do Carmo já constitui uma Santa que se familiariza com os pretos, coexistindo dentro de uma lógica mutualística, junto com os negros na crise da Ordem Carmelita, agarrada aos pretos, para ajudá-los inclusive contra os arrendatários – tidos pelos pretos do Carmo como patrões e fazendeiros, como mostra o relato acima. Nossa Senhora é uma Santa que está na história dos pretos do Carmo, que, de fato, faz, com os pretos, a história do Carmo.

Além desses conflitos com os patrões arrendatários, é importante mencionar que, enquanto escravos pertencentes à Ordem Carmelita, os cativos possuíam uma expectativa de vida maior que a média e não eram supervisionados diretamente pelos religiosos – era comum que um dos escravos ficasse com essa função –, o que aponta para uma qualidade de vida um pouco melhor, mas, ainda assim, claro, longe de ser ideal, estamos falando do período da escravidão negra no Brasil. Então, existia uma fiscalização mais relaxada – dado o absenteísmo dos religiosos carmelitas, cuja ordem encontrava-se, desde meados do século XIX, com graves dificuldades financeiras – em relação àquela que veio com os fazendeiros, posteriormente à saída dos carmelitas (Nunes, 2011).

O cenário mais positivo no que diz respeito às condições dos escravos, quando eles estavam submetidos aos carmelitas e ao fato de os escravos pertencerem a uma ordem religiosa que leva o nome da mesma Santa dos negros, Nossa Senhora do Carmo, torna possível pensar os escravos enquanto “escravos da santa” (Molina, 2006). Contudo, os relatos que obtive em campo mostram que a Santa se aproximava muito mais dos escravos

– e, hoje, dos moradores do Carmo – do que da Ordem Carmelita em si mesma, de modo que a Santa não teria os pretos, tão próximos como eram e são, como escravos. Nesse sentido, parece não ser possível equiparar a Santa à Ordem Carmelita e chamar os antepassados dos moradores do Carmo de “escravos da santa”, porque pertencer à (no sentido de ser propriedade da) Igreja não era a mesma coisa que estar *com* a Santa (e nem mesmo de “pertencer”, como escravos, à Santa). Assim, parto da ideia de que, muito antes deles serem “da santa” como escravos, eles eram e estavam, e ainda são e estão, com a Santa, em uma relação mais horizontalizada – ou em uma relação cuja verticalidade é de outra natureza que não aquela entre senhor (ou senhora) e escravos; nas falas dos moradores atuais do Carmo, fica evidente que a imagem de – e, por conseguinte, a própria – Nossa Senhora do Carmo sempre os acompanhou, e é a partir desta perspectiva de afinidade (no sentido, friso, de mútuo reconhecimento, afeição e companheirismo), de estar com a Santa, que desenvolvo este trabalho.

Enquanto os arrendamentos eram, para os carmelitas, uma forma de tentar conservar e fazer a manutenção de suas posses frente às dificuldades impostas pelo Império, para os escravos era uma maneira de trabalhar para a Santa – e, sobretudo, com a Santa –, para garantir que o território do Carmo, que a ela pertence, ficasse para ela e para os pretos. A intenção não é, aqui, afirmar que os negros estavam errados sobre a verdadeira função dos arrendamentos e sobre o uso de sua mão de obra por outros que não fossem os carmelitas, mas pensar que existiam objetivos distintos, aqueles da Ordem Carmelita e os dos negros, presentes num mesmo processo. E o objetivo dos pretos era conseguir a terra para a Santa e para eles. Como é apontado por Stucchi e Ferreira, em 1866:

a PCF [Província Carmelita Fluminense] arrendou ao Barão de Bela Vista, propriedade rural no vale do Rio Parnaíba e os escravos da Fazenda do Carmo. Os descendentes atuais descreveram o período como a ida das famílias de Sorocamirim ao município de Bananal para seguir Nossa Senhora do Carmo com o objetivo de 'pagar a dívida da Santa', não na condição de seus escravos, mas como seus filhos. Ao retornar do Bananal, 18 meses depois, juntaram-se àquelas famílias que haviam permanecido no Carmo e usufruíram com liberdade das terras pertencentes à própria Santa, preservando-se por devoção e sem interferência da PCF (Stucchi e Ferreira, 2014, p. 95).

Como mencionado acima, em meados do século XIX, a Ordem Carmelita entra em crise, devido às restrições impostas pelo Império. Assim, o arrendamento de terras da fazenda do Carmo torna-se uma alternativa viável para os carmelitas, inclusive uma

estratégia para a falta de recursos. Devido a esta circunstância, nota-se que os pretos e as terras eram os bens mais valiosos que os carmelitas possuíam; muito por conta disso, pessoas negras vão trabalhar para os arrendatários – fazendeiros que chegaram ao Carmo neste contexto de crise. Alternativamente, os escravos poderiam também ser levados, arrendados, para trabalhar fora do Carmo, nesta conjuntura, sobressai o acordo feito entre a PCF e o Barão de Bela Vista, por meio do qual os pretos escravizados movimentam-se para o município de Bananal, no vale do Paraíba, para pagar o que chamam de “dívida da Santa” – ao que tudo indica, uma dívida contraída pela Ordem Carmelita, que já se encontrava em declínio, e que seria paga com os frutos do acordo entre a PCF e o referido Barão de Bela Vista.

Este deslocamento dos negros para o Bananal, região do vale do rio Paraíba do Sul, é explicado como um movimento para pagar a “dívida da santa”; não se tem um consenso sobre a natureza desta “dívida”, mas pode-se supor que ela era fruto desta negociação entre carmelitas e Barão de Bela Vista. Mas escravos, diz-se, vão a Bananal pagar uma dívida da Santa, e não dos carmelitas. E os pretos do Carmo, mencionados por Stucchi e Ferreira (2014) no trecho supracitado, vão deslocar-se para o Bananal como filhos da Santa, evidenciando que os pretos não eram escravos, mas sim filhos, de Nossa Senhora do Carmo, e apontando para a possibilidade de pretos e Santa retornarem, juntos, para as terras do Carmo, para poderem usufruir das terras dela e deles, sem a interferência dos carmelitas PCF, já que nem a dívida, nem os escravos, pertenciam aos religiosos, a dívida da Santa foi paga por seus filhos, e não pelos escravos da Província Carmelita Fluminense.

Voltando ao acordo entre a PCF e o Barão de Bela Vista, nessa negociação, os pretos e a Santa do Carmo – note-se que a imagem de Nossa Senhora do Carmo (e, portanto, a própria Santa) acompanha os pretos nesta viagem – são transferidos para o vale do Paraíba, para trabalhar para o Barão por 18 meses (Stucchi e Ferreira, 2014). Todavia, quando terminado o contrato, os pretos e a Santa poderiam retornar a São Roque – SP e, aparentemente, usufruir com liberdade das terras da Fazenda do Carmo ou Sorocamirim. Assim, as terras passariam a ser de Nossa Senhora do Carmo, mas também dos pretos, sempre juntos, se os escravos deixam o Carmo, sua mãe, Nossa Senhora, deve acompanhá-los.

A expressão “dívida da santa”, que aparece na citação acima, também foi acionada por Souza (2016) em sua dissertação sobre a construção da identidade no Quilombo do Carmo e, de maneira muito similar às antropólogas Stucchi e Ferreira (2014), vem atrelada à ideia dos moradores do Carmo como “filhos da santa”. Souza (2016) recolheu

depoimento sobre este evento da dívida, que teria cristalizado a ideia de que a Santa é próxima dos negros e proprietária das terras da Fazenda do Carmo. Nesse sentido, os pretos têm direito àquelas terras, pois possuem um vínculo histórico com a Santa, os moradores do Carmo seriam como seus filhos, o que se expressa no compromisso de pagar a dívida adquirida pelos carmelitas (que é, afinal, uma dívida da própria Santa), mas também herdeiros de uma terra – porque pagaram a referida dívida – que à Nossa Senhora do Carmo pertence:

Daí foi que ‘inventaram’ essa dívida da santa lá no Bananal que tiveram que pagar, e se ela não pagasse iam tomar ela né. Aí foi a turma para lá. Dos escravos que foi o mais forte era meu vô, o resto era tudo mais fraquinho, mas mandaram tudo pra lá. As crianças ia no cargueiro, a santa foi no cargueiro, mas não largaram dela lá, guentano [colhendo] café e ela na túnica junto. Diz que tinha vez que ela fica só com a coroinha de poeira do café né. As muié guentano [colhendo] café, os homi cortando pau de bananeira aquela época diz que era (...) um reis por pau de bananeira que os homi cortava, por dia, era um reis que eles pagavam e eles [os escravos] iam aumentando [os recursos que ganhavam] e guardando aquele dinheiro. O dono aí ia descontando a comida e o que eles faziam para poder ir pagando a dívida. Quando eles pagaram aí ele [o dono] liberou eles [os escravizados] pra poder vim embora. (Souza, 2016, p.37).

É imprescindível notar que o autor, assim como as autoras citadas anteriormente, já haviam observado que a Santa está com os pretos, como mostra o relato acima, de Souza (2016). Nossa Senhora do Carmo vai no cargueiro junto com os negros, colhendo café próxima a eles, sujando-se no trabalho, ela é, acima de tudo, uma Santa está com os moradores do Carmo. Todavia, o autor, aborda a conexão entre pretos e Nossa Senhora do Carmo, apontando para a centralidade do período vivido em Bananal para a própria definição da relação entre os pretos, a Santa e seu território. Tal conclusão condiz com as sugestões de Sandra Molina (2006) a respeito da história dos processos de identificação de certas extensões fundiárias com a propriedade de santos e santas, mais do que da igreja ou de ordens religiosas. Com efeito, Molina (2006, p. 111, nota 113) sugere que esta identificação, que apaga o que poderíamos chamar de “intermediários” entre as terras (e, em muitos casos, também os escravos) e os santos, pode ter ocorrido em certos “momentos de transição”, como aconteceu em outra fazenda carmelita, a Capão Alto, na província do Paraná. Ali, em 1864 – no auge da crise da ordem do Carmo –, quando os escravos souberam que seriam transferidos para São Paulo, se rebelaram, declarando-se “escravos de Nossa Senhora do Carmo” e “somente quando ela mandasse deixariam Capão Alto”.

Neste caso, os escravos se tornam “escravos da Santa”, assim como parece ter ocorrido no Carmo; o mesmo, talvez, tenha se passado com as terras, se antes eram “dos carmelitas”, passam, ao longo do tempo, e com a crescente identificação das pessoas com o lugar marcado pela presença marcante de Nossa Senhora, a ser “terras da Santa” (assim com a dívida passa, também, a ser uma dívida da Santa”).

No que diz respeito a esta pesquisa, contudo, acredito ser proveitoso pensar os moradores do Carmo de maneira menos hierarquizada em relação à Santa, não tanto como escravos (Molina, 2006), nem mesmo tanto como filhos (Stucchi e Ferreira, 2014; Souza, 2016), mas como pessoas com as quais a Santa estava e está **junto**, visto que esta é uma personagem que está próxima dos pretos, inclusive suja-se de café, desloca-se com eles para o Bananal – em imagem (objeto) e em pessoa –, mostrando seus poderes aos fazendeiros para que estes não perturbem as preces dos pretos, que almeja o território para e com os negros. Ainda assim, acredito que o ponto aqui seja uma questão de perspectiva, são escravos da santa para uma historiadora (que vê a perspectiva documental, externa, digamos, do fenômeno), mas seus filhos para duas antropólogas (que buscam a perspectiva interna, dos próprios quilombolas)¹¹.

Logo, assevero que dou continuidade ao trabalho dos autores citados (MOLINA 2006; STUCCHI e FERREIRA 2014; SOUZA 2016), e, assim como eles, também estou problematizando a relação entre Nossa Senhora do Carmo e os pretos do Carmo. Todavia, busco compreender a relação criativa e a proximidade entre os moradores do Carmo e a Santa sugerindo que meus interlocutores estão com a Santa, não na condição de filhos e nem de escravos. Noto que as expressões “escravos da santa” ou “filhos da santa” são muito pouco utilizadas hoje em dia pelos moradores do Carmo, enquanto que a ideia de que a Santa atua junto com eles é bastante presente. Para sustentar o argumento de que a Santa está junto com os pretos, os moradores do Carmo contam a história de seu encontro com ela, como ele aconteceu. Foram seus ascendentes que encontraram a Santa e ela

¹¹As locuções: “escravos da santa” e “filhos da santa” são fundamentais para o desenvolvimento do argumento dessa dissertação, e são acionadas respectivamente por Molina (2006) e Stucchi e Ferreira (2009) e Souza (2016). Assim, pontuo que a problematização dos pretos do Carmo como “escravos da santa” é fruto de uma perspectiva documental, de uma historiadora que busca compreender a Ordem Carmelita, a crise dos frades no século XIX, a chegada de novos arrendatários, em uma pesquisa baseada em documentos. Por outro lado, o termo “filhos da santa” é elaborado por meio de uma escrita antropológica, no contexto da produção de um laudo para Ministério Público, no qual a associação dos pretos com a Santa já é anunciada, principalmente por FERREIRA (2009). Entretanto, a autora caracteriza Nossa Senhora do Carmo como sendo a mãe dos pretos, e os moradores do Carmo na condição de filhos dela, e por isto a locução “filhos da santa”. Todavia, não encontrei em campo esta locução, mas observei a proximidade afetiva entre a Santa e os pretos: o que encontrei em campo foi o estar **junto** e **com** Nossa Senhora do Carmo, e é esta a perspectiva que defendo aqui.

permanece até hoje junto dos moradores do Carmo:

Foi encontrada pelos pretos de antigamente, pelos nossos antepassados, pelos africanos. Alguns dizem que ela foi encontrada em um poço próximo a vila do Carmo, lá em 1800, outros garantem que ela estava ali no meio do mato. Ela veio destas terras, estas terras são dela, eu tenho quase certeza que foi meu tataravô que achou ela, agora se foi no mato ou no poço eu não sei dizer. A Santa protege os pretos dos fazendeiros, território quilombola é dela, a vila carrega o nome dela. Tentaram colocar ela no Caetê, um bairro próximo, mas ela sempre voltava no dia seguinte montada no cavalo. Ela escolheu os pretos, ela escolheu a gente (D. Alice, 2016).

A fala de D. Alice, defende que a Nossa Senhora do Carmo escolheu não apenas os moradores da comunidade investigada, mas também mostra que a Santa escolheu a terra dela, onde queria permanecer, e para onde volta de onde a levam, seja à cavalo, do bairro vizinho (o Caetê), seja da distante Bananal, depois de trabalhar no café. Dessa maneira, D. Alice conta que foi seu antepassado – seu tataravô – que encontrou a Santa, que ela está ali com eles desde o começo da história dos seus ascendentes, protegendo e cuidando dos pretos; o lugar deles é amparado pela Santa, nomeado como vila do Carmo, devido ao encontro dos pretos com Nossa Senhora do Carmo. É interessante notar que a Santa do Carmo é daquela terra, e meus interlocutores sempre reiteravam que as terras são dela e carregam a força dela. Logo, a Santa relaciona-se com o lugar e com os pretos, este estar junto e próximo deles, apresentando-se como fio condutor da história, das terras, da ancestralidade. Neste sentido, volto à “dívida da santa”, compreendendo-a não como um simples acordo entre PCF e Barão de Bela Vista no final do século XIX, mas como uma maneira de evidenciar a relação de proximidade entre a Santa e os pretos, uma vez que a imagem também se desloca junto e com os pretos, movimentando-se para, juntos, pagarem a dívida da Santa, para depois retornar ao seu lugar, às suas terras, como seus pretos. O argumento de D. Alice vai ao encontro da Santa, da correspondência das terras de Nossa Senhora do Carmo, e também dos moradores do lugar.

Para sustentar o argumento de que os moradores do Carmo estão com a Santa, os relatos de campo evidenciam que, na época da ida dos escravos para o Bananal, os pretos teriam viajado a pé, carregando a Santa, da Fazenda do Carmo até o Vale do Paraíba, já bem próximo da fronteira com o Rio de Janeiro, para trabalharem nas fazendas de café; em troca, receberiam a alforria e as terras da Fazenda do Carmo. Uma das moradoras do Carmo conta que a Santa foi junto com os pretos para o Bananal, que também trabalhou na lavoura de café, que esteve o período todo ao lado deles, sujou-se de terra e voltou toda

encardida de café. É, portanto, uma Santa que trabalha e se desloca junto com os pretos e, sem essa parceria, eles afirmam, não teriam conseguido realizar a viagem e todo o trabalho:

Você imagina sair de São Roque e ir a pé até o Rio de Janeiro, as bolhas nos pés e a dor dos nossos antepassados. Se não fosse a força da Santa junto com os pretos, não teríamos conseguido, está é uma Santa muito poderosa (D. Lavínia, 2016).

É importante notar que o Bananal está localizado no estado de São Paulo, mas próximo da região de Barra Mansa, já no estado (então província) do Rio de Janeiro. É isso que foi destacado por D. Lavínia, para realçar a distância e as agruras do trajeto. No entanto, a viagem ao Bananal para pagar o acordo, mesmo com a força da Santa, não foi o suficiente para garantir aos pretos a posse daquelas terras, que passaram a ser mais cobiçadas, principalmente a partir do começo do século XX, com a chegada dos imigrantes, espanhóis e portugueses na cidade de São Paulo e que já começavam a investir naquilo que ficaria conhecido como a Rota do Vinho. Além de grande parte da Fazenda do Carmo passar para as mãos de fazendeiros recém-chegados, dentre os quais se destacam Antônio e Joaquim Xavier de Lima, que possuíam complicados laços de parentesco (compadrio) e de outras naturezas com os moradores do Carmo, embora representassem uma grande ameaça para as terras da Santa. A chegada desses novos poderosos levou à paulatina redução das terras ocupadas pelos pretos, já em 1919, por exemplo, os pretos e a Santa estavam somente com a quarta parte de seu território original, ficando somente com as porções marginais da antiga Fazenda do Carmo (Stucchi e Ferreira, 2014).

Apesar de a capela de Nossa Senhora do Carmo ter se mantido junto dos pretos, dentro dos limites territoriais por eles ocupados, restam, hoje, somente 6,6 alqueires dos 2.200 anteriores da Fazenda Sorocamirim. Com isso, as famílias tiveram que abandonar suas terras e seus cultivos e concentrar-se justamente no entorno da capela, o assim chamado “miolinho da santa”. Com o território sendo progressivamente e forçosamente abandonado, foi-se abrindo espaço para que, em 1932, com a saída definitiva da Província Carmelita Fluminense da Fazenda do Carmo, esta fosse deixada à mercê dos interesses de grandes fazendeiros e outros poderosos, destacando um contínuo e violento processo de desapropriação das terras dos pretos (Stucchi e Ferreira, 2014).

Durante a pesquisa de campo, muitos moradores contaram que seus avós e, em alguns casos, até mesmo seus pais, perderam as terras assinando documentos forjados, pois seus antepassados não sabiam ler e os fazendeiros se aproveitaram desta condição

para roubar as terras deles e da Santa; outros mencionam que alguns moradores, dada a fragilidade e a pobreza da sua situação, perderam as terras em troca de roupas ou mesmo um pouco de comida.

Em 1970, os moradores do Carmo passaram a ser encurralados por novos interesses, vindos principalmente com a chegada dos condomínios de alto padrão na região. Em 1980, o condomínio Patrimônio do Carmo foi implantado bem ao lado da vila, e tornou-se uma importante fonte de trabalho e renda para os moradores do Carmo. Foi nesse momento que as mulheres deixaram as terras e começaram a trabalhar, geralmente, como empregadas domésticas nas casas de luxo do condomínio. Foi também nessa época que chegou um grupo de investidores coreanos que passou a aplicar recursos na compra de fazendas de gado na região, foram estes que adquiriram as significativas extensões de terra que compõem, hoje, a Fazenda Icaraí, que era parte importante da antiga Fazenda do Carmo, e onde muitos moradores do Carmo afirmam terem vivido seus antepassados cultivando a terra. Ainda durante a pesquisa de campo, percebeu-se que o gado era utilizado, muitas vezes, como uma forma de os coreanos (por meio de seus arrendatários) garantirem que aquela terra lhes pertencesse e fosse (ou parecesse) produtiva.

É a partir de 1999, já neste novo contexto de cercamento da vila pelo que chamam de o condomínio e pela Fazenda Icaraí, que os moradores do Carmo começaram a se organizar para refletir sobre a questão quilombola e lutar por seus direitos (especialmente pelo direito às suas terras), formando, então, a primeira associação de moradores¹². Em julho de 2009, o laudo antropológico elaborado por Stucchi e Ferreira foi apresentado e as antropólogas responsáveis destacaram que, logo depois de sua apresentação, mudanças importantes ocorreram no bairro do Carmo, um engajamento quilombola mais acentuado, que ganha força e forma em um momento denominado como pós-laudo (Stucchi e Ferreira, 2014). Contar a história do bairro do Carmo, de seus antepassados desde a Fazenda Sorocamirim até os dias correntes, parece dar corpo à identidade quilombola da comunidade e reforça o vínculo existente com as terras do Carmo.

As autoras apontam para uma dinâmica identitária da territorialidade do Carmo que opera por meio de duas noções: “terra de preto” e “terra de santo”, “a primeira noção refere-se à origem histórica do grupo, e a segunda faz referência a sua experiência cotidiana de grupo” (Stucchi e Ferreira, 2014, p. 93). Contudo, os relatos obtidos em

¹²Outras duas associações foram fundadas posteriormente. Voltarei a esta questão das associações pois uma delas está diretamente implicada no processo de identificação fundiária em curso, em função de seu nome.

campo sobre o papel da Santa junto aos pretos desde a época dos carmelitas – trabalhando, ajudando e dando força – mostram que as duas categorias se conectam – as terras do Carmo são, ao mesmo tempo, de preto e da santa – e que a história dos moradores está em constante diálogo com o cotidiano.

Desse modo, a questão da territorialidade do Carmo insere-se, simultaneamente, nas discussões sobre as “terras de santo” e sobre as “terras de preto”, que em muitas regiões do Brasil são pensadas como fenômenos distintos. Em “Terras Tradicionalmente Ocupadas” Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008) reconhece que o acesso à terra, para exercício das atividades produtivas, dá-se não apenas por meio de estruturas intermediárias da família, dos grupos de parentes, do povoado ou da aldeia, mas também por certo grau de coesão e solidariedade obtido frente a antagonismos diversos, em situações de extrema adversidade, que reforçam politicamente as redes de relações sociais. Almeida desdobra a territorialidade em uma “multiplicidade de coirmãs”, tais como “terra de parente”, “terra de preto”, “terra de índio” e “terra de santo”, entre outras.

As “terras de preto” correspondem, ainda segundo Almeida (2010, p. 50), aos domínios doados ou adquiridos por famílias de ex-escravos, mantendo-se em uma condição de foreiros de terra comum, além de serem terras de antigos quilombos. Já as “terras de santo” destacam-se por corresponder a um extenso domínio de terras que pertenciam à Igreja (no contexto desta pesquisa, terras pertencentes aos Carmelitas da Província Carmelita Fluminense), mas que passam, ao longo do tempo, a não mais serem identificadas à estrutura eclesiástica, mas aos próprios santos e santas, que se tornam seus donos.

No século XIX, muitas dessas propriedades foram abandonadas e/ou entregues a arrendatários, brancos ou pretos. Pode-se dizer que eram imensas extensões de terra exploradas por ordens religiosas (principalmente jesuítas, carmelitas e mercedários) que foram deixadas aos moradores das regiões no esquema de um domínio comum, mesmo após autoridades eclesiásticas terem interferido e entregado formalmente estas terras à administração do Estado, em finais do século XIX. Com intuito de combater as autoridades, os pretos foram criando denominações próprias, de acordo com seus santos padroeiros e, por isso, o termo “terra de santo” salienta o uso comum da terra, o santo aparecendo como um proprietário legítimo a despeito das formalidades legais requeridas pelo código da sociedade nacional, como argumenta Almeida (2010, p. 50).

A correlação entre “terra de santo” e “terra de preto” é uma via de acesso plausível à questão da territorialidade quilombola no Carmo, que é construída ao redor de Nossa

Senhora do Carmo – sua imagem, sua capela, sua presença e força. Destaco que as noções de “terra de santo” e a “terra de preto”, como elaboradas por Almeida (2010), são pensadas em conjunto nesta dissertação porque, neste caso, Santa e território se conectam e não podem ser pensados separadamente, como disse acima, sempre que tentava falar do território as pessoas no Carmo invariavelmente me levavam a discutir a Santa.

Se é a Santa que zela pelas terras e pelo bem-estar dos moradores, se foi ela que, desde os primórdios da história do Carmo, acompanha e defende os pretos, não há, portanto, por parte dos moradores, muita esperança depositada nas ações do INCRA, do Estado ou de alguns antropólogos que circulam pelo Carmo. Isso porque todos esses atores, por mais questionários que façam ser preenchidos, por mais laudos que construam, parecem, infelizmente, poder fazer muito pouco para barrar as cercas que andam e as fazendas que vicejam no entorno da vila do Carmo. Ou, no mínimo o são, aos olhos dos pretos, menos capazes de alguma coisa do que a Santa e os santos, que há muito zelam pelos moradores da vila e têm, portanto, sua eficácia e seu compromisso comprovados. A convivialidade que caracteriza as relações dos pretos com a Santa, e que tem permitido que a comunidade resista até hoje, não pode ser substituída por relações com o Estado, de natureza muito distinta. Se alguém garante os pretos do Carmo, esse alguém é Nossa Senhora do Carmo (e outros santos e santas de devoção familiar), não o INCRA, o Ministério Público e os laudos que produzem, ainda que estes sejam fundamentais para a garantia dos direitos que a comunidade almeja e persegue.

Nesta primeira seção, portanto, busquei evidenciar como Nossa Senhora do Carmo está intimamente atrelada à história da vila e dos pretos do Carmo; mostrei como a Santa faz parte das terras da Fazenda do Carmo, mas não apenas como uma imagem católica vinculada à PCF ou mesmo aos fazendeiros, mas, pelo contrário, esta é uma Santa que está com os pretos, que se manifesta para eles, revelando-se com eles, fazendo acordos, criando estratégias, afinidades e proximidades, trabalhando junto, sofrendo junto. Companheira, mais do que senhora ou mesmo mãe. Tentei descrever como a vila é um local que permite que se compreenda a noção de “terra de preto” em um contexto em que a presença de Nossa Senhora do Carmo faz dela também uma “terra de preto”. Sigo com esta história na seção seguinte.

1.2 – A Santa e a formação do bairro do Carmo

Antes de estarem cercados pelo condomínio Patrimônio do Carmo, pela Fazenda Icaraí e pela área da prefeitura de São Roque que abrange a Casa Grande e a Senzala, os negros, africanos e os cabos pretos tinham terras para plantar, morar e transitar no que era, na época, a Fazenda do Carmo, ou Fazenda Sorocamirim, ou ainda os pequenos lotes de terra que foram distribuídos para as famílias dos ex-escravos e seus descendentes após a desmontagem e subsequente extinção daquela propriedade no início do século XX. A Fazenda Sorocamirim era uma dentre as várias propriedades pertencentes à Ordem Carmelita e era vinculada, mais especificamente, à Província Carmelita na Fluminense (PCF), que possuía vários conventos em diferentes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Mogi das Cruzes e Sorocaba¹³.

Assim, os pretos da vila do Carmo foram escravizados pela PCF, a Ordem Carmelita era proprietária da Fazenda do Carmo ou Sorocamirim, propriedade que compreendida aproximadamente 2.200 alqueires, oriunda em parte por doações de sesmarias no século XVIII. É interessante realçar que não havia convento estabelecido na Fazenda, os frades administravam os pretos cativos a partir de sua residência na cidade de São Paulo, ficando a Fazenda sob a administração dos próprios negros, o que permitiu, talvez, e segundo Molina (2006) uma “relativa autonomia” dos pretos durante o período escravocrata.

Em seu trabalho, Molina (2006) aponta para o fato de a relação entre escravos e os membros da Ordem Carmelita, ainda que fosse uma relação de escravidão, ser “tolerada” pelos negros, em detrimento daquela que se configurou, posteriormente, entre os ex-escravos e os arrendatários fazendeiros. Essa tolerância fica evidente a partir do uso, por parte da autora, da expressão “escravos da santa”, termo que é empregado pela historiadora, retirado dos documentos referentes às fazendas e produzidos pela Ordem Carmelita. Desse modo, a autora refere-se aos moradores da vila como “escravos da santa”, essa expressão fazendo referência ao tempo em que os antepassados dos pretos do Carmo eram escravizados pela Ordem Carmelita então instalada na região. O termo “escravo da santa” aparece em grande medida nos documentos referentes aos carmelitas, analisados na tese de Molina.

Entretanto, esta locução, “escravos da santa”, foi pouco mencionada em campo, os moradores do Carmo, ao contrário, falam sobre uma relação de proximidade com a Santa.

¹³As relações entre as várias propriedades da Ordem Carmelita, o Estado Imperial e os negros foram explorados por Molina (2006). Tratarei destas questões nos parágrafos seguintes.

Minha intenção é, assim, e conforme já assinalei, mostrar como os antepassados dos moradores estão próximos de Nossa Senhora do Carmo não tanto como seus escravos, mas como seus companheiros.

Assim, para explicar a expressão “escravos da santa”, Molina (2006) argumenta que os arrendamentos se tornaram sinônimos de “perda da autonomia”, na medida em que os escravos eram realocados para terras desconhecidas, com senhores igualmente desconhecidos. Assim, na Fazenda do Carmo, a comunidade preta já havia formado alguns vínculos e conquistado alguma “autonomia” por causa do absenteísmo dos padres, e os arrendamentos lhes tiraram até mesmo isso. A palavra “autonomia”, nesse contexto, deve ser observada com cautela, uma vez que, no início do século XIX, os pretos do Carmo e de outras regiões, eram reprimidos com violência pelo sistema escravocrata no Brasil à vista disso, Molina (2006) destaca que o absenteísmo dos frades carmelitas produziu um cenário escravocrata em que os negros puderam entretecer certas relações de caráter mais simétrico com os frades, conseguindo trabalhos, o que lhes permitia obter meios para conquistar/comprar sua liberdade. Os pretos possuíam suas roças e as crianças, neste período, eram poupadas do trabalho, pelo menos até os doze anos, além de receberem educação católica e algumas garantias dentro de um contexto de exploração do trabalho escravo.

Conforme os apontamentos da historiadora, existiam maiores possibilidades de atuação por parte dos negros em um contexto de relações com a Ordem Carmelita, do que posteriormente, com os arrendatários. Isso aparece ainda hoje, como se verá, quando os moradores do Carmo recordam as histórias sobre seus antepassados antigos e suas relações com carmelitas e arrendatários. A época da Ordem Carmelita é narrada pelos moradores como aquela em que os negros podiam viver espalhados e possuíam estratégias para resistir ao sistema escravocrata, com destaque para sua destreza e mobilidade no território e suas possibilidades de ação, vinculadas à distância de seus proprietários que residiam na capital paulista. Neste sentido, busco compreender a história do Carmo nos quadros de um passado que persistia em uma vivência espalhada e um presente que realça um território encurralado.

As relações estabelecidas entre escravos e carmelitas, por mais convenientes que fossem no contexto da época, como aponta a historiadora Molina (2016), não podem ser amenizadas, nem tampouco pensadas fora do violento sistema escravocrata, que regia as relações de trabalho no país. Desse modo, a convivência entre escravos e carmelitas não era equivalente, tampouco se confundia com as relações construídas entre os pretos e a

Nossa Senhora do Carmo. Neste sentido, parece ser pertinente pensar os moradores do Carmo e seus antepassados como aqueles que estão próximos da Santa e são, estão, *com* a Santa, e não como escravos ou descendentes de escravos da Santa, ainda que seja para destacar a relação entre cativos e carmelitas, no contexto das memórias do tempo da escravidão.

Dentro desta proposta de pensar o estar com a Santa, pretendo descrever o que entendo por “geografia sagrada”, uma vez que os moradores do Carmo apontam, descrevem e contam as histórias sobre os lugares por meio das relações que eles estabelecem com a Santa e a paisagem. Essa “geografia sagrada” foi sendo apontada pelos moradores e interpretada por mim, por meio da correspondência entre os lugares da vila e Nossa Senhora do Carmo. Assim, fui compreendendo o bairro, as casas e seus lugares reconhecidos pelo seu passado e pelo seu presente, de pretos, de Santa. Portanto, a “geografia sagrada” foi elaborada a partir das relações que os moradores estabelecem com a Santa e suas terras, ou seja, a política territorial foi construída a partir da história e da convivência entre Nossa Senhora do Carmo e os pretos. Assim D. Lavínia explica:

Os lugares da Santa? Este negócio de lugar é complicado, é importante matutar sobre o Carmo, ou como falam vocês estudantes a ‘geografia do Carmo’, foi construída pelos pretos antigos, pelos antepassados, mas estes estão todos apegados a Santa. Porque veja só, capela só é construída depois que os cabos pretos encontraram a Santa, assim as casas foram sendo feitas pegadas a este encontro. Então menina quase todos os lugares que você passou os pretos antigos fizeram junto da Santa, a santinha estava ali auxiliando os antepassados, e acredito que ela também esteja de olho nestes seus escritos. Então, tenta pensar que a capela, a praça foram os primeiros lugares, que dão sentido a Santa e aos pretos, depois vai tentando juntar todas as casas ao redor, festa, outros santos, mas tudo começa com o encontro da Santa e com os nossos antepassados, os pretos de antigamente, este lugar, estas terras, é fruto deste encontro (Lavínia, 2019).

Por meio do relato de D. Lavínia tento elucidar algo da “geografia sagrada” do Carmo, mostrar como ela é criada e mediada pela relação entre os moradores e a Santa, a santinha, como é carinhosamente chamada. Assim, o encontro entre os ascendentes pretos e Nossa Senhora do Carmo é de fundamental relevância, dando sentido e sustentação aos lugares, ou seja, à paisagem do Carmo e, claro, às suas reivindicações territoriais. Portanto, o território é construído por meio do movimento afetivo de aproximação entre os pretos e a Santa. Como sugere D. Lavínia, pretende-se a seguir descrever a capela e a praça como lugares que realçam o encontro dos pretos com a Santa. Portanto, aqui também se reforça

o argumento de que “terra de preto” e “terra de santo” estão conectadas, posto que é a relação entre a Santa e os pretos que dá sentido ao território.

1.3 – A Santa, a praça e a capela

Foi aqui que o bairro começou. Os pretos de antigamente construíram essa praça e a capela como um presente para Nossa Senhora do Carmo, ela escolheu esse lugar. No começo, lá na época do cabo preto, eles queriam construir uma capela e uma praça para a santa lá no Caetê, um bairro muito perto deles. Mas a santa não ficava naquele lugar, e voltava sempre para esse miolinho montada em um cavalo. Então os antigos perceberam que ela gosta mesmo é de ficar aqui (D. Alice, 2016).

A história da praça e da capela se mostra, desde o princípio, como uma narrativa que é dos pretos e também da Santa: é fruto da iniciativa dos primeiros, mas também da manifestação da vontade de Nossa Senhora, que desejava que a capela fosse erguida em um determinado lugar, no Carmo, bem no centro da comunidade, o que D. Alice chama de “esse miolinho”, e Stucchi & Ferreira (2014, p. 93) designam como “miolinho da santa”. Os moradores contam que a capela foi, primeiramente, construída com barro, os tijolos foram os pretos de antigamente que fizeram: eles amarravam o barro cuidadosamente e levantaram a capela. D. Alice conta, ainda, que a igreja foi um presente dos pretos para a santa e que a capela é o lugar preferido dela. Posteriormente, em meados do século XX, o santuário foi refeito pelos pretos com cimento e tijolos, mas mantendo-se no mesmo lugar. Além de ser o miolinho da Nossa Senhorado Carmo, a capela, no centro da praça, é a casa da Santa, juntamente aos outrossantos.

A capela de Nossa Senhora do Carmo também é chamada de casa da Santa, e está localizada bem no centro da vila. A parte exterior das paredes da capela é branca com alguns detalhes em marrom; na parte interna, as paredes são brancas com quadros religiosos pendurados e imagens de Nossa Senhora. A maioria das imagens foram trazidas ou doadas pelas famílias do Carmo. Assim, Nossa Senhora Aparecida foi um presente da família de D. Adélia, e Nossa Senhora das Graças foi uma lembrança de um senhor já falecido. Todavia, pretendo destacar as afinidades que as famílias têm com os santos no capítulo seguinte. A capela comporta aproximadamente 150 pessoas, tem um tamanho médio: na parte interna da igreja tem-se 14 bancos de madeira, 7 bancos dispostos do lado direito e 7 do lado esquerdo, além de algumas cadeiras de plástico.

Como vimos anteriormente, a capela de Nossa Senhora do Carmo, foi construída em meados no século XVII. Não há em seu interior a tradicional imagem de Jesus

crucificado, há somente a imagem da padroeira – afinal de contas é ela quem cuida dos pretos, como me disseram. A imagem de Cristo é colocada no interior da capela somente durante os velórios; ainda assim, a imagem que fica na cabeceira do morto velado é a do santo de devoção da família e Jesus tem seu lugar apenas na lateral do caixão.

A imagem da Nossa Senhora do Carmo, a padroeira da vila, difere da imagem tradicional da mesma Santa, pois não traz o menino Jesus nos braços¹⁴. Como vimos na introdução, a imagem original foi furtada em março de 2012, e outra Nossa Senhora do Carmo (a denominada substituta) foi colocada em seu lugar, para ocupar o lugar da verdadeira Santa, à frente e acima da capela, protegida com um vidro e com o rosto voltado ao pátio ou gramado da praça mais a frente. Não existe nenhuma réplica da Santa original: sua imagem, hoje, só pode ser encontrada nas fotografias, sejam as dos moradores do Carmo, as do acervo do IPHAN, as dessa dissertação ou as de quem mais as tiver tirado antes do roubo.

Dentro da capela, a organização do espaço é dada da seguinte forma: ao centro, encontra-se Nossa Senhora do Carmo (atualmente, a substituta); na lateral esquerda, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora Aparecida; na lateral direita, tem-se Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças. Portanto, a capela do Carmo é eminentemente um santuário dotado de Nossas Senhoras, de santas mulheres.

¹⁴Alcântara (2008) destaca algumas imagens sacras de Nossa Senhora, datadas do século XVII, que não possuíam o menino Jesus nos braços, como é o caso de N. S. do Carmo, N. S. da Conceição, Santa Luzia, Santa Bárbara e N.S.



Imagem 3: Nossa Senhora do Carmo *original*. (Fonte: Acervo da pesquisadora).



Imagem 4: Nossa Senhora do Carmo *substituta*. (Fonte: acervo da pesquisadora)

Os moradores do Carmo mencionam que a capela é um lugar onde as imagens (a Santa e os demais santos) ficam guardadas, mas, mais do que isso, é nesse local onde elas residem e, neste sentido, a capela é bastante semelhante a uma casa com seus quatro

cômodos: o altar, onde ficam alguns santos: Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, São José e Nossa Senhora das Graças; o salão, que passa a ser uma extensão do altar e é onde ficam os bancos e as cadeiras; subindo-se a escada, há outro andar, onde ficam os instrumentos da banda – composta por violão, saxofones, teclado e por alguns moradores, que tocam durante as missas; e, por fim, um escritório que tem a função de sacristia, local onde ficam guardados a bíblia, as roupas dos padres, e os aparatos para a realização da missa – quem tem acesso a este local são, majoritariamente, os padres e os sacristões, que correspondem aos ajudantes do padre namissa.

A capela da Santa é, sobretudo, a morada de Nossa Senhora do Carmo, mas outras imagens convivem com ela dentro e fora do santuário. Os moradores relatam que a Santa e os santos coabitam na capela e, a partir dessa convivência, eles conseguem vigiar e proteger os pretos do íntimo da igreja. Além disso, as pessoas contam que a Santa e os santos, além de morarem juntos, transitam pelo bairro, ou seja, para fora da capela: percorrem as ruas e as casas, cuidando de todos. D. Alice conta que as imagens conversam entre si, que elas também têm poder escolha, optam por estar com determinadas famílias. Assim, os santos dividem as obrigações entre eles por meio de acordos, circunstâncias e necessidades.

Algumas senhoras contam que a Santa sozinha não daria conta de toda a demanda do Carmo, que os santos foram chegando para amparar tanto as famílias, como a própria Nossa Senhora do Carmo. Assim, a Santa possui o poder dela, e os demais santos, os poderes deles. Desse modo, santas e santos dividem entre elas as demandas do Carmo. Sobre os santos, meus interlocutores explicam que, tecnicamente, você pode rezar para qualquer um, mas, aparentemente, uns são melhores que outros ao se pedir alguma coisa específica: se você tem problema nos olhos é para Santa Luzia que você vai rezar, ela que é a protetora dos olhos; ou meu marido é caminhoneiro toda noite, eu rezo para São Cristóvão, pois ele que olha os motoristas decaminhões.

Além de a capela estar conectada com as imagens de santos, é importante observar que, no seu entorno, há um gramado, cuidado por algumas mulheres, que abriga duas cruzes: uma mais próxima da capela e outra mais afastada, para o lado esquerdo. As duas cruzes também reforçam a aproximação da Santa com os outros santos. Os moradores explicam que a primeira cruz, apontada para a igreja, simboliza a paixão de Jesus Cristo para com a Santa e seus santos. Deixando transparecer, mais uma vez, a Santa como algo primordial, é ela que fica dentro da capela, enquanto Jesus permanece na parte de fora ou exterior da capela – lembremos que ele só ocupa o salão na ocasião de velórios, e sequer

aparece nos braços desta Nossa Senhora especial que habita o Carmo –, mas, ainda assim, é um convizinho da morada da Santa.



Imagem 5: cruz próxima da capela. (Fonte: <https://mapio.net/pic/p-121645763/>)



Imagem 6: segunda cruz, mais afastada da capela. (Fonte: acervo da pesquisadora)

A segunda cruz representa dois santos: Nossa Senhora Aparecida e São João, porque, como contam os moradores, ambos são muito próximos à vila e muito amigos – note-se o termo de afinidade e companheirismo – de Nossa Senhora do Carmo; por isso, a importância de se ter uma cruz para eles. Além disso, no tempo dos antigos, uma grande festa, com fogueira e comidas típicas, era celebrada para São João, próxima ao ponto onde

se encontra esta cruz, que remonta a um tempo específico e a essa relação com o santo.

A capela e a praça marcam, no espaço do bairro do Carmo, a história dos antepassados dos moradores junto com a santa; assim D. Helena sugere: se você precisa escolher um lugar para inaugurar seu texto, escolha a capela e a praça que são os primeiros e são, ainda hoje, fundamentais nas dinâmicas do bairro, tanto cotidiana quanto religiosa, como se verá.

O gramado, ou pátio da capela, é um espaço de interação dos moradores e visitantes, onde as crianças brincam com os cachorros, jogam vôlei e futebol, andam de bicicleta, onde as pessoas realizam bingos, feiras de pastel. É lá que os adolescentes e os adultos dançam funk, forró e sertanejo na madrugada, é o local onde D. Antônia vende seus sacolés. Foi ali também o lugar mais comum de interação entre a equipe do convênio INCRA/UFSCar com os moradores, através de reuniões e dos cadastramentos realizados ao longo da pesquisa.

Durante a semana a praça é movimentada, de segunda-feira a quinta-feira o movimento noturno ali é reduzido, ao contrário do que ocorre nas noites de sextas-feiras, sábados e domingos. Nesses dias, alguns moradores ligam seus carros de som próximos à praça e ficam ali conversando, bebendo e dançando. É no período noturno que acontecem, também na praça, as novenas que se estendem por um período de nove dias. Para comemorar o fim da novena, no dia da(o) respectiva(o) santa(o), as mulheres organizam na cozinha da praça, que corresponde a um dos cômodos anexos à capela de N. S. do Carmo, a venda de pastéis. É nesse momento que as crianças, católicas e evangélicas, se reúnem: mesmo quem não participa da novena passa pela praça para comprar e comer pastéis. E foi ali que as senhoras me acolheram, enquanto eu cozinhava junto com elas, fechava pastéis, e fazia marmitas para a festa dasanta.

A praça é, ainda, o lugar onde os palanques são montados na época das eleições e onde são realizados os bingos para arrecadar dinheiro para as festas e procissões dos santos, além de ser o lugar onde as crianças se amontoam para brincar e ir àcatequese.

A praça e sua capela da Santa revelaram-se, desde o princípio das minhas atividades em campo, como sendo um local importante, central para as pessoas e para que minha pesquisa se desenvolvesse, pois residi em um dos cômodos anexos à capela em meus primeiros dias de campo, e foi nesse local que se iniciaram as primeiras conversas sobre a história da Santa, sobre seu roubo e sua importância; foi ali que as primeiras perguntas sobre a Santa permitiram com que muitas senhoras me convidassem para um café em suas casas, que elas contassem sobre suas afinidades com a Santa, mas também

sobre a história dos outros santos como se verá no capítulo seguinte.

Assim, a praça e a capela da Santa dão sustentação ao argumento de que os lugares do bairro do Carmo são construídos a partir da relação ou, ainda, do encontro – histórico, cotidiano e ritual – entre a Santa e os pretos. Sublinho que é a afinidade com a Nossa Senhora do Carmo com os lugares e com os moradores do Carmo que dá sentido ao que denomino como “geografia sagrada”. Assim capela e praça são essenciais, pois os ascendentes acharam a Santa naquele local e neste mesmo lugar foi erguida a casa da Santa. E o encontro da Santa com os pretos é acionado pela memória: sempre que possível, os moradores do Carmo explicam que aquele é um local escolhido por ela, em conjunto com eles. Para tanto, a capela do Carmo e a praça dão significado à geografia do Carmo como seu ponto central, criado por meio das relações que antepassados e os atuais moradores estabeleceram e ainda mantêm com a Nossa Senhora do Carmo, e para onde convergem os descendentes dos escravos do Carmo, nestas terras em que Santa e pretos estão conectados.

A praça e a igreja são, portanto, lugares de intersecção entre os bares e as ruas, entre o dia e a noite, entre finais de semana e dias da semana, entre católicos e evangélicos. Desse modo, se a praça faz parte da história da vila, pois ali foi construída a primeira capela de barro para a Santa, ela segue fazendo parte do presente dos moradores, já que é onde se encontra cotidianamente, onde se faz política, mas também onde são realizadas várias celebrações religiosas dos residentes da vila, e é onde se encontra a nova capela de cimento. Dentre as várias celebrações religiosas, sediadas na praça e na capela, há uma especial: a festa de Nossa Senhora do Carmo.

1.4 – A festa de Nossa Senhora do Carmo (a Santa e a festa)

Antigamente as festas não eram na igreja, elas aconteciam nas casas, a vila era formada por poucas residências e muito mato. A minha avó tinha 12 filhos e a casa dela era uma das poucas que existia na vila. O Carmo dos pretos era coberto por mato e casinhas espalhadas, naquela época todos eram parentes, e a maioria era músico. A santa do Carmo foi a primeira a chegar e sempre esteve com os pretos, guiando. O bairro foi aumentando aos poucos, junto com os santos, de cada casa saía um santo para fazer seguir procissão. Todos os santos saíam enfeitados no dia da grande festa da Santa. Até hoje é importante enfeitar santo em dia de peregrinação, eles precisam estar bem-vestidos. São Benedito chegou aqui na vila por meio do meu outro tio, o São Judas veio da casa de uma tia-avó de minha mãe, todos sempre foram santos muito próximos da santa do Carmo e vieram para ajudar a santinha, os pretos antigos e os novos que foram chegando com o tempo. Antigamente era uma vila só com gente daqui mesmo, não tinha gente de fora, não se via branco, nem

amarelo. (D. Odila, 2016).

O relato de D. Odila introduz a festa da Santa na vila do Carmo, narrando que a Santa do Carmo foi a primeira a chegar a vila. Pontua que primeira significa, neste cenário, a primeira e principal imagem de santo apresentada para, ao ser encontrada pelos moradores. D. Odila elucida também o modo como os outros santos foram aparecendo, em um momento posterior à chegada da Santa, para as famílias do Carmo. Assim, as outras imagens de santo comparecem para amparar tanto Nossa Senhora do Carmo, como para auxiliar os pretos. São Benedito, por exemplo, chega à vila por meio de um tio e São Judas aparece por meio de uma tia-avó. Dessa maneira, a celebração da Santa é um ritual festivo de grande importância e marca o encontro dos pretos com a Santa, mas também aponta para a vinda de outros santos e sua importância como auxiliares de Nossa Senhora e das famílias do Carmo.

Desde o início das atividades de campo, observei que a festa da Santa foi sendo apresentada pelos moradores como sendo um momento em que Nossa Senhora do Carmo, santos e moradores saem em peregrinação, mas também se enfeitam, no sentido de se caracterizarem com trajes e vestes especiais, sendo essencial que santos e pessoas estejam bem-vestidos. Será objetivo deste subcapítulo evidenciar a importância dos detalhes da celebração da Santa.

Todavia, como mencionado na narrativa de D. Odila, no tempo dos pretos antigos os santos não saíam da capela da Santa no dia de celebração de Nossa Senhora do Carmo, mas das casas dos moradores. Assim, a peregrinação das imagens caminhava no sentido casa das famílias-capela, seguindo a lógica de devoção do santo por cada família: é nesse sentido que eu afirmei, anteriormente, que a capela de Nossa Senhora funciona como um ponto aglutinador de convergência da fé das diferentes casas ou famílias do Carmo. Nesse cenário, somente Nossa Senhora do Carmo saía da capela, quando esta ainda era de barro. Desse modo, a Santa, os santos e os pretos transitavam no dia da grande festa por todo o território do Carmo, que ainda contava com uma parcela significativa da antiga Fazenda do Carmo. Hoje eles revelam que o território é bastante reduzido, tanto em relação às terras do Carmo, quanto ao percurso da peregrinação.

É importante notar que a celebração da Santa desde o princípio tem o propósito de reunir moradores e imagens de santos, movimentando-os pelo território em uma dinâmica festiva que dá sentido às relações e afinidades que são criadas com os santos, mas que também concede significado ao lugar do Carmo, que é dos pretos e da Santa, por meio da

circulação de humanos e não humanos que conforma, junto a certos lugares (conforme já vimos) a “geografia sagrada” do Carmo.

Desta maneira, os residentes do Carmo foram adquirindo e colocando para dentro de suas casas outras imagens de santos, conforme mencionou D. Odila no relato supracitado, sublinhando São Benedito e São Judas. Assim, por mais que a imagem de Nossa Senhora do Carmo seja primeira e primordial, tem-se outras notáveis imagens devido à expansão do número de famílias no Carmo: outros santos foram sendo trazidas para dentro das casas da vila, muito por aspiração da Santa, mais também por vontade e iniciativa dos pretos.

Os residentes da vila mencionam que a Santa possui o poder dela, e os demais santos, os poderes deles. Segundo relatos, a Santa possui 26 amigos, por isto saem em procissão 27 santos no dia dela, uma vez que ela, sozinha, não é capaz de dar conta de todas as demandas da vila. Com a virada do século XIX para o XX, a capela foi reformada, quando deixa de ser de barro e passa a ser de cimento.

A preparação para a festa de Nossa Senhora do Carmo atualmente começa em abril, com reuniões, com a definição das famílias que arrumarão os andores de cada um dos vinte e sete santos que sairão em procissão, com a indicação das pessoas que pagarão promessas enfeitando os andores, com a prospecção de prendas, com a definição de quem ficará nas barracas de comidas, dentre outras atividades. Nos meses de maio e junho são realizados bingos e vendas de pastéis na praça para obtenção de recursos financeiros para a realização da festa. O mês de julho é marcado pelas festividades da padroeira, cujo início sempre acontece com a Novena de Nossa Senhora do Carmo, iniciada no dia 7 deste mês.

O dia de Nossa Senhora do Carmo no calendário religioso católico é 16 de julho. No entanto, as comemorações ocorrem sempre no final de semana mais próximo a esse dia. O dia de Santo Elias, 20 de julho, encerra as atividades e representa a permissão para a descida dos santos dos respectivos andores. O interessante é que a celebração de fato inicia-se com a novena da Santa, mas finaliza-se no dia de Santo Elias. D. Odila conta que este santo vagava pela Ordem Carmelita, que o avô dela mencionava este como sendo o santo de Monte Carmelo, que estava sempre fugindo dos frades e cuidando dos pretos, amparando e protegendo as roças dos antigos, por isso o encerramento é dele, pois ele esteve ali resistindo e almejando a felicidade dos negros. A festa também evidencia e reforça os laços entre as famílias da comunidade, interna e externamente. Pessoas unem-se em torno de seus santos, promessas são cumpridas e parentes que não mais residem na vila retornam nessa data.

Desde o roubo da Santa, em 2012, é a Nossa Senhora do Carmo substituta que sai em procissão com um andor e um manto. Mas os pertences da Santa verdadeira, seu broche, manto e andor, encontram-se guardados em um dos cômodos da Igreja para quando a imagem voltar. Os moradores explicam que a Santa ficaria muito chateada se seus pertences tivessem sido passados para outra santa que não ela. E, apesar da substituição, a história da Santa (original) continua com eles, dentro dos corações, nos afetos e nas celebrações dos moradores do Carmo.

Como no início da pesquisa de campo fiquei hospedada nas acomodações da capela de Nossa Senhora do Carmo, dispus-me a ajudar nos preparativos da festa em 2016. Participei de missas, trabalhei com as senhoras ajudando a fechar pastéis e a organizar e montar marmitas para serem vendidas no dia da Santa, lavei mesas com as crianças, separamos caixas de guardanapos, refrigerantes, toalhas, fichas, e ainda carreguei andores. Aos poucos fui compreendendo que a festa é organizada majoritariamente por um grupo feminino de crianças, adolescentes, mulheres adultas e idosas. São as mulheres que cuidam do dinheiro, sendo importante destacar que há um incentivo financeiro, principalmente em ano eleitoral: os vereadores dispõem-se a mandar cestas básicas para ajudar na preparação das marmitas no dia da santa. Em ano não eleitoral, o grupo feminino se desdobra para conseguir a renda necessária para a execução da festa, preparando prendas, bingos e sorteios, para que a festa sempre se mantenha independentemente do apoio dos políticos.

O grupo, majoritariamente feminino, cuida da igreja, dos andores, da comida e da organização da festa como um todo. Os homens cuidam da eletricidade e da montagem de barracas; no entanto, são as mulheres que decidem o lugar e a posição dessas mesmas barracas. Como em tudo (ou em quase tudo) no Carmo, na festa também são as mulheres as protagonistas.

Os santos têm seus andores enfeitados por pessoas de dentro e de fora da vila. As mulheres mencionam a delicadeza das mãos femininas, pois os bordados, as fitas e as cores do tecido precisam ser bem-feitas e sutis para enfeitar o andor. É preciso afeto e mãos graciosas para fazer o santo ficar bem bonito no andor que sairá em procissão. Ao todo são vinte e sete santos em uma sequência preestabelecida para a procissão, sendo que na sexta-feira, dia 15 de julho de 2016, essa ordem foi:

- 1- São Benedito
- 2- Santa Carmem

- 3- Santo Expedito
- 4- Nossa Senhora Aparecida
- 5- Sagrado Coração

No sábado, dia 16 de julho de 2016, a sequência foi:

- 1- São Benedito
- 2- Santa Carmem
- 3- Santo Expedito
- 4- Nossa Senhora Aparecida
- 5- Sagrado Coração
- 6- Nossa Senhora das Graças
- 7- São Judas
- 8- Santa Catarina
- 9- São Roque
- 10- Santa Terezinha
- 11- Nossa Senhora do Carmo

Acompanhei os três dias de procissões referentes ao ano de 2016. Na sexta-feira e no sábado, elas tiveram início no final da tarde. Conduzidas por residentes do bairro, a procissão faz a volta ao redor da igreja de Nossa Senhora do Carmo e, neste dia, não é necessário o uso de andores, somente alguns são colocados. As senhoras explicam que as peregrinações de sexta-feira e de sábado funcionam como um ensaio para o grande dia ou o dia da santa, sendo domingo o dia em que, de fato, se comemora a festa de Nossa Senhora do Carmo, quando é fundamental a presença de todos os andores e imagens. Os moradores contam que as imagens foram doadas por pessoas de dentro e de fora da vila para a capela de Nossa Senhora do Carmo e não é de bom tom dizer que o santo foi comprado. Geralmente, as imagens foram ganhadas ou doadas, e cada uma possui sua especificidade, cabendo ao devoto escolher de qual santo vai se tornar mais próximo. Entretanto, quando os indago sobre que relação é está criada em conjunto com as imagens de santo?, eles afirmam convictos que é de amizade e proximidade, e, por isso, opto por ressaltar que a Santa e os santos estão com os residentes, quer dizer, que os moradores escolhem o santo como um amigo¹⁵. Os moradores do Carmo explicam que os santos são próximos, no sentido afetivo. Assim as imagens de santo fazem parte e participam do cotidiano, acompanhando os desafios, os contratempos, as dificuldades da vida, mas também são

¹⁵No capítulo seguinte será melhor exemplificada esta relação de amizade e proximidade.

fundamentais em momentos de celebrações, como é o caso da festa de Nossa Senhora do Carmo. Contudo, quando indaguei o nome dessa relação de proximidade (que termo deveria utilizar?), eles realçaram a palavra amizade; neste cenário os santos são amigos muito próximos e cuidadosos.

No domingo, dia 17 de julho de 2016, a ordem do grande dia foi:

- 1- São Benedito
- 2- Nossa Senhora Aparecida
- 3- São Judas Tadeu
- 4- Nossa Senhora das Dores
- 5- Sagrado Coração
- 6- Nossa Senhora de Fátima
- 7- São Jorge
- 8- Nossa Senhora do Monte Serrate
- 9- Bom Jesus
- 10- Santa Catarina
- 11- Divino Espírito Santo
- 12- Santa Rita
- 13- São Sebastião
- 14- Nossa Senhora das Graças
- 15- Santa Ediwirges
- 16- Santo Antônio
- 17- Santa Carmen
- 18- Santo Expedito
- 19- Nossa Senhora do Rosário
- 20- São José
- 21- Nossa Senhora da Conceição
- 22- Frei Galvão
- 23- Arcanjos
- 24- Santa Luzia
- 25- Santa Terezinha
- 26- São Roque
- 27- Nossa Senhora do Carmo

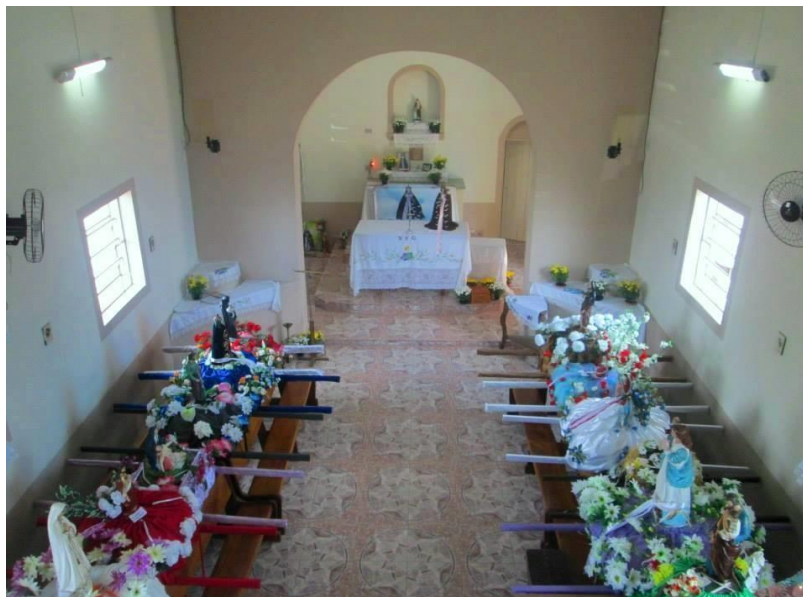


Imagem 7: andores prontos para a procissão. (Fonte: acervo da pesquisadora)

A respeito da ordem dos vinte e sete santos no domingo de celebração à Nossa Senhora do Carmo, D. Odila explica que, no tempo dos antigos, a vila era formada por 32 casas ao redor da capela de barro da Santa. Logo, cada casa possuía um santo do qual os familiares eram devotos. Neste contexto, casa pode ser considerada como sinônimo de família. Contudo, no capítulo seguinte, descreverei as casas dos moradores do Carmo, os detalhes, e o modo como os santos estão inseridos para dentro dos altares particulares das residências; desta forma, buscarei explicar e exemplificar esta associação entre casa e família.

D. Odila pontua que o tempo dos antigos pode ser descrito pelo período do século XIX e, naquele momento, a festa da Santa já era celebrada com a peregrinação dos santos, porém, a procissão seguia a ordem correspondente às famílias e a localização de suas casas, os santos saindo da casa dos moradores. Com virada do século XIX para o XX, a capela é reformada e deixa de ser de barro e passa a ser de cimento. Com esta reforma, os santos são transferidos das casas das pessoas para dentro da igreja. Nos dias atuais, saem 27 santos em procissão no dia da Santa e não mais 32, pois, segundo contam, cinco imagens não foram transferidas para a capela, pois algumas pessoas faleceram e outras deixaram de ser católicas. Destas 27 imagens, apenas 23 residem dentro da capela, uma vez que São Benedito, Nossa Senhora das Graças, Santa Edwirges e Santa Terezinha foram para Vargem Grande Paulista com seus respectivos familiares, mas regressam para o bairro para a festa da santa, todos os anos.

A procissão dos santos, hoje em dia, ocorre no meio da tarde do domingo

correspondente ao final de semana da celebração. Pessoas da comunidade ou de fora dela são solicitadas para carregarem andores dos santos. Nesta ocasião, em 2016, apresentei-me para carregar andores, cabendo-me o de Santa Terezinha. No domingo, a peregrinação é mais longa do que no sábado e na sexta-feira. A peregrinação dos andores no dia da Santa inicia-se com os santos saindo de dentro da capela de Nossa Senhora do Carmo, e finaliza com a volta destes para dentro da capela. O percurso da peregrinação consiste em dar uma volta ao redor da vila. A última a sair e a entrar da capela é a Santa, Nossa Senhora do Carmo. No caminho, as pessoas rezam, cantam, se emocionam e são acompanhadas pela banda do bairro. A procissão termina com a chegada do andor da Santa na capela matriz e o Bispo pede uma reza à Maria, seguida de um viva Nossa Senhora do Carmo, entoado portodos.

As senhoras da vila relatam ainda a proximidade dos santos entre eles: elas contam que, durante a noite, quando a capela se fecha, eles conversam entre si, dividem as preces e os pedidos das famílias do Carmo. São os santos que tomam conta dos moradores, repartem entre si as funções de proteção e, apesar de alguns ficarem mais próximos de algumas famílias, eles zelam por todo o Carmo conjuntamente e em auxílio mútuo. Nas noites na capela, Nossa Senhora do Carmo e seus 26 santos e santas amigos confirmam a unidade do Carmo constituída por suas famílias sob a proteção de seus santos de devoção particular e os cuidados da Santa do Carmo com toda a comunidade.

De todos os santos presentes no Carmo, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida são os únicos santos pretos, e são essenciais nos três dias de peregrinação. As senhoras do Carmo esclarecem que estes são santos associados e muito estimados, parecidos com os pretos de antigamente, pois representam coragem e cuidado para comos seus; por isso eles têm que estar na frente. O interessante é que, em toda procissão religiosa, São Benedito tem que estar na frente, é ele quem inicia a romaria das imagens.

Era mais bonita a festa de Nossa Senhora do Carmo, os santos eram enfeitados na casa das pessoas e a procissão seguia a ordem das casas da vila. O São Benedito é o santo que tem que ir à frente, ele sempre esteve com Nossa Senhora do Carmo, protegendo, cuidando, encorajando, guiando os pretos. (D. Lavínia,2016).

Como mostra o trecho supracitado, se São Benedito não estiver no início da procissão poderá ocorrer uma calamidade muito grave na vila do Carmo¹⁶. Em seu livro

¹⁶Para os moradores do Carmo é de fundamental importância respeitar a ordem dos santos na procissão da

“Os Deuses do povo”, Brandão (1980) traz um relato similar sobre a importância de determinada posição de São Benedito nas procissões, sobre a vontade dos santos que deve ser considerada e sobre o vínculo estabelecido com os pretos de uma região do interior paulista. A diferença é que, no caso trazido pelo autor, este santo deve vir por último, ao contrário do que ocorre no Carmo:

Pois eu vou contar pro senhor. Teve um ano aí que veio o padre e resolveu botar a imagem de São Benedito no andor dele na frente de todas as outras na procissão. Porque o senhor sabe que nela vêm os andores de muitos santos, muito mesmo; mas a da São Benedito é pra ser a última. A última, porque é o lugar conforme ele gosta de vir nela e é onde ele sempre veio, desde que tem essa festa, desde o tempo dos escravos, dos cativos que teve muitos aqui. Pois então, o padre veio e disse: ‘Esse ano o São Benedito vai na frente, primeiro de todas’. Tá certo, foi e botaram ele lá antes de todas as outras. Pois eu vou lhe dizer, o santo ficou zangado que na hora foi aquela confusão, aquela ventania que ventava de todo lado, aquele vento bravo mesmo. E vinha fazendo aquela algazarra que a procissão já tava toda arrumada aí do lado de fora pra sair, tudo nos lugares direitinho, e que dê que saía. Não conseguia, ninguém podia. Era uma confusão, o padre gritava, os festivos gritava e nada, uma desordem, ninguém se entendia. Daíumfalou: ‘põe o santo no lugar dele’. Botaram. Pegaram o andor dele e botaram lá no fim da fila dos santos. O vento foi parando, foi serenando, ficou só aquela brisazinha. Num instante se arrumou tudo de novo e a procissão saiu. Daí prá cá, todo mundo já sabe, São Benedito tem que sair do lugar que é o gosto dele (Brandão, 1980, p.210-211).

No domingo, que corresponde ao dia da festa de Nossa Senhora do Carmo, a comunidade recebe muitos visitantes, que vêm principalmente de São Paulo, Cotia e Vargem Grande Paulista¹⁷, acompanhados também por uma romaria de 13 km, que vai de Vargem Grande à vila, e que traz quatro dos 27 santos da procissão. Dentre os santos que acompanham a romaria de Vargem Grande, está o São Benedito, mencionado também por Brandão, Nossa Senhora das Graças, Santa Ediwirges e Santa Terezinha.

A questão territorial será assunto do terceiro capítulo, mas já adianto que muitos dos moradores do Carmo estão atualmente residindo em Vargem Grande Paulista, tendo

festa da Santa, pois representa uma organização estabelecida pelos *antepassados pretos*. É preciso considerar a trajetória e a relação dos *antigos* com os santos. Por isso, São Benedito tem que ir a frente, pois este foi um critério já estabelecido pelos ascendentes dos moradores. O não respeito a essa convenção, ou ainda a falta de consideração para com a ordem dos santos em dia de peregrinação, pode causar calamidades navila.

¹⁷A maioria dos quilombolas do Carmo que vive atualmente fora da Vila reside em Vargem Grande Paulista, cidade vizinha a São Roque. Seus antepassados deixaram o Carmo por várias razões, mas estas famílias se reconhecem e são reconhecidas como *gente do lugar*. Muitos, inclusive, apoiam a regularização fundiária da Comunidade Remanescente de Quilombo do Carmo porque desejam voltar a residir na terra de seus parentes.

se mudado para a cidade vizinha em busca de melhores perspectivas de emprego e de vida. Além disso, a maioria dos homens no Carmo consegue empregos ou serviços em Vargem Grande, trabalhando, principalmente, no ofício de mestre de obras ou como pedreiros, como é o caso de Caio, marido de Manuela. Por essa razão, receberam-me, em um primeiro momento, em sua residência no bairro do Carmo, mas, em um segundo contexto, fui visitá-los em sua casa em Vargem Grande – destaco que as esposas costumam acompanhar os maridos neste contexto de mudanças. Ainda assim, é importante ressaltar que o casal almeja voltar o quanto antes a residir no bairro, pois para eles o Carmo é o lugar deles, onde residem seus amigos e familiares, e onde moraram seus antepassados. Manuela expressa: *Caio não gosta de morar em Vargem, sente muita saudades dos parentes e amigos, e não vê a hora de voltar para a vila*. Desta forma, nota-se que a festa de Nossa Senhora do Carmo passa a ser o momento de reencontro entre famílias que hoje estão residindo em Vargem, e que retornam para o Carmo no dia da Santa, nutrindo também o desejo de um dia poderem voltar para as terras do Carmo. A festa, portanto, propicia um reencontro anual daqueles que residem fora do Carmo não significativo, nesse sentido, que quatro das imagens venha da Vargem para a vila, fazendo convergir pretos (de fora) e santos para seu centro de origem e fonte máxima de poder: a capela de Nossa Senhora do Carmo.

Portanto, à saída dos moradores do Carmo para a cidade vizinha, Vargem Grande, além de outros municípios mais ou menos distantes, amarra-se o desejo de voltar à vila. Mesmo nessas circunstâncias de partidas, os santos acompanham os moradores e vão pegados a eles. Em dia de festa, como é o caso do dia Nossa Senhora do Carmo, todos voltam para o território da Santa. São Benedito, Nossa Senhora das Graças, Santa Ediwirges e Santa Terezinha regressam para o bairro do Carmo junto com os moradores do Carmo, em romaria, para retornarem ao território dela e deles, celebrando com a Santa e com os parentes o dia de Nossa Senhora.

A procissão dos antigos evidenciava as relações entre santos, residências e famílias, porque em cada casa havia um santo de quem as famílias eram devotas, e a procissão mostrava, em sua ordem de funcionamento, esses vínculos familiares. Ser de determinada família significava, portanto, ser devoto de um santo específico, o que mostra a imbricação entre os membros das famílias e seus santos. Por outro lado, a procissão atual também realça os vínculos dos moradores com os santos, também criando afinidades, festejos, além de atualizar e reforçar as relações com santos. Assim, pessoas que não mais residem na vila voltam no dia da festa da Santa para festejarem junto com os parentes e os

santos, sendo interessante notar o fato de que, tanto para os antigos moradores, como para os atuais, a Santa é o denominador comum das relações.

Pretendo, no capítulo seguinte, destacar com mais detalhes as relações constituídas entre os outros santos e os moradores do Carmo, contar como elas se dão na prática da vida, das promessas e no cotidiano das pessoas. Uma vez que as imagens também são amigas muito próximas de Nossa Senhora do Carmo, foram chegando à vila para ajudar a Santa a cuidar dos pretos e do território quilombola do Carmo, como contam os moradores. Os santos colaboram entre si para uma melhor divisão do trabalho na atenção aos pedidos dos devotos.

Assim, a história da praça, da capela, das casas, dos santos, da festa, das mulheres e das pessoas está atrelada à Nossa Senhora do Carmo, uma vez que ela os chama para perto dela, para dentro de um território denominado do Carmo – e que se busca redefinir, hoje, como Comunidade Remanescente de Quilombo do Carmo. A história da vila está necessariamente atrelada a este estar com a Santa. Assim, o propósito de descrever a praça, a capela e a festa da Santa passa, principalmente, pelo argumento de que Nossa Senhora do Carmo está muito próxima aos moradores da vila: não se pode pensar neles sem ela, assim como é virtualmente impossível falarmos território sem incluir, na conversa, a Santa. Ainda assim, os residentes são também devotos de várias rezas, para muitos e diferentes santos. Todavia, o denominador comum entre eles é a Santa, ela é o fio condutor da história, do território e da vida dos moradores do bairro.

A festa da Santa do Carmo, deste modo, contribuiu e reforça o argumento da “geografia sagrada”, onde santos e humanos celebram, festejam juntos, dando sentido à própria existência da vila do Carmo como um território santo e negro. A festa é o motivo para os moradores colocarem vestimentas bonitas, para comidas serem bem preparadas, bingos realizados, para os santos desfilarem em procissão com trajes elegantes, o momento em que as mulheres se desdobram para dar conta de todos os preparativos. Desse modo, é também evidência do quão importante a Santa é, o festejo sublinhando a magnitude do encontro dela com os pretos.

No capítulo seguinte a santa continua sendo o fio condutor dessa história, mas reforçarei o argumento de que os santos também estão com os moradores do Carmo dentro do cotidiano, ao serem pensados como amigos e auxiliares de Nossa Senhora. Assim,

destacarei a história destas outras personagens (e de suas imagens) que se relacionam com a rotina dos residentes da vila, dando ênfase às casas, às festividades e à capela de Nossa Senhora Aparecida e a Casa Grande, reforçando, assim, a relação entre a santa, os santos e o território.

CAPÍTULO 2 - OS SANTOS FORAM CHEGANDO PARA AMPARAR A SANTA E AS FAMÍLIAS DA VILA

Este segundo capítulo busca compreender as relações que alguns dos moradores da vila do Carmo estabelecem com seus santos de devoção. O objetivo é apresentar a importância dos demais santos, para além de Nossa Senhora do Carmo. Dessa maneira, dividirei o capítulo em subcapítulos e, no primeiro deles, retratarei as casas das pessoas, os lotes de terra onde se situam e os cômodos nos quais se dividem. Em seguida, descreverei as várias imagens de santos que estão guardadas dentro dessas residências, em altares particulares, para evidenciar como esses santos participam da vida e da rotina dos residentes do Carmo. Isso porque, ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, tive acesso a várias casas de famílias católicas e notei que, dentro delas, estão os santos, e são as histórias desses santos que podem revelar a sua importância na trajetória de vida das famílias do Carmo.

Em vista disso, procuro mostrar como Nossa Senhora do Carmo precisa dividir suas responsabilidades, como atestam seus fiéis, com todos os outros santos adorados na vila do Carmo. Assim, os residentes do Carmo explicam que os santos foram chegando para amparar tanto a Santa do Carmo como as famílias da vila. Esses santos, a quem os moradores se referem, são santos específicos: Santa Luzia, São Cristóvão, São Cosme e Damião, São Gonçalo, São Jorge, Santo Expedito, São João, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio e Nossa Senhora do Rosário.

Desse modo, pontuarei as festas e celebrações mais mencionadas pelos moradores e que são realizadas para os diferentes santos. Descreverei de maneira detalhada a festa de São Gonçalo, para a qual tive permissão de participar em setembro de 2016, por ser de responsabilidade de uma das famílias com as quais estabeleci laços mais íntimos. Mencionarei, ainda, a festa de Nossa Senhora do Rosário, e contarei as lembranças dos moradores sobre a festa de São João, não mais realizada nos dias de hoje.

As festas de santos reforçam o argumento, como veremos, de que os moradores estão com e junto de seus santos, além de estarem, sempre, junto com Nossa Senhora. A celebração, ou o festejo, representa o momento em que santos e humanos celebram juntos, dividem alimentos, alegrias, danças e, também, a oportunidade de rever parentes. São acontecimentos sempre bastante alegre e repleto de movimento.

Assim, como vimos no capítulo 1, os lugares da vila do Carmo compõem uma “geografia sagrada”, formando um território que é de santos e de pretos: uma terra de preto e de santa. Ainda dentro dessa perspectiva, que privilegia a análise dos lugares e de uma

“geografia sagrada”, descreverei a capela de Nossa Senhora Aparecida na vila do Carmo, o único outro templo católico no lugar, além da capela de Nossa Senhora do Carmo. A parte interna dessa capela é repleta de santos de diversos tipos e tamanhos, variedade que espelha, de certo modo, aquela existente na capela central do Carmo; assim, será tema deste capítulo o modo como estes santos foram chegando para dentro da capela, que contrasta, por outro lado, com o processo, já descrito, que trouxe as imagens para dentro da capela de Nossa Senhora do Carmo: se nesta os santos ali reunidos procedem de diversas famílias do bairro, na capela de Nossa Senhora Aparecida eles resultam da ação de uma única família; neste sentido, esta última capela parece funcionar antes como um altar particular, como parte da residência de uma família, seguindo o contraste entre as devoções familiares a certos santos e a devoção generalizada à Santa do Carmo. Algo, contudo, singulariza Nossa Senhora Aparecida: é por isso que, por fim, descrevo a excursão para a basílica de Nossa Senhora Aparecida, na cidade paulista de Aparecida, um importante momento de devoção realizado fora do Carmo, e do qual tomei parte em 2016.

Ainda neste capítulo, retratarei a Casa Grande e a senzala anexa também como um lugar de santos e de pretos, quer dizer, um local que também compõe a paisagem sagrada do Carmo. Os moradores do Carmo mencionam que, no tempo dos antigos, a procissão dos santos também passava pelo Casarão, incorporando esta porção do território aos circuitos sagrados que movimenta(va)m pessoas e santos. Portanto, este é ainda um local que conecta santos e moradores e compõe a “geografia sagrada”. Em vista disso, este segundo capítulo procura destacar a aproximação entre os santos e os moradores do Carmo. Desenvolvo essa ideia a partir, principalmente, da expressão, utilizada por Ferreira (2014), que afirma que os moradores do Carmo seriam “gente de uma reza só”¹⁸. Todavia, no que diz respeito a essa expressão, pretendo ressaltar a “multiplicidade de santos”, contar as histórias, mencionar como esses santos participam do cotidiano de algumas famílias, a maneira como eles auxiliam os moradores nos contratempos da vida, realçando as ordens do afeto e da consideração. Defendo que os interlocutores desta pesquisa são “gente de

¹⁸O trabalho antropológico de Ferreira (2014) pontua os moradores do Carmo como sendo filhos de Nossa Senhora do Carmo. Assim, a expressão utilizada pela autora, “gente de uma reza só”, destaca a Santa do Carmo, através de uma “única reza”, ou seja, de uma devoção direcionada a ela por todas e todos. Como mencionado no capítulo 1, minha intenção não é negar os argumentos da autora, e obviamente também destaco a importância da Santa; porém, no período que estive em campo também tive acesso a outros santos, e pude perceber sua importância fundamental nas vidas das pessoas. Neste capítulo, destacarei estes outros santos, suas histórias, e multiplicidades, mostrando como algumas famílias da vila também são devotas de vários santos, para tantas e diferentes rezas.

várias rezas”, ou “gente de muitas rezas”, e não apenas de uma, para tantos e diferentes santos.

2.1 As casas

O convênio entre o INCRA e a UFSCar, como já salientei, foi de fundamental importância para o desenvolvimento de minha pesquisa como um todo, mas, mais especificamente, para que eu conhecesse por dentro e de perto as casas dos moradores. Em um primeiro momento, parecia que o preenchimento dos cadastros – etapa necessária do conjunto de estudos que fundamentam o Relatório Antropológico que estamos produzindo – tornaria o contato com os moradores algo constrangedor, por exigirem, por exemplo, informações referentes à renda da família, ao modo como as casas foram e são construídas e à escolaridade dos moradores. Contudo, as questões da ficha cadastral não se mostraram invasivas, mas, ao contrário, abriram o espaço para convites para um café, outras visitas e muitas histórias sobre santos. Além disso, foi por meio desse processo do cadastro das famílias quilombolas que consegui conhecer quase todas as residências da vila do Carmo.

As aproximadamente 170 casas que formam a vila do Carmo foram construídas em lotes de terra, cada um desses lotes agrupando uma média de três ou quatro casas, um dos efeitos da concentração dos quilombolas do Carmo no entorno da capela (o “miolinho da Santa”) em função da paulatina expropriação das terras da antiga Fazenda do Carmo (Sorocamirim). As casas costumam ter o mesmo padrão: geralmente, dois quartos, sala, cozinha, banheiro e quintal. A maioria das casas não tem forro, e a caixa d’água fica na parte interna da casa, mais especificamente entre a cozinha e a sala. As paredes das casas são feitas de tijolos, cimento, massa corrida e, por fim, quadros religiosos nas paredes da sala, cozinha e quartos.

Durante o período de trabalho de campo na vila do Carmo, tentei passar por quase todas as casas—em um primeiro momento, claro, por exigência dos protocolos de investigação do INCRA, que demanda o conhecimento de todas as residências da área em estudo. Naquele momento, residi na casa de duas famílias, e tive mais facilidade em transitar pelas famílias mais próximas dessas casas; pude observar, entretanto, que mesmo as casas que não eram de parentes tão próximos, tinham, em média, o mesmo tamanho. Todavia, notei que algumas poucas casas pareciam menores ou maiores que outras. O que me chamou a atenção foram os lotes de terra e a construção e distribuição das casas dentro

de um determinado lote. Os moradores explicam: um lote de terra na vila do Carmo engloba em média três ou quatro casas, e dentro desse lote estão os parentes próximos, como avós, mãe, filhos, irmãos, netos, tios, o parentesco entre os ocupantes das casas de um mesmo lote sendo sempre evidenciado. Tentarei esclarecer melhor esta conexão entre lotes de terra, casas e parentesco por meio da experiência com as duas famílias com as quais residi. Descrevo o modo como se dá a divisão dos lotes e como as casas são formadas dentro de uma percepção que relaciona parentesco e ossantos.

A primeira casa onde residi divide o terreno com mais quatro casas: a primeira¹⁹ é a casa da mãe, D. Lavínia²⁰ (onde morei); na segunda casa, residem a filha de D. Lavínia com o marido; na terceira casa, que se encontra vazia, residia seu filho, já falecido; e, na quarta, outro filho com a esposa e mais três de seus netos. O parentesco interfere na construção das casas, mas não necessariamente, há uma regra rígida para todas as famílias. Todavia, nesse caso, sim, temos uma ordem: a filha mais velha foi a segunda a construir sua casa pegada a de sua mãe, D. Lavínia; depois, o filho do meio, já falecido²¹, construiu a terceira casa e, por fim, a quarta casa foi construída pelo filho mais novo. É interessante notar que D. Lavínia tem mais duas filhas, uma que reside em Guariba, estado de São Paulo, e outra filha, que preferiu alugar uma residência em outro lotedavila, pois, no momento em que se casou, não possuía condições para construir uma casa no lote da mãe (D. Lavínia), devido à dificuldades financeiras e ao pouco espaço que restara no lote (ou, como dizem, no quintal) da mãe.

A segunda casa onde morei segue uma lógica parecida com a primeira; assim, o lote da segunda também é composto por quatro casas. A mãe mora na primeira, uma filha e um filho em uma segunda casa, um cunhado com os filhos na terceira casa, e há uma quarta casa, que corresponde à casa de outra filha. No entanto, D. Helena e seu marido têm mais três filhas casadas que moram em lotes pequenos na parte das famílias de seus respectivos maridos. D. Helena expressa que seu sonho é colocar todos os filhos, genros,

¹⁹Quando menciono “primeira casa”, “segunda casa”, “terceira casa” ou “quarta casa”, refiro-me à ordem em que as casas foram construídas em um determinado lote de terra. Geralmente, a pessoa mais velha reside na primeira casa construída; depois, seus parentes próximos vão construindo suas residências ao redor dessa primeira casa.

²⁰D. Lavínia teve 5 filhos, três de um primeiro casamento e dois de um segundo, os dois maridos são falecidos e ela criou os filhos praticamente sozinha.

²¹O filho do meio de D. Lavínia chamava-se Augusto e faleceu em meados de junho de 2016, um pouco antes de eu iniciar minha estadia em campo mais duradoura. Dessa maneira, até o momento em que estive na vila do Carmo, a casa de Augusto encontrava-se vazia. D. Lavínia havia acabado de perder seu filho quando fui residir em sua casa, ocasião em que ela mencionou que a casa ficaria vazia por um tempo, mas que ela gostaria muito que seu neto (Pedro), filho de Augusto, pudesse vir a residir na casa de seu pai. Pedro vive com a mãe em Cotia, um bairro próximo à vila.

netas e netos, em um mesmo lote de terra, mas que eles ainda não possuem condições financeiras para isto, razão pela qual uma futura demarcação do território quilombola poderia vir a ser muito útil, como diz. Vários fatores interferem na lógica de construção das casas, onde serão erguidas, mas a figura materna se destaca neste contexto. Dessa maneira, as mães geralmente almejam que tanto seus filhos homens quanto suas filhas mulheres construam casas próximas a elas, pegadas as suas. Assim, as mães, após o casamento dos filhos, os querem por perto, ou seja, no mesmo lote. Em alguns casos isso dá certo, em outros, não; muitas vezes por falta de condições financeiras, acaba sendo mais interessante, e ainda mais barato, alugar uma casa por um preço mais baixo no lote de alguma família vizinha, ou de uma tia ou um tio que tenha uma casa vazia, que fora ocupada por algum parente distante.

As imagens de santos encontram-se dentro das casas, os santos fazem parte da família e do cotidiano dos moradores, e estão dentro da ordem do “afeto” e da “consideração”. Se, por um lado, é muito arriscado dizer que Nossa Senhora do Carmo e os múltiplos santos que compõem a vila do Carmo são “consanguíneos” dos moradores, por outro lado, os moradores pontuam que os santos são muito considerados e estimados pelos da vila. No período final de escrita desta dissertação ainda tinha dúvidas sobre como classificar a relação dos meus interlocutores com os santos, e as senhoras que me receberam em campo foram fundamentais para esclarecer várias questões por telefone e áudios do “WhatsApp”. D. Lavínia e suas filhas contaram-me, quando das minhas inúmeras ligações, que os santos são muito próximos dos moradores, no sentido de amigos que estimam, consideram e querem o bem. Tentei algumas palavras para usar como sinônimo, e elas me autorizaram a escrever que esta proximidade de estar com os santos se conecta às categoria do “afeto” e da “consideração”.

Parentesco, casa e família são, como se sabe, alguns dos temas clássicos da Antropologia, estando fortemente entrelaçados na constituição das socialidades humanas. Entretanto, se estou aqui tratando diretamente de casas e famílias em suas relações com os santos (assunto que me interessa), na minha opinião, a relação entre santos e moradores da vila do Carmo não é uma relação de parentesco, mas de amizade e proximidade. Esta relação pode ser dita “se aproximar” do parentesco (ou mesmo “ser parentesco”), mas em um sentido distinto do que comumente se pensa: na expansão da ideia de parentesco proposta por vários autores, entre eles Sahlins (2011), sugerindo o parentesco ser esta mutualidade do ser, a convivência estreita, a interrelação, o emaranhamento, a vida em

comum. Opto por dar ênfase às relações que os moradores do Carmo criam com os santos, no sentido mutualístico de estar junto e com os santos, de modo a evidenciar um parentesco “diferente”, por assim dizer. Assim, pretendo me abster de toda discussão antropológica sobre o parentesco, para dar ênfase às relações de “consideração” e “afeto” entre os moradores do Carmo e os santos, que é como estas são verbalizadas no bairro, conforme já apontei.

Assim, tentarei mostrar como as relações com os santos são atualizadas, criadas e recriadas, dentro das famílias. O intuito não é dizer que sem santo não se tem família, ou, ainda, que uma casa só pode ser pensada no quadro das relações santo/família. Pelo contrário, o argumento dos moradores é da ordem criativa, no sentido de evidenciar como os santos estão ali auxiliando meus interlocutores nos desafios familiares, no cotidiano, mas também contribuindo para as alegrias da vida. Desse modo, é de fundamental importância descrever e analisar os altares das casas.

2.2 Altares

A presença dos santos nas casas é ressaltada pelos altares, que podem ser montados nos quartos, mais especificamente acima da cabeceira da cama da mãe, seja ela solteira ou casada, e/ou na sala, onde os santos são colocados no ponto mais alto do rack em lugares considerados silenciosos. É ali que os santos estão, pois precisam de tranquilidade para cuidar e proteger melhor a casa.

É notável que a imagem de Nossa Senhora do Carmo não exista em quase nenhuma casa. A razão, como eles contam, é que ela é uma santa única, que foi encontrada pelos pretos em 1800. Contudo, encontrei a imagem da Santa apenas na casa de duas senhoras, D. Jandira e D. Violeta, e ambas argumentaram que aquela era apenas uma imagem, no sentido material, uma tentativa artística de refazer a Santa, como uma réplica da Santa original, que foi roubada. D. Jandira esclarece que ganhou a santinha do Carmo de João²²: ele deu de presente a ela e à D. Violeta, mas que aquela não era a Santa original. Sem demora, D. Jandira e D. Violeta pontuaram que a Santa verdadeira era muito maior e mais bonita do que esta que eu estava vendo em sua casa. Nossa Senhora do Carmo, como venho defendendo, é a Santa do Carmo, de todos os seus moradores; a devoção a ela, portanto, não é de foro particular, tal como acontece com os demais santos e santas: a Nossa Senhora do Carmo de fato é aquela que, da capela, zela por todo o bairro. É interessante que as duas senhoras se refiram à imagem da Santa que possuem em casa por

meio da arte – como uma obra de arte (feita por João²²) –, o que não acontece nas referências à imagem original (hoje perdida) da Santa do Carmo.

Adiante, sigo com a descrição dos santos que estão dentro das casas dos moradores do Carmo, narrando com detalhes as histórias de santo dos altares particulares das residências de alguns dos meus interlocutores. Pontuo, aqui, os santos de famílias específicas. Em síntese, evidencio como estas imagens de santo participam das rotinas e dos destinos das casas, fazem parte da história de vida dos moradores, e estão incluídas nas relações familiares.

2.2.1- Altar de D. Helena e de sua filha Gabriela

Na tentativa de compreender quais santos estão no interior das casas das pessoas, tomo como primeiro exemplo a residência de D. Helena, que tem, ao lado de sua cama, um altar em cima de uma cômoda de madeira, salientando que é de fundamental importância os altares estarem localizados em um ponto alto e confortável para os santos: as imagens têm que estar em um lugar agradável e silencioso. O altar de D. Helena conta com três santos: Santa Luzia, São Cristóvão e São Gonçalo; a cômoda onde ficam os santos é coberta por um pano branco, e sobre ele são colocadas as três imagens. Ela conta que acende velas toda semana para seus santos e, sempre que pode, deixa um copo de água ou café no altar para os santos beberem: os santos gostam muito de água e pretinho, também conhecido como café.

D. Helena, quando me conta a história de seu altar, aponta para todos os seus três santos, mas inicia a sua história dando atenção especial à Santa Luzia, que começou a fazer parte de seu altar após o nascimento de sua filha mais nova, Bianca. D. Helena explica que Santa Luzia é a santa protetora dos olhos e que, poucos dias antes do nascimento de sua filha, uma tia distante lhe deu a santinha para colocar em seu altar, afirmando que esta seria muito importante na trajetória de vida de Bianca.

Em 2005, ela narra, descobriu que a sua gravidez, inesperada, tinha alto grau de risco porque, na época, ela já tinha completado 42 anos de idade. Ela achava que nem

²²João é um rapaz de 38 anos que trabalha como pedreiro e jardineiro para as famílias do Patrimônio do Carmo, mas, em seu tempo livre, sempre desenha, e contou-me que gosta de desenhar rostos de pessoas, mas que aprecia também a arte manual e escultural feita com argila e gesso. Dessa maneira, João fez destes materiais duas imagens da Santa do Carmo, mas em nenhuma de suas tentativas a santa ficou parecida ou igual a original. Tudo se passa como se a imagem original—que é a Santa do Carmo— não pudesse ser (fielmente) reproduzida, uma vez que é única.

poderia mais ter filhos e que sua menstruação tinha atrasado por conta da menopausa, e não por estar prenha. Conta que, quando descobriu que estava grávida, sua família estava em festa por Gabriela, a sua filha mais velha, estar embarçada de Tarsila, que viria a ser sua primeira neta. No entanto, em uma de suas consultas, D. Helena já estava grávida havia cinco meses, e o médico disse-lhe que ela teria que dar à luz a criança quando completasse seis meses e meio de gestação. Isso porque a gravidez era demasiadamente frágil, como elarememora.

E foi assim, um mês e meio depois e com receio do que poderia acontecer, que ela deu à luz a Bianca em um hospital público de São Roque, em uma cesariana realizada pelo SUS – Sistema de Unidade de Saúde. D. Helena disse que os médicos ainda queriam que a recém-nascida, Bianca, ficasse encubada no hospital por mais quatro meses, mas ela disse ao médico que aquilo não poderia ocorrer, uma vez que ela precisaria voltar ao trabalho o quanto antes, e não existia a possibilidade financeira, tampouco emocional, de ela e a filha ficarem no hospital. Assim, elas retornaram para sua casa na vila do Carmo apenas alguns dias depois.

Santa Luzia foi entregue a D. Helena pouco antes do nascimento de Bianca. O interessante é que, apesar de ir para a casa com apenas seis meses e meio, a menina aparentava ser forte e saudável; a única coisa que parecia intrigar a mãe desde o nascimento de Bianca era seu estrabismo. Neste sentido, Santa Luzia chegou para auxiliar a família de D. Helena, para proteger os olhos de Bianca. D. Helena conta que santa é capaz de dar luz a pessoas com problema de visão.

Manuela, outra filha de D. Helena, menciona perceber o estrabismo da irmã desde seu nascimento, e ainda relata que, quando Bianca chegou à casa da mãe, foi um espanto, uma vez que ela era tão pequena que cabia inclusive em uma caixa de sapato. Manuela conta que, naquele momento, todas as irmãs, o pai e a mãe, juntos cuidaram da recém-nascida, que a todo o momento tinha alguém dando leite, mingau e, claro, que as orações aos santos foram fundamentais para que a menina se desenvolvesse de um modo saudável; ela expressa, ainda, que Santa Luzia está com a Bianca desde seu nascimento.

O único embaraço da filha mais nova de D. Helena foi, realmente, o estrabismo. No entanto, as orações para Santa Luzia foram tão potentes, segundo os familiares, ao ponto de Bianca conseguir, aos sete anos de idade, por meio do SUS, uma cirurgia que curasse seu estrabismo. Assim, ela foi operada e seu estrabismo foi curado. D. Helena conta que foi a santa dos olhos que cuidou e curou da visão da menina, o oftalmologista

foi apenas um instrumento, mas quem agiu mesmo foi Santa Luzia. É neste sentido que os santos estão com os moradores, agindo em suas vidas, ajudando-os, como demonstra o relato de D. Helena e suas filhas.

Ainda no que diz respeito às histórias dos santos da família de D. Helena, há uma narrativa a respeito de São Cristóvão, que me foi contada por Alfredo, marido de Helena, conhecido também como Pai. Alfredo é caminhoneiro e, atualmente, trabalha como entregador de verduras da CEAGESP, dirigindo pelas estradas do estado de São Paulo das 22h até às 14h do outro dia, totalizando turnos de 10 horas de estrada diariamente, com apenas uma folga por semana. Relata, ainda, que seu percurso é cheio de rodovias e atalhos demasiadamente perigosos, por isso a importância de ter São Cristóvão por perto, uma vez que ele é o santo protetor dos motoristas. Nesse sentido, o Pai conta que nunca passou por nenhum acidente de trânsito, que seu caminhão é muito potente, e que isso também está muito relacionado com as velas, orações e pedidos que ele faz ao santo, que é quem o acompanha na estrada. É São Cristóvão o seu grande guia, amigo e protetor. Assim, esse santo também é reconhecido como um integrante da família e faz parte do altar de D. Helena²³.

As três filhas de D. Helena também montam altares em suas casas: duas delas têm a imagem de Nossa Senhora Aparecida em um altar localizado na sala de suas residências, e a filha mais velha, além de ter o altar com a padroeira do Brasil, possui, ao lado dela, a imagem de São Cosme e Damião, considerados os santos das crianças. Gabriela, filha mais velha de D. Helena, afirma ser importante ter estes santos na casa, pois ajudam seus filhos nas tarefas da escola e a serem crianças educadas: não sei o que seria de minhas crianças sem Cosme e Damião, afirma.

Gabriela conta que seu filho do meio, Augusto, quando era criança teve sérios problemas de saúde, como febre alta e alguns ataques de convulsão que os médicos nunca souberam explicar muito bem. Gabriela menciona que tinha muito medo de ser epilepsia, temendo, inclusive, que seu filho viesse a perder a consciência. Por conta dessa enfermidade, Gabriela fez uma promessa para Nossa Senhora Aparecida pedindo para que ela olhasse por seu filho e o curasse. Ela sempre teve um apreço muito grande pela santa, afeição que foi nutrida também na relação com sua sogra (infelizmente, já falecida), sendo

²³No subcapítulo referente às festas de santo, destacarei São Gonçalo, outro santo que também se encontram no altar de D. Helena. Pretendo descrever a celebração desse santo quando retrato a importância dos quintais nas casas, mas já adianto que, no altar da celebração do santo, Santa Luzia vai junto com São Gonçalo e São Cristóvão. Santa Luzia, assim como os outros dois santos, são partes muito significativas da história de vida da família de D. Helena.

esta a criadora da excursão anual dos devotos do Carmo para Aparecida²⁴.

Em vista disso, Gabriela fez um acordo com Nossa Senhora Aparecida: prometeu à santa que, se o seu filho não tivesse mais crises de convulsão, ela iria por sete anos até Aparecida e subiria de joelhos a escada da basílica da santa como forma de agradecimento. Por conseguinte, a santa atendeu ao pedido da mãe, e Gabriela narra emocionada que seu filho, desde o início das orações, não teve mais crises de febre alta, nem tampouco convulsões.

Gabriela menciona que São Gonçalo também faz parte de sua história, uma vez que sua mãe é a responsável pela festa desse santo e, em comparação, realça sua responsabilidade com a festa da Santa do Carmo, sublinhando que este negócio de vários santos teve início com Nossa Senhora do Carmo, conforme as famílias foram crescendo e as demandas aumentando, as casas e os altares com santos ajuntaram em várias imagens. Como mencionado no capítulo 1, a primeira Santa a chegar na vila foi Nossa Senhora do Carmo. Com o passar do tempo, outros santos foram chegando para auxiliar tanto a Santa quanto os moradores: aumenta a população, crescem os problemas e às demandas ao sagrado, e outros entes sobrenaturais vão sendo, pouco a pouco, convocados a auxiliar a santa encontrada pelos pretos; assim, os relatos das conexões que os residentes fazem com os santos nos seus altares particulares evidenciam a importância dos santos na trajetória de vida das pessoas do Carmo.

Noto que a presença das imagens nas casas acentua a hipótese de que os moradores estão com os santos, inclusive dentro das residências, na intimidade dos lares e moradores, mas também nas estradas, no trabalho, nas dificuldades da vida e, principalmente, durante as enfermidades. Reforço o argumento de que os santos não estão apenas nas capelas e igrejas, mas também no cotidiano, no dia a dia, ajudando, inclusive, as mães a criarem os seus filhos, como é o caso de Cosme e Damião.

D. Helena explica dentro de sua casa esta proximidade com os santos, dando ênfase ao “afeto” e à “consideração”:

casa protegida é aquela que acolhe pessoas e santos, não existe frescura, sempre cabe mais um santinho no altar, sempre dá para ampliar ou até mesmo apertar as imagens nos altarzinhos, e do mesmo jeito, terá espaço para visitas em nossas casas. Não podemos nos preocupar com chatices,

²⁴A excursão para Aparecida acontece entre os moradores da vila do Carmo desde 1990. D. Maria, sogra de Gabriela, era a responsável por organizar o ônibus, contando quantos dos moradores da vila seguiriam para a basílica de Nossa Senhora Aparecida. Descrevo abaixo, quando tratar da importância da capela de Nossa Senhora Aparecida na vila do Carmo, os detalhes dessa excursão que acontece até os dias atuais.

este negócio de afetação não é com a gente, pode até ficar um pouco desconfortável, e até apertadinho, mas a verdade é que os santos a todo momento dão um jeito de ajudar a gente dar conta da vida e das casas. (D. Helena 2019).

Fui compreendendo que tanto os humanos como os santos precisam de uma casa para morar: todos buscam um lar, daí a importância de descrevê-las. Os moradores argumentam que a capela de Nossa Senhora do Carmo foi o primeiro domicílio²⁵ a se formar na vila, e, seguidamente, construíram-se as residências ao redor da edificação. Com o crescimento das famílias, precisou-se agenciar e trazer outros santos para dentro das casas (dos altares) e das capelas outros santos, esses que vieram justamente para auxiliar e amparar à Santa e as famílias do Carmo. D. Helena pontua que, no começo da história das procissões, Nossa Senhora do Carmo já saía da capela, e os santos saíam das casas dos parentes, e, desde aquela época, já existia altar nas casas e na capela. Nota-se que a Santa continua sendo o fio condutor da história dos moradores; todavia, ela também é capaz de acionar outros santos e outras moradias, na dura tarefa de zelar pelo bairro do Carmo.

2.2.2 – Altar de D. Valentina

Outra senhora, D. Valentina, conta que criou os três filhos dentro de casa com a ajuda de Nossa Senhora e mais dos santos, Nossa Senhora do Rosário e Santo Expedito. Ela frisa a dificuldade que foi criar dois meninos e uma menina. D. Valentina e o marido sempre precisaram trabalhar fora de casa e as crianças ficavam o período da manhã na escola e o da tarde em casa. Ela sempre acompanhava os filhos do trabalho pelo telefone, deixava o almoço pronto para as crianças e, desta maneira, seus filhos aprenderam a cozinhar e a cuidar da casa desde os sete anos de idade. D. Valentina menciona que foi um período difícil, mas que conseguiu educá-los muito bem, já que hoje os três são adultos e trabalhadores.

D. Valentina revela, angustiada, que hoje em dia é ainda mais difícil criar os filhos, antigamente era mais tranquilo, principalmente porque, no momento atual, o conselho tutelar tem dificultado a vida de muitas famílias e mães. Assim, qualquer briguinta na escola é suficiente para eles acionarem os pais, e diz que, muitas das vezes, as demandas do trabalho não permitem que eles consigam comparecer às reuniões gerenciadas pelo

²⁵O fato de igreja e residências serem moradas dos santos é o aspecto principal que borra a distinção entre casa e capela, mas não o único. No início da minha pesquisa de campo, fiquei instalada, tal qual os santos, na Capela de Nossa Senhora do Carmo, e só depois de um tempo fui para a casa de duas senhoras moradoras do bairro.

conselho. Com tal situação, muitas crianças acabam ficando na rua por conta do que denominam da frescura tutelar, algumas famílias perdem até mesmo o direito ao benefício da Bolsa Família e, em alguns casos, até mesmo a guarda dos filhos.

D. Valentina diz que o Estado às vezes tem boas intenções, mas muitas vezes as autoridades, este negócio de conselho, não sabem ver, olhar, no sentido de enxergar, o lado das mães. Todavia, ela reconhece a eficiência do conselho tutelar em casos de pedofilia e de maus-tratos.

Além de explicar como criou os filhos, D. Valentina pontua as dificuldades e os males que a rua pode trazer para as crianças: drogas, pedofilia, prostituição e até mesmo a morte, lembrando, com tristeza, das crianças e dos animais que já vieram a falecer nos trilhos do trem que contronam a própria vila do Carmo. D. Valentina enfatiza os riscos que a rua pode trazer, mas ela sublinha que nunca proibiu suas crianças de jogar bola, soltar pipa e andar de bicicleta fora de casa. Contudo, eles só podiam brincar na rua depois de irem à escola, de terem feito as lições, de terem cuidado da casa. No tempo dos antigos prevalecia, acima de tudo, um acordo entre mães e crianças, agora, nos dias de hoje querem transferir este compromisso para conselho tutelar, por isto que não dá certo.

D. Valentina reconhece, também, que só conseguiu criar seus filhos como amparo de Nossa Senhora, que é a auxiliadora e a protetora das famílias. Ela apresenta o seu altar, que fica na sala, com três santinhos: Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida, e Santo Expedito – este último chama minha atenção, uma vez que mede uns 70 cm de altura, enquanto, as duas imagens de Nossa Senhora têm apenas, aproximadamente, 20 cm. Ela explica que todas as imagens que tem no seu altar foram arranjadas em Aparecida, destacando que não é de bom tom dizer que comprou santo ou até mesmo auxílio divino²⁶.

Durante um café na casa de D. Valentina, ela contou-me a história do Santo Expedito com 70 cm de altura. Ela afirmou que este santo está correlacionado à vida de seus filhos, principalmente com seu filho do meio. D. Valentina é mãe de dois rapazes cujos nomes são Ernesto e Joaquim, além de uma moça chamada Letícia. O seu garoto mais velho, Ernesto, é soldado da Força Aérea Brasileira desde seus 18 anos, e seu outro filho, o do meio, buscou seguir os mesmos passos do irmão, inscrevendo-se para ser

²⁶Três vezes por ano são realizadas excursões para Aparecia, um lugar muito apreciado pelos moradores do Carmo, como se verá. Existe uma aproximação entre os moradores e a santa de Aparecida. Ao redor da basílica de Nossa Senhora Aparecida são montadas barracas com imagens de santos de diversos tamanhos para serem compradas pelos fiéis. Dessa maneira, D. Valentina explica que as imagens de santos não são meras mercadorias, pontuando que as imagens de santo sempre possuem um valor sentimental, afetivo, que está para além do mercado e dodinheiro.

soldadoaeronáutico.

No entanto, Ernesto parecia não estar muito satisfeito com a escolha do irmão, uma vez que ele mesmo sofreu muito enquanto soldado, e ainda aflige-se, salientando que o treinamento exige um grande esforço físico e psicológico. Joaquim estava, no momento de inscrição para a aeronáutica, passando por um tratamento dentário no qual precisou extrair um dente, por conta de um canal. Nesse cenário, segundo seu dentista, ele só poderia colocar o implante do respectivo dente depois de seis meses da extração, o que o impediria de passar no exame médico da aeronáutica, no qual é exigido que o candidato tenha todos os dentes. Em vista disso, D. Valentina, comunica a seu filho sobre a existência de um santo chamado Expedito, visto como o santo dos soldados, protetor das forças armadas, padroeiro dos guerreiros. Sabendo disso, Joaquim se torna devoto do santo, acompanhando e seguindo novenas dedicadas a Santo Expedito. Quando chegou a hora, ele foi aprovado pela Força Aérea Brasileira, passando pela dentista oficial sem que ela nem ao menos tivesse mencionado a ausência de um de seus dentes.

Joaquim relata que, se não fosse Santo Expedito, ele não teria conseguido tornar-se soldado da aeronáutica. Ernesto também reconhece que duvidou que o irmão conseguisse a aprovação, admitindo que Joaquim só conseguiu ingressar para a aeronáutica por conta do santo. D. Valentina explica que, logo depois da aprovação do filho, eles seguiram para Aparecida para trazer o santo para dentro do altar da casa deles, que Joaquim escolheu a maior imagem de Expedito, e que tampouco se importou com o alto preço da imagem: não tem dinheiro que dê conta dos santos. A família segue devota de Santo Expedito. Joaquim me disse que o santo está sempre com ele. Pontua que sua profissão não é fácil, mas que é amenizada pela proteção e pelo amparo do santo, contando, também, que, no exército, muitos são devotos de Santo Expedito.

D. Valentina anuncia que tem uma afeição muito grande pelo santo, principalmente por este cuidar tão bem de seus dois filhos; assevera que o santo acompanha os rapazes no cotidiano, auxiliando-os no trabalho, no casamento e nos afazeres domésticos. Ela diz que Expedito é o santo dos meninos, patrono dos soldados, e que ela e sua filha são muito mais apegadas a Nossa Senhora, mencionando um problema muito sério que ela teve no rim e depois o lúpus: quando a pessoa adoce, ela procura todos os médicos e todas as religiões para se curar. Os primeiros parecem não dar muito conta da cura, tampouco das pessoas; já as religiões, ou melhor, os santos, parecem realmente fazer milagres pelos moradores da vila do Carmo.

A família de D. Valentina se declara católica: foi apenas quando esteve

enferma²⁷ que procurou um centro de umbanda, e foi atendida por um preto velho que reforçou a fé de D. Valentina para com Nossa Senhora, uma vez que sua crença foi tratada pelo preto velho como algo forte e potente. O preto velho anunciou que a santa iria ajudar a providenciar um transplante de rim, e que era para ela [Valentina] não ter medo da doença (o lúpus), referindo-se a este momento como um período muito delicado de sua vida, inclusive pelo fato dos médicos não saberem explicar o que realmente era sua doença. D. Valentina narra que, neste momento, Nossa Senhora cuidou dela.

O relato de D. Valentina fortalece a presença ostensiva dos santos que pude etnografar no Carmo. Neste caso, Nossa Senhora aparece para “tapar os buracos”, por assim dizer, e suprir as falhas do Estado, inclusive para auxiliar na medicina brasileira, que se mostra em muitas circunstâncias tão precária e tão negligente para com muitos cidadãos, especialmente aqueles das camadas mais pobres da população. É nesse sentido, e devido a essas razões, que os santos estão com os moradores do Carmo, auxiliando, acompanhando e cuidando.

Noto como o catolicismo do Carmo transita por entre outras religiões²⁸. D. Valentina diz não frequentar centros de umbanda, que só participou de encontros em um momento específico de sua vida, mas admite que as palavras ditas naquele centro foram importantes para sua recuperação, e que o preto velho redobrou sua fé diante de Nossa Senhora. Logo, explica que não é de bom tom ficar criticando a religião dos outros, afirma que por trás de todas as religiões estão os santos cuidando e amparando as famílias. Assim sendo, ela reafirma a presença dessas personagens sagradas na vida de todos no Carmo, independentemente de sua fé ou de sua religião.

Por conta dessa experiência, e de muitas outras mencionadas pelos moradores, D. Valentina e sua filha seguem auxiliando nas festas do bairro dedicadas à(s) Nossa(s) Senhora(s): ajudam na organização das celebrações da festa do Carmo, do Rosário, e de Aparecida e, ainda, sempre que pode, D. Valentina se desloca até Aparecida para agradecer a recuperação de sua doença, além de organizar novenas para Santo Expedito continuar amparando seus filhos.

2.2.3 – Altar de D. Nina e seu marido Pedro

²⁷Este período enfermo corresponde ao momento em que D. Valentina tinha muitas dores nas costas por causa do rim e a outra doença, o lúpus, já vinha se manifestando.

²⁸Este é um fenômeno, chamado de “trânsito religioso”, já amplamente discutido na antropologia (Perucci, 1996; Sanchis, 1995).

D. Nina mostra seu altar, localizado em um cômodo alto da sala, com dois santos: Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio. E explica que a santa é dela e o santo do seu marido. D. Nina conta que sua devoção a Nossa Senhora Aparecida descende de sua relação com a mãe, que ela, por sua vez, ensinou a sua filha, desde menina, a rezar para a santa; que a imagem sempre a acompanhou, tanto em momentos difíceis como em momentos alegres. Em 2008, a mãe de D. Nina veio a adoecer e, por isso, ela deu um jeito de providenciar uma santa vinda da cidade de Aparecida. Na época, a mãe já tinha em seu altar uma Nossa Senhora Aparecida, mas em momentos difíceis, diz-se que passa a ser importante que se aceite outras imagens, mesmo que sejam repetidas, para reforçar a devoção e a fé no santo. Infelizmente, sua mãe veio a falecer, mas D. Nina menciona que foi uma morte tranquila, pois a santa ajudou sua mãe a ir para o outro plano com paz no coração. Nesse sentido, D. Nina explica: os santos cuidam dos mortos para que estes não sintam muitas saudades dos vivos, e cuida destes para que estes também não sintam muita falta dos mortos. Em outras palavras, os santos auxiliam as pessoas na compreensão da vida e da morte.

D. Nina destaca que também é devota de São Jorge. Todavia, o santo quebrou, veio a lascar-se e espatifou-se. Pergunto o que ela fez com a imagem quebrada, ela responde que dá azar ficar com santo lascado em casa, que o santo perde seus poderes quando a imagem é quebrada. Por isso, é respeitoso devolver a imagem para a natureza. Ela sublinha que deitou a imagem no rio, para a correnteza das águas cuidarem de São Jorge. Pontuando que daria um jeito de providenciar uma nova imagem do santo para colocar no altar, conta que, na festa de Nossa Senhora do Carmo, sempre enfeita o andor de São Jorge, que este é um santo muito atencioso e querido por ela e pelo marido.

Durante o processo de escrita desta dissertação enfrentei algumas dificuldades no tratamento das ideias de “santo” e de “imagem”: qual a relação entre as imagens (enquanto artefatos materiais, que podem, por exemplo, se quebrar) e os personagens sagrados que ali estão? E estão ali representados ou presentificados? Os moradores do Carmo explicam que os santos estão ali com eles, cuidando, festejando, amparando, ou seja, a presença dos santos não se esgota nos meros objetos: eles têm uma presença que está para além da matéria de que é feita a imagem-objeto. O caso do São Jorge avariado de D. Nina é interessante porque sugere que a imagem-objeto não parece poder representar – e, talvez, nem mesmo presentificar – o santo por estar quebrada: o santo perde seus poderes, diz a senhora. Contudo, ainda assim, a imagem-objeto não perde o que poderíamos chamar de

sua sacralidade, sua “aura”, como se a própria matéria-prima fosse dotada de poder: é por isso que não pode ser simplesmente descartada, mas precisa ser devolvida para a natureza. Neste sentido, imagem e santo como que se confundem, e os materiais comuns (madeira, gesso) que são conformados sem imagens católicas acabam por ser imantados pela presença dos poderes dos santos, ainda que não com a mesma potência, obviamente, das imagens íntegras.

Pedro explica que seu santo preferido é Santo Antônio, contando-me que o santo o ajudou a encontrar D. Nina, pois ele sempre almejou seu amor; narra que fez novena, oração, acendeu velas para o santo e, desse modo, conseguiu conquistá-la. D. Nina confirma que o santo ajudou-os a ficarem juntos. Todavia, D. Nina anda um pouco chateada com Pedro, pois a imagem de Santo Antônio lascou na parte de baixo: ela então, já pediu para o marido retirar o santo do altar e colocar no rio, mas ele recusa-se a desfazer-se da imagem, alegando que não pode e não consegue se desatar do santo. Mesmo avariada - e, assim, sem poderes -, não se consegue abandonar a imagem - ou o santo, como diz Pedro. Há mais, portanto, do que eficácia ou poder nas relações entre os pretos e os santos: há “afeto”, há “consideração”.

É interessante sublinhar, por fim, que o casal também ajuda na preparação da festa para Nossa Senhora do Carmo. Ela, além de enfeitar o andor de São Jorge, auxilia na preparação da comida da festa e ele ajuda na parte das montagens das barracas e da eletricidade.

Os altares particulares da casa de D. Helena e de sua filha Gabriela, de D. Valentina, e de D. Nina com Pedro, evidenciam a presença dos santos dentro das casas de alguns dos moradores do Carmo. As narrativas sobre os outros santos (que não Nossa Senhora do Carmo) são específicas, os casos de devoção, particulares, familiares. À vista disso, reforço a hipótese de que os moradores do Carmo são “gente de diversas rezas”, para tantos e diferentes santos. O curioso é que não existe uma regra para ser tornar devoto de determinado santo. São as relações, os contratempos, as circunstâncias da vida, que aproximam os moradores de determinados santos. Desse modo, D. Helena se tornou devota de Santa Luzia por Bianca, sua filha; de maneira similar, Santo Expedito veio acolher Joaquim, filho de D. Valentina; Nossa Senhora Aparecida também ampara o filho de Gabriela. Como os próprios moradores pontuam: os santos vêm para agir, no sentido de cuidar, dando afeto e acolhimento, auxiliando nos problemas e nas alegrias da vida.

Além da presença dos santos, principalmente nos quartos e na sala das casas, foi possível perceber a centralidade da cozinha nas residências, onde reina certa informalidade: enquanto na sala as conversas eram mais contidas, nas cozinhas elas ocorriam durante um cigarro, um café ou o preparo do almoço, e tratavam sobre a vida pessoal ou sobre o Carmo de uma maneira geral. Aqui, é importante destacar que o meu maior convívio no Carmo se deu com mulheres, os homens com quem conversei com um pouco mais de proximidade foram os maridos, os genros, os filhos e os netos das senhoras donas das casas que me hospedaram. E são as mulheres, como já disse e voltarei a dizer no próximo capítulo, que fazem as festas de santo acontecerem.

O quintal das casas é quase uma extensão da cozinha e é onde ocorrem as festas de alguns santos. No quintal de algumas casas encontram-se, em geral, uma máquina de lavar, churrasqueira e fogões a lenha. O alpendre também é o local onde cachorros ficam presos, as garrafas de cachaça se acumulam, e as galinhas de quem as têm ficam soltas.

O quintal é, portanto, um local de encontro, onde parentes e amigos se reúnem para fazer churrascos, feijoadas, galinhadas; é um canto muito utilizado aos finais de semana. Em campo, pude acompanhar uma festa de São Gonçalo no quintal da segunda família que me recebeu, que é uma das únicas que mantêm a tradição da festa. Uma festa que, assim como os altares domésticos, por ser em louvor a um santo específico, é também uma festafamiliar.

2.3 A festa de São Gonçalo

A festa de São Gonçalo pode ser realizada em qualquer época do ano, exceto durante a Quaresma, dependendo muito do acordo entre os humanos e o santo. A festa envolve o santo e o dono da promessa, mas também os familiares e pessoas próximas a ele, que auxiliam na elaboração e celebração da festa. A promessa é um acordo entre São Gonçalo e um humano: a pessoa geralmente pede ao santo empregos, melhoras de condição de vida, auxílio com enfermidades ou dificuldades gerais, e este atende ao pedido. Como forma de retribuir, celebra-se uma grande festa em homenagem a São Gonçalo. O acordo é feito entre o dono da promessa e o santo: há pessoas que optam por organizar a festa durante mais ou menos anos, como no caso de D. Helena. Segundo ela, há quem negocie para realizar a festa durante mais ou menos anos, mas eu não conheci mais ninguém que estivesse pagando promessa para São Gonçalo naquele momento, apenas devotos que frequentam as festas de D. Helena.

A celebração é realizada no Bairro do Carmo, no pátio da capela, no alpendre ou no quintal da residência do “dono da promessa”. Essa festa ocorre por ocasião do pagamento de uma promessa por uma graça alcançada, iniciando-se sempre já tarde da noite. São Gonçalo é celebrado junto com os outros santos da casa, uma vez que as casas não costumam ter apenas um santo, já que todos se auxiliam mutuamente na tarefa de cuidar dos moradores; e, se trabalham juntos, também festejam juntos, e na companhia dos pretos, com os moradores do Carmo. No caso da festa que acompanhei, Santa Luzia e São Cristóvão foram os que festejaram junto com São Gonçalo, pois o altar de D. Helena é composto por esses três santos e, em agradecimento a eles, mas principalmente a São Gonçalo, houve festa por toda amadrugada.



Imagem 8: Altar de D. Helena com São Cristóvão, São Gonçalo e Santa Luzia. (Fonte: acervo da pesquisadora)

Acompanhei a festa de São Gonçalo no dia 10 de setembro de 2016. Fui recebida pela única família do bairro que ainda mantém a tradição da festa dos antos²⁹. D. Helena me acolheu em sua residência, e explicou:

São Gonçalo é o santo dos violeiros. Antigamente, o bairro era de pretos e a festa de São Gonçalo também é uma festa dos pretos. Todo mundo fazia festa para ele, todos dançavam Caruru. Era um pretexto para pretos e santos se reunirem e dançarem (Helena, 2016).

²⁹Os moradores do Carmo explicam que não existe uma regra rígida para a realização da festa de São Gonçalo, que os parentes antigos faziam mais festas e celebrações para este Santo, mas que estes parentes vieram a falecer e o vínculo com o santo se perdeu. Contudo, existem pessoas que, depois de um determinado tempo, resgatam a festa e a realizam. Os meus interlocutores anunciaram que eu tive sorte em chegar em período de retomada, por assim dizer, da festa de São Gonçalo.

D. Helena é quem prepara a festa nos dias de hoje e é ela quem mantém a tradição, contando com as filhas para ajudar nos preparativos e comidas. Ela diz que a tradição vem dos antepassados. Logo que seu pai faleceu, ela assumiu o comando da festa de São Gonçalo na vila e voltou a realizá-la por dois motivos: o primeiro, por ter o pedido de um emprego para o marido atendido pelo santo e, o segundo, por sonhar com seus parentes já falecidos que solicitaram que a festa fosse executada:

Conheci São Gonçalo por meio de minha avó materna. Danço caruru desde os cinco anos de idade, onde tinha São Gonçalo eu estava dançando. Quando minha avó materna faleceu, quem continuou a tradição foi meu pai, que também faleceu, e assim continuo a tradição do Santo (D. Helena, 2016).

Pode acontecer de o dono da promessa vir a falecer e, deste modo, o trato com o santo fica pendente, sendo muito importante algum familiar continuar o comprometimento com São Gonçalo. Então, se nenhum familiar fizer uma festa para cumprir a promessa, o(a) finado(a) começa a aparecer no sonho de algum parente vivo para que a promessa seja mantida, cabendo à pessoa que sonha terminar o acordo com o santo. Desta forma, Carlinhos conta a D. Helena que tem sonhado muito com o santo e com a avó já falecida, e D. Helena apenas diz: providencie logo uma festa para São Gonçalo e no sonho não se esqueça de perguntar por quantos anos terá que fazer a celebração. O compromisso cumprido com São Gonçalo é de fundamental importância para que o morto possa descansar, ter uma morte tranquila, enfatizando que os santos estão muito mais achegados dos vivos do que dos mortos, porque estes últimos precisam ir-se definitivamente. Os preparativos da festa, mais uma vez, ocorrem por conta das mulheres. D. Helena tem quatro filhas mulheres e um filho homem, mas são as filhas que trabalham para a organização da festa, que se inicia por volta das vinte e duas horas. Elas levantam às cinco da manhã do mesmo dia para preparar o jantar, o lanche da noite, o café da manhã e o almoço do dia seguinte. Elas recebem doações de moradores de fora e de dentro do bairro para executar a festa. Para D. Helena, é um privilégio poder realizar esta festa. Ela conta que já foram oito anos seguidos de São Gonçalo, sente-se orgulhosa de manter a tradição dos seus antepassados, e espera que suas filhas a continuem por longos anos.

No quintal de D. Helena é colocado um altar com um lençol branco e rosas vermelhas, bem como os Santos que acompanham São Gonçalo, isto é, Santa Luzia e São Cristóvão. Alfredo, ou Pai, marido de D. Helena, é o responsável por montar a lona azul

em volta do quintal. A festa conta com três violeiros e dois garotos que ficam nos pandeiros. A dança de São Gonçalo se inicia por volta das 22h30, e conta com uma quantidade razoável de pessoas da vila e de fora do Carmo, com algumas poucas figuras públicas (vereadores e assessores).

Quando a dança começa, a fileira de homens e mulheres é formada. Os violeiros ditam o ritmo para as rodas e círculos que se formam, e os cumprimentos entre homens e mulheres é constante, assim como o cumprimento a São Gonçalo.



Imagem 9: a festa de São Gonçalo. (Fonte: acervo da pesquisadora)

A dança de São Gonçalo ocorre durante toda a madrugada até o almoço do dia seguinte. Os passos são divididos em Caruru, Misura e Corte. As filhas de D. Helena explicam que a Misura e o Corte são fundamentais, inclusive para não se ter dores nas pernas e nas costas no dia seguinte³⁰. D. Helena dança a noite inteira e suas filhas se revezam entre cuidar da comida e dançar.

São Gonçalo é a dança das putas e dos cachaceiros, por isso que é uma fila dos homens e uma das mulheres. Quando foi lançado São Gonçalo, ele fez esta dança brincando, com sua viola, e nessa brincadeira virou

³⁰Os passos são alternados, marcados por idas e vindas em direção ao altar, intercalando entre partes onde o bailado é forte ou é arrastado. Durante as voltas, desenvolve-se a Misura, um momento em que a dança fica mais rápida, dançada em pares, com entradas e saídas pela esquerda e direita do altar de São Gonçalo; o Corte representa o momento mais lento da dança; e o Caruru acontece, principalmente, no encerramento da celebração.

santo, por isto que ele virou protetor dos cachaceiros e das putas. O caruru é a parte mais gostosa da festa de São Gonçalo. (D. Helena, 2016).

Em seu livro “Festim dos Bruxos”, Carlos Rodrigues Brandão dedica um capítulo à dança de São Gonçalo:

Os folgazões, dançadores do São Gonçalo, costumam dizer que o próprio santo desceu à terra e criou a dança. Outros dizem que ele deixou criada antes de subir para o céu. Segundo alguns, São Gonçalo inventou uma dança para fazer com que as prostitutas bailassem durante toda a noite do sábado e, pelo menos no domingo, o dia do Senhor. Outros acrescentam que ele, também um violeiro e um folgazão, deixou-a criada para os seus devotos, para que eles pudessem divertir-se em santidade e, mais ainda, pudessem pagar as promessas feitas ao santo. Assim, entre todos os camponeses católicos de São Paulo, a dança de São Gonçalo (também chamada de função de São Gonçalo ou mais raramente, folga de São Gonçalo) é acreditada como um ritual de devoção religiosa indiscutivelmente santificada: a) porque foi em sua origem criado por um próprio santo; b) porque é sempre e só dançada por devotos, para ele, em seu nome e em seu louvor (Brandão, 1987, p.164).

Os relatos de D. Helena convergem com o do autor, de modo que, na leitura do Festim dos Bruxos e na convivência com a família de Helena, verifiquei pontos em comum: para ambos, qualquer devoto de São Gonçalo explicará a dança como uma devoção, como uma cerimônia coletiva conduzida por um grupo de instrumentistas, cantores e dançarinos profissionais – não no sentido comercial do termo, mas como um tipo de especialidade dentro do campo dos inúmeros rituais do catolicismo popular brasileiro, de gente afamada por tocar em festas de santo porque conhece as letras e as músicas, além dos ritos. É evidente na fala de D. Helena, assim como na escrita de Carlos Brandão, a importância do festeiro, que assume os gastos com todas as providências necessárias para a Festa de São Gonçalo. A responsabilidade do festeiro se dá por uma relação de contrato preferencial de troca de serviços com o santo e, se recebe continuamente dele bênçãos e ajudas, deve não só responder com atos pessoais de devoção, mas também com o encargo de realizar a sua cerimônia preferida, a dança. Dentro desta perspectiva de compreender as celebrações de santo, destacarei abaixo a festa de Nossa Senhora do Rosário.

2.4 - A festa de Nossa Senhora do Rosário

Os moradores do Carmo contam que, antigamente, a festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário era uma festa grande, pois havia um senhor responsável por organizar esta celebração para a santa do Rosário. Com o falecimento dele, a festa se tornou menor, como conta D. Helena:

Menina, não e empolgue muito com a festa de N. S. do Rosário. Antigamente era uma festa grande, com muitas pessoas, nunca foi tão cheia como a do Carmo, confesso. Hoje são poucas pessoas, mas os festeiros estão lá firmes, tentando manter a tradição. Rosário foi doada pelo dono daquela casa que antigamente era a sede da banda do Carmo. Sabe menina, a casa de barro onde hoje é o vestiário dos meninos? Então, o dono daquela casa deu para a capela do Carmo a santa do Rosário. Na verdade, não deu e nem comprou fala-se doou. (D. Helena, 2016).

D. Helena explica que todo ano, assim que acaba a procissão, o padre anuncia os festeiros do próximo ano; geralmente, um casal de dentro da vila é escolhido.

Menina Ana, é simples. A pessoa [geralmente os ministros da eucaristia que são da vila e trabalham para a comunidade católica] vem e pergunta para você: aceita ser festeiro? Quando acaba a procissão do domingo, o Padre entrega a coroa para os próximos festeiros: fulano e beltrano, sempre um casal de dentro do bairro. (D. Helena, 2016).

As responsabilidades dos festeiros são várias: arrecadar alimentos, prendas, bebidas, dinheiro e organizar bingos. E eles são os responsáveis por manter a tradição da festa de Nossa Senhora do Rosário e dos santos chegados à santa, para, no dia dela, poderem carregar a coroa da santa na peregrinação. D. Helena e o seu marido Alfredo foram os responsáveis, em 2004, por conseguir cestas básicas para a preparação das comidas da festa da santa e organizar bingos para arrecadar dinheiro para a estrutura das barracas de prendas. O casal enfatiza que são muitas as tarefas e, por mais que os homens auxiliem, quem realiza a maioria das tarefas são as mulheres.

Em sua pesquisa, Zaluar (1983) destaca a importância e a centralidade das festas de santo para o catolicismo popular brasileiro, e afirma que elas são normalmente realizadas sob o controle de leigos e não de padres ou outros membros da instituição da Igreja, tal como ocorre no Carmo. Além disso, aponta para a responsabilidade dos festeiros que organizam as festas para que os participantes, acima de tudo, sejam bem servidos de comida, pois seria vergonhoso que alguém saísse de alguma festa sob sua responsabilidade ainda com fome. E, assim como no Carmo, são as mulheres as principais colaboradas no preparo da comida das festas (Zaluar, 1983).

As várias tarefas do festeiro foram sentidas por D. Helena, que desabafou que, depois de 2004, não quis mais ser festeira, mas que sempre ajuda na festa da santa e que leva suas filhas consigo para trabalharem nos preparativos. Segundo ela, era preciso trabalhar o dia todo como doméstica e pegar faxina aos finais de semana, mas, apesar das necessidades, teve que deixar o trabalho um pouco de lado para ir atrás dos preparativos da festa de Nossa Senhora do Rosário.

D. Helena também conta que, certa vez, uma antropóloga queria ser festeira, mas pessoas de fora não têm a menor condição de organizar a festa da Santa, pois só os de dentro conseguem entender o que é ser devoto de Nossa Senhora do Carmo e dos outros santos que vêm com ela, sendo necessário ter nascido ou casado com alguém do bairro para compreender o poder da santa e dos santos dali. Noto que o poder dos santos está atrelado à maneira como eles agem nas famílias – agir significa relacionar-se com a história das imagens e dos santos e das santas que presentificam/representam. Para tanto, é preciso ter nascido no Carmo para ser eleito festeiro: trata-se de uma tradição “dos dentro”. Esse relato reforça a relação dos moradores do Carmo com seus santos. Somente eles, residentes da vila, são capazes de ser festeiros porque não se trata somente de organizar a festa, mas, sobretudo, de compreender seu propósito enquanto uma celebração em homenagem aos santos e sua história em relação ao bairro do Carmo e seus moradores. Outra festa de santo muito mencionada pelos residentes do Carmo é a celebração de São João.

2.5 A festa de São João

A festa de São João era uma tradição dos antigos moradores do Carmo, mas não é mais realizada. Iniciava-se sempre à meia-noite do dia 24 de junho, com a saída da imagem de São João da capela de Nossa Senhora do Carmo; os moradores enfeitavam o santo, o colocavam no andor e seguiam em procissão até o riacho do Carmo, onde o santo era lavado ou batizado, retornando para frente da capela principal com festa e fogueira.

D. Alice conta que São João era banhado na madrugada de junho, pois é um santo noturno que gosta da noite e não nega folias e festas de madrugada. No momento de lavar o santo, era preciso fazer uma oração para ele, e não se podia olhar a sombra dele no riacho – conhecido também como tanque da Icaraí –, pois olhar a penumbra no rio traria azar e morte. Quando acabava a procissão, o santo ia para o gramado da capela com os moradores do Carmo para celebrar uma grande festa junina, com fogueira, comidas típicas e bebidas.

D. Alice explica que o santo é muito estimado pelos moradores da vila e que, além de festejar na capela da santa do Carmo, ele passava pela capela de Aparecida, e por algumas casas, durante madrugada, não ficava apenas alojado em uma única celebração. Muitos moradores abriam suas casas para o santo comemorar seu dia com eles, e só quando quase amanhecia é que ele voltava para a capela do Carmo, o que destaca, mais uma vez, a importância dos moradores do Carmo estarem junto do santo.

D. Odila conta que a tradição de São João se perdeu, pois havia na vila um casal responsável por realizar sua festa; no entanto, estes faleceram há cerca de uns cinco anos. Assim sendo, não fizeram mais festas para o santo, pois quase todos na vila ficaram desconsolados com a morte do casal; inclusive, São João não aceita muito bem o acontecido, segundo contam, mas espera-se que um dia o santo, junto com os moradores, saiam do luto e voltem a festejar na companhia uns dos outros.

Os santos, portanto, estão sempre muito próximos dos moradores do Carmo: os relatos sobre São João reforçam o argumento de que os santos são parte das alegrias e tristezas que caracterizam aquilo que é considerado humano, uma vez que é um santo que gosta da noite, de festa, de estar com os moradores e, ao mesmo tempo, teme a sombra e lamenta a morte, necessitando de um tempo para o luto, sentindo a ausência e o peso da morte junto com os moradores do Carmo.

Os residentes da vila do Carmo ainda pontuaram a capela de Nossa Senhora Aparecida, a outra capela existente dentro da vila, bem como o complexo arquitetônico que inclui a chamada Casa Grande (ou o Casarão) e a senzala anexa, como outros locais de peregrinação dos antigos, que também mobilizavam (e, ao menos no caso da capela, seguem mobilizando) santos e pretos. Assim, o próximo tópico busca especificar a capela de Nossa Senhora Aparecida e a história desta santa com os residentes, tanto dentro como fora da vila – este último caso fazendo referência às viagens anuais ao Santuário Nacional em Aparecida. No tópico seguinte trato da Casa Grande como parte dos antigos ritos católicos de peregrinação no bairro do Carmo.

2.6 - A capela de Nossa Senhora Aparecida

A capela de Nossa Senhora do Carmo não é a única no bairro, e é importante

esclarecer que a vila comporta duas capelas: a primeira construída para Nossa Senhora do Carmo em meados do século XVIII, e situada bem no centro do bairro, e a outra consagrada à Nossa Senhora Aparecida, datando do final do século XX. Ambas, contudo, são obras dos moradores da vila. Dirceu, um morador do bairro, conta entusiasmado que foi ele quem construiu a capela de Nossa Senhora Aparecida, logo ao lado de sua residência e bem próxima à praça do Carmo. Levantou a capela com a ajuda do pessoal da vila, em homenagem a sua sogra e a sua fé pela santa. Ele conta que fez uma oferenda para Nossa Senhora Aparecida, pois ela nunca deixou de olhar por e cuidar de seus parentes. Com a mesma devoção, sua esposa, Isabel, menciona que naquele ano já havia ido visitar a santa em Aparecida:

Este ano mesmo eu já fui. É uma devoção familiar ser seguidora de N. S. Aparecida, mesmo doente eu fui e voltei à Aparecida - SP, depois tornei a cair de cama, e estou até hoje com dores na perna, mas não deixei de ir visitar a santa. (Isabel, 2016).

A capela de N. S. Aparecida na vila do Carmo possui um cômodo e uma bancada, embaixo da qual estão pires com velas de vários tamanhos; dois bancos de madeira contornam esse pequeno altar. As portas são também de madeira e a capela, assim como a de Nossa Senhora do Carmo, não possui a imagem de Jesus crucificado. É um cômodo simples, que fica aberto todos os dias, e quem cuida da limpeza e da organização dos santos é o casal mencionado.

O altar é revestido por azulejos azuis e tem, em seu centro, a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Há ali, de fato, duas imagens da santa, uma grande e outra um pouco menor, e as duas estão acompanhadas por mais oito santos³¹. Dirceu diz que a santa central corresponde à imagem maior, que era de sua sogra já falecida. Abaixo dessa câmara de azulejos, na qual oito santos acompanham as duas imagens de Nossa Senhora Aparecida, há uma bancada com várias imagens, uma quantidade relevante de santos: Nossa Senhora Aparecida e outras de São Benedito, São Jorge, Santa Luzia e Iemanjá. A imagem dessa última chama atenção, e Dirceu argumenta que não é devoto desta santa, mas que a lenda diz que ela cuida do mar, de pescadores e, por ser mestre de obras, questiona: porque ela não poderia cuidar de pedreiros? Dirceu argumenta que não se pode negar santo e que, no fundo, eles também são gente e precisam de uma casa para morar. Neste sentido, noto que os santos são encarados pelos moradores como pessoas que precisam residir em algum

³¹São José, São Judas, São Benedito, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora dos Anjos, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Dores.

lugar, o que faz com que eles sejam, de fato, moradores do Carmo: suas casas são as duas capelas, mas também os altares domésticos das famílias da vila. Assim sendo, Iemanjá, que apareceu na sua capela um dia desses, colocada ali não se sabe por quem, passou a residir também na capela de Nossa Senhora Aparecida. Não se pode negar à santa uma morada.



Imagem 10: altar na capela de Nossa Senhora Aparecida (Fonte: acervo da pesquisadora)

Ao lado de todos os santos, há a fotografia de uma mulher já falecida. É Zeca, que residia em frente à capela de Nossa Senhora Aparecida. Como conta Dirceu, era uma senhora que se responsabilizava pela festa dessa santa, mesmo no final de sua vida, quando esteve muito doente. Desde a sua morte, a festa não é mais a mesma coisa, e Dirceu confessa que, com o falecimento de Zeca, a capela ficou maistriste.

Dirceu e Isabel relatam que boa parte dos católicos na vila do Carmo vem se convertendo às religiões evangélicas. Como a ficha de cadastro de famílias quilombolas demandada pelo INCRA tem, como um dos tópicos, a religião, posso afirmar que 95 famílias seguem o catolicismo, 49 são evangélicas, uma família segue o candomblé, uma a umbanda e uma o espiritismo kardecista, dentro de um total aproximado de 170 famílias. Portanto, pode-se dizer que a vila do Carmo é um bairro que se declara majoritariamente católico. É neste sentido que as pessoas crentes – como são chamadas as pessoas evangélicas – do Carmo são tidas pelos católicos como pessoas boas, pois elas sabem que a Santa é dona das terras e que ela, junto com outros santos, cuida deles e, por isso, eles respeitam as imagens. Como a nova religião, a evangélica, não permite os santos nas casas, os crentes dão a eles uma nova e necessária morada, que corresponde à capela de Nossa Senhora Aparecida. Tenho vários relatos de famílias que, ao se converter em à denominações evangélicas variadas, não destroem ou descartam as imagens católicas que possuem, doando-as para que possam encontrar novas moradas. O casal deixa claro o desejo de que seus filhos continuem a tradição de cuidar da capela de Nossa Senhora Aparecida, e dizem que explicam para eles que aquela capela é a residência dos santos e que estes estão cuidando dos moradores da vila, que estão sempre juntos com eles, de modo que é muito importante manter a morada dos santos como as suas próprias, sempre limpas e bem cuidadas. Penso que fato de que um casal ergueu a capela ezele pelo espaço, esperando que a prática siga adiante com seus filhos, sugere que o espaço funciona como uma espécie de altar particular ou doméstico da família de Isabel e Dirceu.

Atrás da capela de Nossa Senhora Aparecida existe um cemitério sinalizado por uma única cruz. Os moradores do Carmo explicam que este ponto representa o antigo cemitério dos pretos, que os antigos foram enterrados naquele local, e que os santos das capelas não só cuidam dos moradores vivos do Carmo, como também olham por os seus ascendentes mortos. Vale mencionar que todo dia 20 de novembro, dia da consciência negra, os moradores da vila se reúnem nessa cruz e fazem uma reza pelos seus antepassados.

Apesar da importância do cemitério, bem ao lado da capela, Dirceu e Isabel se incomodam com o fato de os pretos não celebrarem missas na capela de Nossa Senhora Aparecida, somente na capela de Nossa Senhora do Carmo:

Os padres prometem que vão celebrar uma missa ali, mas isso nunca aconteceu. Sonho em ainda ver uma missa sendo feita dentro desta capelinha, minha falecida mãe ficaria muito contente se isto acontecesse. (Isabel, 2016).

Apesar de não ser o local de realização de cerimônias oficiais da Igreja Católica, a capela de Nossa Senhora Aparecida recebe, sempre, muitos fiéis, que acendem velas no altar, fazem pedidos e orações, dirigindo-se ao variado conjunto de santos e santas que residem ali.

As capelas de Nossa Senhora do Carmo e de Nossa Senhora Aparecida são, portanto, as moradias dos santos que cuidam dos moradores do Carmo, estejam eles vivos ou mortos. A doação de imagens para a capela de Nossa Senhora Aparecida, por parte dos evangélicos recém-convertidos, permite evidenciar a força da Santa e dos santos no Carmo: as imagens (e, por consequente, os santos) precisam de um lar, é neste sentido que as casas e as capelas tornam-se moradia dos santos e das pessoas do Carmo. Ferreira (2010) menciona a importância das capelas, sublinhando que a organização do bairro do Carmo pode ser pensada a partir das capelas:

No espaço do Bairro do Carmo duas capelas: a da Padroeira - oficial - e a de Nossa Senhora Aparecida. Vale ainda ser posto que na área da antiga Fazenda do Carmo existem pelo menos, 16 pequenas capelas dispersas, muitas delas hoje no interior das propriedades particulares (Ferreira, 2010, p.7).

Tão centrais do lado de fora das residências, as capelas acabam sendo, de alguma forma, reproduzidas no interior das casas por meio de pequenos altares nas salas e nos quartos, como procurei apresentar na descrição dos altares particulares. A presença e a mobilidade dos santos, nos espaços privados e públicos, portanto, são notáveis. Desde o modo como as procissões eram organizadas antigamente, com cada casa e família fornecendo o ponto de partida para um santo específico até, atualmente, com as imagens se mudando das residências que se tornaram evangélicas para a capela de Aparecida, e com os santos circulando pelo bairro para zelarem pela população em certos momentos festivos – há uma permanente circulação desses personagens do universo católico pela

região. Esses movimentos apontam, mais uma vez, para uma aproximação entre humanos e não humanos divinos, pois necessitam, todos, de um teto, seja ele o de uma casa ou o de uma igreja, embora deixem estes tetos com alguma frequência para tratarem dos problemas que afligem os moradores do Carmo, saindo em seu auxílio. Evidencio a proximidade dos santos com as necessidades humanas, mais precisamente com as necessidades e os apuros dos moradores do Carmo, que também têm estado há quase um século em busca de melhores condições de moradia da garantia de que todo um território, que constitui seu verdadeiro lar, não lhes seja mais negado, assim como não se deve negar morada aos santos. E, quando avançam sobre as terras quilombolas, o condomínio, a fazenda e a Casa Grande, avançam também, naturalmente, sobre a casa dos santos.

2.7 - Nossa Senhora Aparecida

Apesar de os santos todos circularem pelos altares, pela capela a ela dedicada, e se fazerem presentes em festas, é preciso tratar especificamente de Nossa Senhora Aparecida, a santa padroeira do Brasil, que possui muitos devotos entre os moradores da vila. O dia da santa é 12 de outubro e, como coincide com o dia das crianças, é realizado neste dia uma festa para distribuir brinquedos para as crianças, acompanhada de uma procissão para a santa.

Os moradores do Carmo relatam que Nossa Senhora Aparecida foi encontrada por um grupo de pretos antigos, mais especificamente, por pescadores no rio Paraíba do Sul (o que condiz com a história oficial da Padroeira), dentre os quais alguns eram parentes dos residentes da vila do Carmo. D. Alice conta que santa ajudou muitos negros na época da seca, da fome e da escassez. Afirma que ela é uma santa muito corajosa, que sempre lutou pelos direitos dos negros, desde muito antes da basílica da catedral de Aparecida ter sido fundada em outra região do interior São Paulo.

Em 1980 foi consagrada a basílica de Nossa Senhora Aparecida, que também é conhecida como Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida, no Vale do Paraíba³², e desde então D. Maria organiza excursões para os moradores do Carmo viajarem em peregrinação para o Santuário naquela cidade. Em meados de 1990,

³²A estrutura foi consagrada em 4 de julho de 1980, pelo Papa João Paulo II, quando ele visitou o Brasil pela primeira vez. Em 1984, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil elevou a nova basílica a Santuário Nacional. Fonte <https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_Bas%C3%ADlica_de_Nossa_Senhora_Aparecida> Acesso em 03 dez. 2019.

D. Maria faleceu e, seus filhos assumiram a romaria, mais especificamente D. Marlene, que hoje organiza as viagens. Para os moradores do Carmo, Nossa Senhora Aparecida é uma santa muito importante, pois, além de ser protetora dos pretos, é a santa padroeira do Brasil. A santa foi canonizada em 1930 mas, no entanto, os residentes da vila afirmam que já a conheciam muito antes dela ser reconhecida pela Igreja Católica.

Particpei de uma das viagens para o Santuário de Aparecida em outubro do ano de 2016, na qual cinco ônibus foram organizados para sair da vila em direção à paróquia. Saímos à meio noite de um domingo, chegamos a Aparecida por voltas das 4 horas da manhã, e retornamos no final da tarde do mesmo dia. Fui colocada no ônibus dos jovens, onde pude presenciar o efeito de uma rara saída coletiva do bairro do Carmo para uma viagem. Para comemorar o momento, eles levam bebidas alcoólicas, instrumentos musicais – cavaquinho e pandeiro – e foram cantando, bebendo e celebrando por todo o percurso.

Em sua obra “Dramas, campos e metáforas: ações simbólicas na sociedade humana” (2008), Victor Turner trata especificamente das peregrinações religiosas, afirmando que a peregrinação fala exatamente desse afastamento da vida cotidiana, que é tão raro aos moradores do Carmo – ao menos no que concerne à saídas do bairro para locais mais distantes, dadas as condições financeiras difíceis da maioria das famílias. Por ser um local sagrado, mas que, ao mesmo tempo, abriga uma profusão de feiras e lojas, Aparecida e seu entorno conseguem agradar desde os mais idosos aos mais jovens, esses mais preocupados em festejar a viagem, enquanto os primeiros estão dedicados a admirar a imagem e a assistir à missa. Tal como os centros de peregrinação descritos por Turner, o aspecto liminar da igreja de Aparecida é o fato de ela estar localizada no exato ponto do encontro da imagem no século XVIII, sendo um centro importante da Igreja Católica – talvez o mais importante – do Brasil.

Brandão (1987), por seu turno, argumenta que, tratando-se do catolicismo popular, práticas de devoção particulares e alheias à instituição da Igreja oficial fazem mais sentido para seus participantes, muitos deles porque vivendo em locais distantes daqueles em que os ritos litúrgicos católicos formais acontecem. Nesse sentido, o autor toca em práticas que são comuns aos moradores do Carmo, que não são frequentadores assíduos de missas (que no Carmo ocorrem somente aos domingos) mas têm seus próprios altares, realizam festas para os santos e vão para Aparecida ver e adorar Nossa Senhora:

Os rios católicos da Igreja, sob o comando do padre, não são os momentos

essenciais de piedade sem que a participação do fiel atualiza a dívida com padroeiro. Isso acontece mesmo nos atos de paga do milagre, quando é exigida a presença do promesseiro em uma festa de santo ou romaria. Por um prodígio de Nossa Senhora Aparecida, é mais importante ‘ir lá no Norte’³³, entrar na fila, beijar objetos de devoção, distribuir esmolas, deixar alguma coisa na ‘sala dos milagres’, rezar por alguns momentos diante ‘da santa’, do que participar de práticas oficiais de devoção sacramental como ‘fazer a confissão’ ou ‘receber a santa comunhão’ (Brandão, 1980, p. 133-134).

Compreendo que Nossa Senhora Aparecida é, assim como Nossa Senhora do Carmo, outra divindade feminina que tem uma importância notável no bairro do Carmo. Ela é capaz de levar os moradores do Carmo para conhecer outro espaço, para que eles possam sair um pouco da rotina do viver na vila. Além disso, tem uma participação na história do Carmo, uma vez que alguns dos pretos antigos que a tiraram do rio Paraíba do Sul tinham parentes na vila. D. Helena conta que a peregrinação também significa um momento de festejo e celebração, de encontro com o mundo fora do bairro. No entanto, quem oferece o convite é a santa de Aparecida: ela é capaz de perceber que as mulheres e homens no Carmo precisam sair um pouquinho da vila, habitar, ainda que por curtíssimo período, outros espaços, para que a rotina e a vida no Carmo possa ficar mais leves. É também nesse sentido que os santos cuidam e protegem os moradores do Carmo, estando sempre com eles:

Nós mulheres trabalhamos muito, ser doméstica não é fácil, geralmente trabalho de segunda a sexta, mas sempre que dá pego faxina de sábado e poucas no domingo, precisamos sair de vez em quando para ver outros lugares. Nossa Senhora Aparecida é boa neste negócio, a catedral dela é uma ótima oportunidade para deslocarmos da vila e nos divertirmos (D. Gabriela, 2019).

A peregrinação à Aparecida, de certa forma, aproxima-se da saída dos pretos do Carmo para o Bananal para pagar a dívida da Santa, como vimos. Contudo, no primeiro momento, quem leva os moradores é ao vale do Paraíba é Nossa Senhora do Carmo, e, no segundo, é Nossa Senhora. Aparecida. Em ambos os casos, são as santas que lideram as pessoas, proporcionando um deslocamento do bairro e seu retorno a ele. Noto apenas que, no primeiro caso, a Santa desloca-se do Carmo com os pretos, ao passo que Aparecida os atrai ao seu santuário para conceder-lhes um pouco de alívio das agruras do dia a dia.

³³A cidade ficou conhecida popularmente como “Aparecida do Norte”, em função da construção da Estrada de Ferro do Norte (depois denominada Estrada de Ferro Central do Brasil) em meados do século XIX <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Aparecida_\(S%C3%A3o_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Aparecida_(S%C3%A3o_Paulo))>, Acesso em: 24 nov. 2019.

Dessa maneira, no que se refere aos santos, às festas, as casas, e às capelas, continuo com o argumento de que os santos estão com os moradores do Carmo. Meu intuito, aqui, consiste em sublinhar as relações criadas com os santos, evidenciando como os moradores constroem, junto com os santos, que “estimam”, “consideram” e por quem nutrem enorme “afeto”, lugares, festejos, capelas, casas, excursões e os próprios ritmos da vida, familiar e pública, cotidiana e ritual.

Neste segundo capítulo, concentrei minha ênfase nas casas de alguns dos moradores do Carmo, com a intenção de ressaltar a presença dos santos dentro das residências, evidenciando seus altares particulares, as histórias desses espaços em seu entrelaçamento com as histórias de vida dos moradores, e o modo como as pessoas foram se tornando devotas de diferentes santas e santos. Não existe, conforme mencionei, uma regra rígida que faça com que os moradores sejam devotos um único santo específico, pelo contrário, eles podem ser devotos de vários santos. Como vimos, D. Lavínia se torna devota de Santa Luzia por conta de sua filha Bianca, o mesmo acontece com Gabriela, que se aproxima mais de Nossa Senhora Aparecida por causa de seu filho Augusto, e, de modo similar, com D. Valentina, que se torna devota de Santo Expedito por causa de seu filho Joaquim. As circunstâncias para se tornar devota ou devoto de determinado santo são variadas e inúmeras, e se confundem com as biografias das pessoas e de seus parentes.

Dessa maneira, pontuo que os moradores do Carmo são devotos de várias rezas e para diferentes santos. Ferreira (2014) salienta a expressão “gente de uma reza só”, dando ênfase a Nossa Senhora do Carmo, para caracterizar a religiosidade no Carmo. Reconheço, obviamente, a centralidade da Santa do Carmo, mas a própria Nossa Senhora parece afirmar, segundo os moradores, que não daria conta, sozinha, de todos os problemas e desejos que existem na vila; por isso, o necessário auxílio de outros santos seus amigos, para quem os quilombolas dirigem suas orações, muitas rezas, e não apenas uma só. A intenção deste capítulo, assim, foi a de apresentar etnograficamente a relevância de outros santos que estão juntos dos moradores, mas também de Nossa Senhora do Carmo.

Estar junto e com os santos, significa que as relações estabelecidas entre os moradores e os santos são da ordem do “afeto” e da “consideração” – da “amizade” mesmo, poderia dizer, espécie de parentesco sem parentes (Ortega 2002). Os santos estão juntos e próximos das pessoas da vila. Assim, também pontuei algumas celebrações

dedicadas a certos santos, que dão explicação e substância ao “afeto” e à “consideração”, como as festas de São Gonçalo, Nossa Senhora do Rosário e São João. As festas correspondem ao momento em que santos e moradores celebram juntos, dançam, comem, bebem e festejam. Com o mesmo intuito – de mostrar a intimidade e a cotidianidade das relações entre os pretos e os santos –, evidenciei a capela de Nossa Senhora Aparecida, que engloba vários santos, além da peregrinação para o Santuário Nacional de Aparecida.

Encerro este capítulo com a descrição da Casa Grande e Senzala, pois, como se verá, este também é um local que mobiliza, conjuntamente, santos e moradores da vila do Carmo.

2.8 - A Casa Grande e Senzala do Carmo

A Casa Grande do Carmo e sua senzala anexa são os índices materiais mais evidentes do passado de escravidão que liga os atuais moradores do Carmo e seus descendentes de escravos e ex-escravos da antiga Fazenda do Carmo ou Sorocamirim. Por conta dessa história de escravidão, este é um local que ainda assombra os pretos do Carmo. Todavia, a presença dos santos neste local foi de fundamental importância, inclusive para resguardar a memória escravocrata – e assim, os santos são capazes até mesmo de amenizar a dor de um passado marcado por enormes tristeza e sofrimento.

Bem ao lado da Casa Grande reside o senhor Tadeu, com sua esposa e seu neto. Apesar de ter passado grande parte de sua infância no Caetê, um bairro próximo a vila, Tadeu conta que seus antepassados nasceram no Carmo, que sua mãe ajudou na construção da capela da Santa, e que sua avó era uma das relíquias da vila, até o dia em que faleceu, aos cento e cinco anos.

Tadeu sempre trabalhou na roça e durante muitos anos um casal de japoneses foi seu patrão e dono da Casa Grande e das terras ao redor. Segundo alguns moradores do Carmo, os japoneses foram bastante marcantes na história da vila, pois era em suas lavouras de alcachofra que muitos trabalharam desde pequenos e, como acusa Tadeu, por muito pouco dinheiro: naquela época, nós ganhávamos trinta cruzeiros por dia, que hoje equivale a trinta centavos. Ele também conta que, em 2005, a prefeitura comprou desse casal o casarão e o terreno em que se localiza e, desde então, Tadeu passou a ser o caseiro responsável pelas edificações e a residir ao lado da Casa Grande.

Apesar de pertencer à prefeitura da Estância Turística de São Roque, a Casa Grande e o prédio da senzala anexo não são administrados de uma maneira que contemple

os desejos dos moradores do Carmo e, ainda que não represente uma ameaça de fato às fronteiras das terras da vila, a prefeitura tem se mostrado um empecilho para que os moradores possam utilizar seu próprio território, além de não oferecer a manutenção necessária para o casarão histórico, bastante danificado (a senzala estando em ainda piores condições). Tadeu argumenta que é perigoso entrar na Casa Grande, pois o prédio precisa de uma restauração no teto e nas paredes, que estão caindo e, por conta disso, mantém tudo fechado. Além disso, a prefeitura estimularia os moradores a terem uma horta no terreno em torno do edifício, mas fazendo-o sem fornecer os insumos necessários: adubo e materiais para cercar e telar ou sementes. E, quando os moradores do Carmo fizeram a horta naquele espaço por conta própria, a prefeitura interferiu para que o projeto fosse interrompido por estar sendo feito de maneira inadequada, como comentam. Portanto, enquanto a cerca do condomínio e o gado da fazenda Icaraí avança sobre as terras do Carmo, a administração pública do terreno da Casa Grande e da Senzala também acaba contribuindo, em um cenário que já é bastante ruim, para que o território dos moradores seja cada vez menos deles.



Imagem 11: A Casa Grande e Senzala. (Fonte: acervo da pesquisadora)

Fui ao casarão acompanhada por Carlos e D. Helena. O caminho até lá é bastante utilizado pelos moradores para caminhadas, uma atividade física que eles argumentam ser bastante importante. Carlos conta que viu muitas coisas no casarão, mas que não é bom falar sobre assombração de pretos. Ainda assim, relembra:

A quaresma desse ano [2016] foi complicada: a molecada não respeita e abusa das almas, isto não é certo. É importante preservar a história dos pretos, porque a vida deles foi muito sofrida, pode ir lá ver, a senzala é cheia de marcas, de sangue, de dor. E tudo isso faz os espíritos ruins ficarem vagando pelo Carmo (Tadeu, 2016).

Muitas angústias e sofrimentos despertam a fúria dos lobisomens, da mula sem cabeça e da caipora, entre outros seres não humanos maléficos que habitam os entornos do Carmo. Mas Carlos revela uma vontade de viver ali no casarão, para que seus antepassados possam contar exatamente como era nos tempos dos antigos, e revela que sempre sonha com os pretos.

O local, contudo, não guarda somente memórias ruins. Os moradores contam que, nos tempos de suas mães e de suas avós, as procissões de Nossa Senhora do Carmo e de Nossa Senhora do Rosário seguiam da vila até o casarão, onde, segundo consta, havia um cruzeiro bem em frente. Uma moradora do Carmo explicou à antropóloga Rebeca Ferreira (2011, p. 7) a dinâmica das antigas peregrinações na vila: “Pega a imagem e vai indo para outra casa, a primeira que a gente ia buscar era Nossa Senhora Aparecida, lá no casarão”, o que sugere que esta imagem residia na Casa Grande, de onde saía em procissão, assim como acontecia com os santos que habitavam, antigamente, as casas das famílias do Carmo (e que hoje moram na capela de Nossa Senhora do Carmo). Assim, a relevância deste local associa-se aos antepassados e também à religiosidade atual dos pretos, por ser um local em que a Santa e os santos percorriam junto com os moradores do bairro. D. Clara explica:

A procissão para o casarão era de tamanha importância, inclusive para acalmar as almas sofridas que viveram na época da escravidão, e por outro lado é também uma maneira de cuidar das almas vivas, dessa gente toda da vila. Os pretos de hoje também sofrem com a cerca do condomínio, com o gado, e com as casas espremidas, mas os santos ajudam a dor ficar mais leve. (D. Clara, 2016)

Os santos auxiliam os moradores do Carmo a criarem estratégias de resistência e sobrevivência. E a Casa Grande aponta para um sofrimento antigo dos antepassados dos moradores do bairro que ainda persiste, conexão efetuada pela própria D. Clara em seu depoimento: Se outrora foram escravizados e perseguidos, atualmente se veem em situações precárias de emprego e de garantia de existência em seu próprio território, cercado por poderosos interesses contrários. Mas persiste, também, e felizmente, a presença da Santa e dos demais santos junto dessas pessoas. Santos dispostos a se sujar para ajudar na colheita de café, a fornecer proteção contra as ameaças do período da Quaresma, a amenizar as dores da escravidão no passado e as agruras da pobreza e da desigualdade hoje, além deserem capazes de conceder graças específicas para algumas

necessidades de cada família da vila. A vila do Carmo revela, portanto, uma história dos santos junto dos humanos e aponta para a necessidade de pensarmos em um território que é de ambos, pois são habitados, festejados e defendidos por todos eles. Foi em torno desse compartilhamento de vidas, histórias e do território que é assim produzido, por humanos e não humanos divinos, que desenvolvi este capítulo.

Este território pelo qual lutam (como sempre lutaram), hoje, os quilombolas do Carmo, é constituído por uma “geografia sagrada” feita nas e das relações entre os moradores da vila e seus santos e santas de devoção, tendo Nossa Senhora do Carmo como ponto central que agrega a vida religiosa no Carmo, materializada na centralidade, histórica e geográfica, de sua capela. A Santa, seus santos auxiliares, e as pessoas do Carmo, produzem o território que pretendem definir, oficialmente, como território da Comunidade Remanescente de Quilombo do Carmo. Ou, de Nossa Senhora do Carmo, poder-se-ia dizer, destacando o protagonismo desta santa, mulher e mãe, companheira e amiga. É com este protagonismo feminino, especialmente no que toca aos processos de constituição e de luta política em torno do território quilombola, que encaminho o terceiro capítulo e, em seguida, a conclusão desta dissertação.

CAPÍTULO 3 - O TERRITÓRIO QUILOMBOLA: SANTA, SANTOS E MULHERES

Terra onde tudo se mistura e se confunde ninguém é capaz de separar a virtude do pecado, de distinguir entre o certo e o absurdo, traçar os limites entre a exatidão e o embuste, entre a realidade e o sonho. Nas terras da Bahia, santos e encantados abusam dos milagres e da feitiçaria, e etnólogos marxistas não se espantam ao ver a imagem de altar católico virar mulata faceira na hora de entardecer. (Amado, 1988, p. 44).

Neste último capítulo, volto-me mais detidamente para a questão territorial da vila do Carmo. No entanto, conforme aponte nos capítulos anteriores, a percepção e a conceitualização da terra ali está atrelada, ou estreitamente vinculada, à história da Santa do Carmo e às narrativas sobre outros santos, assim como às relações cotidianas com todos esses seres sagrados. Assim, o trecho de Jorge Amado supracitado vem para inspirar o último capítulo desta dissertação: o autor publica, em 1988, o livro “O sumiço da santa: uma história de feitiçaria”. Por mais que os cenários geográficos sejam divergentes, o do autor seja a Bahia, e do Carmo o interior paulista, mais especificamente São Roque, e apesar das minúcias e particularidades, as histórias se tocam. No caso do romance de Jorge Amado, Santa Barbára se transforma em Iansã, perpassa por terreiros, a santa católica assumindo sua identidade no candomblé, transmutando-se em várias mães-de-santo para festejar junto e com as baianas: neste sentido, a santa de Amado (1988) realça aos seus interlocutores o melhor da vida, da alegria e da tolerância. Confesso, que no estudo sobre Carmo, pouco se falou em candomblé, mas acredito que Nossa Senhora do Carmo tem propostas ainda muito parecidas com a de Santa Barbára, uma vez que ambas são santas que guiam os pretos, coadjuvando nos contratempos da vida, procurando cuidar e amparar nas dificuldades, mas também festejar, celebrar e resistir, sempre com alegria, com os seus negros, sejam eles baianos ou paulistas.

Desse modo, também fui guiada por mulheres e santas (e suas imagens), o que faz com que a minha análise, aqui, do processo de identificação do território quilombola, esteja fortemente atrelada à Santa e aos santos, realçando ainda o protagonismo feminino, tanto de humanas quanto de não humanas. Tento reforçar o argumento de que a política aqui se faz, principalmente, pela ação das mulheres e dos santos, sobretudo pela Santa do Carmo, Nossa Senhora do Carmo. Evidencio a companheira dos santos e dos pretos, e arrisco, ainda, em escrever que Nossa Senhora do Carmo é uma Santa envolvida em demandas territoriais, administrativas, estatais e políticas na companhia dos pretos do Carmo: nas lutas políticas, ontem e hoje, dos moradores do bairro, a presença e a companhia da Santa também se revelam de maneira forte edeterminante.

É importante pontuar que a minha pesquisa de campo no Carmo foi majoritariamente guiada e auxiliada por mulheres: elas me narraram as histórias a respeito de variados santos, apresentaram-me os altares, a praça, as festas, as capelas, as casas, as famílias, a Casa Grande e a Senzala, revelando-me os muitos detalhes da paisagem e da trajetória histórica do Carmo. Assim, tentarei mostrar como as mulheres da vila do Carmo são importantes, responsáveis pela organização das famílias, das festas de santo, das casas,

dos bares, em suma, pela própria administração – por assim dizer – da vila. Aos poucos, fui compreendendo que escrever sobre Nossa Senhora do Carmo é também uma maneira de falar sobre mulheres, ou seja, sobre o que é ser mulher na vila do Carmo.

Assim, tento mostrar como minhas interlocutoras procuram na paisagem, nos vestígios, nos alimentos, nos sonhos, no afeto, sempre encontrar Nossa Senhora do Carmo; como elas constroem este território em conjunto, mulheres humanas e esta mulher santa especial, que criam e recriam continuamente pontos sagrados. O intuito dessa luta conjunta de santos e pretos – ou melhor, de santas e mulheres negras –, comodiz D. Iolanda, é que Nossa Senhora do Carmo volte para a casa, para o lugar dela, e isso tem implicações cruciais para o futuro do Carmo. Para tanto, retomo ao roubo da Santa, com o qual iniciei esta dissertação: a imagem roubada faz com que as senhoras do Carmo retomem narrativas, criando, com a memória, paisagens e lugares que são construídos para/com a Santa. Em vista disso, algumas senhoras do Carmo contam que, nos dias anteriores ao roubo, elas já haviam sonhado com acontecido. As narrativas dos sonhos são todas femininas, e revelam, mais uma vez, o estar junto e com a Santa, o carinho, o afeto, a afinidade, além da importância e, claro, da tristeza pelo sumiço de Nossa Senhora do Carmo.

Pretendo, ainda, descrever outro lugar, conhecido como a Pedra Balão, que será descrita como mais um local de encontro entre pretos e a Santa, uma vez que a reflexão sobre o roubo de Nossa Senhora do Carmo levou os moradores, mais uma vez em sua história, para este local. Em vista disso, os moradores contam que percorreram, nos dias posteriores ao roubo, vários caminhos, trilhas e estradas, marcados pelo afeto, pelo encontro deles com Nossa Senhora do Carmo no passado, na tentativa – infelizmente, em vão – de reencontrá-la no lugar que tinha, no passado, como seu esconderijo mais seguro.

Mas não é só na Pedra Balão, como já deve ter ficado claro até aqui, que a Santa se revela e vive, e entrelaça suas histórias, suas ações e suas intenções com aquelas das mulheres que viveram e vivem hoje no Carmo. O território é, então, pensado e apresentado de formas outras do que aquelas geralmente empregadas, que usam mapas, pontos de GPS, documentos oficiais. Aqui, o Carmo aparece por meio de fotografias de roças antigas, de hortas, pelo tempero e pelo sabor das comidas das festas de santo. As mulheres explicam que, nos dias atuais, os moradores precisam dar conta de adquirir produtos industrializados, uma vez que as terras já não são mais abundantes e férteis como no tempo dos antigos. Neste sentido, pretendo narrar um pouco das histórias contadas, dos temperos femininos, das antigas roças e hortas cuidadas pelas mulheres. Dentre as fotografias das

roças antigas apresentadas por algumas senhoras encontrei retratos de Nossa Senhora do Carmo, a original. Pontuarei o sabor e o tempero da comida como parte fundamental dos manejos femininos, tão centrais tanto à história como à atualidade da vida no Carmo.

Apresentarei, ainda, a relação das associações quilombolas locais com os moradores do Carmo, e a história mais recente da vila, fundamentalmente porque o INCRA titula as terras de quilombo em nome de uma dada associação. A análise de documentos e a pesquisa de campo (entrevistas) permitiram fazer um breve histórico das associações que foram formadas pela comunidade quilombola do Carmo ao longo dos anos. Destacarei a terceira associação quilombola, que dá ênfase a Nossa Senhora do Carmo, como ponto de inflexão nesta imbricação entre a história da Santa e a história do quilombo do Carmo. Neste caso, a Santa do Carmo vem a ser diretamente implicada na luta político-territorial contemporânea, parte dela, ainda, iluminada pelas críticas das mulheres minhas interlocutoras ao Estado e aos seus poderes e processos de concessão de direitos à população negra.

Nesse sentido, o objetivo desse capítulo é evidenciar o modo como a Santa do Carmo está atrelada às histórias das terras, e como o episódio de seu roubo deixa perceber, nas várias ações das pessoas, algumas das muitas conexões entre Nossa Senhora do Carmo, os pretos do Carmo e seu território. O sumiço da Santa faz com que os moradores do Carmo discutam os sonhos de algumas das senhoras que vivem ali, andem novamente pela Pedra Balão, revejam fotografias de antigas roças, especialmente para criticar a ausência de terras para plantar e a crescente dependência de comida industrializada – e, nestes três temas, sublinhem, uma vez mais, o protagonismo feminino no Carmo. Mas também permite que se pense a política na vila, especialmente aquela ligada à trajetória das associações, mesmo porque a última delas (a terceira fundada no Carmo) evoca (e invoca) a própria Santa em sua denominação, naturalmente confiando na sua força.

3.1 - Narrativas sobre sonhos: o roubo da Santa

D. Lavínia menciona que, alguns meses antes do roubo da Santa, ela já vinha sonhando com o acontecido. No sonho, D. Lavínia encontrava-se sozinha na capela da Santa, o que é normal, pois ela é responsável pela limpeza da igreja. Em seu sonho, o céu estava bem nublado e triste, porque era época de Quaresma. De repente, uma mulher desconhecida – sempre uma mulher! –, montada em um cavalo branco, invade a capela e coloca a Santa no colo sem a autorização de D. Lavínia. Ela diz não entender como a Santa

já estava nos braços da mulher e indaga: com a autorização de quem, como, para onde você está levando a imagem? No entanto, a mulher ignorou a presença de D. Lavínia e simplesmente raptou a Santa. O sonho termina com a imagem de Nossa Senhora do Carmo chorando, montada em um cavalo com a mulher desconhecida, e uma fita voando no pescoço dela. D. Lavínia conta que sonhou com o roubo da Santa algumas vezes, que sempre acordava aos prantos e que tentou alertar o padre diversas vezes, exigindo que ele providenciasse um vidro a prova de balas para a proteção de Nossa Senhora do Carmo. Ela alega que seu sonho estava longe de ser mero devaneio, pelo contrário, era algo sério, que precisava ser levado em consideração. Ao final de sua narrativa, lembrou que sua tentativa de alertar o padre foi inútil, pois o sacerdote tratou os episódios como mera fantasia.

D. Iolanda também revela seu sonho, relatando que sua mãe, já falecida, era uma devota muito forte de Nossa Senhora do Carmo. Meses antes do roubo da imagem, D. Iolanda conta que vinha sonhando com a mãe tocando o sino da capela do Carmo, implorando novenas e orações. No sonho, a mãe de D. Iolanda, cujo nome é Guadalupe, anunciava que a Santa corria risco de ser roubada, proclamando essa frase diversas vezes. Logo, D. Iolanda foi avisar o padre que, novamente, não deu a mínima atenção ao relato. Ela conta, ainda, que nos dias anteriores ao roubo, foi à capela, notando, então, que o manto da Santa estava vestido do avesso, atentando para a hipótese de que alguém já deveria estar a preparar o sumiço da Santa.

D. Alice também sonhou com a Santa. Ela conta que encontrou a Santa do Carmo em Aparecida, em um dos cômodos da Basílica, e que conversara com ela. Ambas se reconheceram, e D. Alice prometeu levar a Santa de volta para a vila, mas uma mulher desconhecida então apareceu e a proibiu de levar a imagem. D. Alice explica que, em seu sonho, a Santa estava muito abatida e preocupada com os moradores do Carmo. Assim como as outras senhoras, D. Alice também tentou alertar o padre, mas ele, mais uma vez, não deu importância.

É curioso notar que os três relatos evidenciam que as senhoras já estavam alertadas sobre o roubo da Santa e que, em todas as narrativas, o roubo é realizado por uma mulher. As três contam que caíram em depressão após o sumiço de Nossa Senhora do Carmo. Evidentemente, essas senhoras se irritaram com o padre, mas explicaram que, no final das contas, eles não perduram muito tempo na vila: existe uma alta rotatividade de padres, principalmente em capelas localizadas na periferia, conforme me contaram. D. Lavínia esclarece que o padre não tem culpa do roubo, mas que ele tampouco consegue entender

a relação dos moradores com os santos, devido ao pouco tempo que fica na capela.

D. Iolanda esclarece que os sonhos com Nossa Senhora do Carmo reforçam a importância da Santa: é preciso levar em conta os caminhos dos sonhos, uma vez que eles também colocam em relação as pessoas da vila e a Santa. Os relatos dos sonhos referentes à Santa são mais comuns entre mulheres, pois são elas que sonham com Nossa Senhora do Carmo, que cuidam das imagens nas capelas, dos altares, das festas, e das casas (de humanos e não humanos). Isso, claro, não significa que os homens não sejam devotos ou que não se importem com as imagens; mas são as mulheres que gostam de esmiuçar os fatos, que esclarecem e exemplificam a importância da Santa, e foram elas, afinal, quem me apresentaram a vila do Carmo e os pontos considerados nesta pesquisa.

Os sonhos foram uma das variadas maneiras de mostrar e reforçar o quanto Nossa Senhora Carmo é importante, como “ela está ali” com eles, o que corresponde a este estar junto e com a Santa. Não é fortuito que ela como que venha, em sonho, alertar essas senhoras para seu iminente desaparecimento. Em um desses diálogos sobre os sonhos, perguntei a D. Alice: e o território, onde está? O que faço com esses relatos de sonho? E ela responde: é preciso saber quão importante é Nossa Senhora do Carmo para entender essas terras, menina e os sonhos com a Santa mostram o quão especial ela é.

D. Alice esclarece que sonhar com o roubo da Santa é fundamental, reforça o argumento de que aquelas terras são de Nossa Senhora do Carmo, que o lugar é dela, e que ela não deveria ter saído dali. Não obstante, por mais que sua imagem original tenha sido furtada, a história da vila, a origem do Carmo, bem como seu cotidiano, continuam atrelados à história da Santa. Para tanto, espera-se que a imagem volte para a capela, para as terras e para o lugar dela: muitas das senhoras rezam todos os dias para que o responsável pelo roubo devolva a Santa. Mas, enquanto ela não volta, as mulheres continuam criando estratégias para que a história de Nossa Senhora do Carmo esteja ali com elas no cotidiano, e não se perca de modo algum.

D. Carmem conta que tentou formular vários mapas para resgatar a Santa, que mapeou vários pontos, na Pedra Balão, na Casa Grande e Senzala, próximo ao tanque da Icaraí, mas que ainda não foi capaz de encontrá-la. D. Carmem menciona a possibilidade de a Santa estar escondida na casa de algum morador da vila, pois tem frequentemente sonhado com isto. Não obstante, ela relata que, se o homem de seu sonho entregar a Santa, um presságio se realizará matando-o, e, por conta dessa profecia, ele não pode devolver a Santa. Já D. Iraci acredita que a Santa foi roubada por um colecionador de relíquias e antiguidades. Algumas crianças contam que a Santa era muito pesada, continha ouro

dentro dela, e que os bandidos estavam interessados não na imagem, mas no ouro – por isso a roubaram e avenderam.

As mulheres buscam lembrar lugares, memorizar sonhos e narrativas que as coloquem (Santa e moradoras do Carmo) em relação, atualizando-a mesmo na ausência da imagem original. Os diálogos entre as mulheres são atualizados constantemente e fazem com que a Santa esteja ali, não no sentido literal, material – posto que a imagem não está lá –, mas figurativo e narrativo. Dessa maneira, Nossa Senhora do Carmo está presente em quase todas as conversas que travei com minhas interlocutoras na vila do Carmo. É necessário, pois, criar estratégias para que a Santa “voltasse para casa” de algum modo, para que ela permanecesse no cotidiano, mas é óbvio que todas almejem fortemente a volta do objeto original, da Nossa Senhora do Carmo original.

Mesmo após o roubo da Santa, as mulheres continuam tocando³⁴, levando a vida adiante. Elas explicam que os santos não gostam de ver os moradores tristes, por isso se recuperaram rápido da depressão causada pelo crime. Segundo as moradoras, a Santa é capaz de sentir, mesmo de longe, a celebração em sua homenagem. A festa também acontece como uma maneira de a Santa encontrar o caminho de casa: D. Alice pontua que, quanto mais alegre a festa da Santa, mais feliz estará Nossa Senhora do Carmo, e que a alegria é capaz de dar luz, podendo inclusive fazer com que a Santa finalmente retorne para a vila do Carmo.

As mulheres argumentam que a vila do Carmo, assim como a praça, tem nome de Santa, e não de santo, e que o gênero da Santa é feminino. Nesse mesmo sentido, são as mulheres que cuidam, junto com a Santa, de toda administração da vila: dos homens, das crianças, dos alimentos, das casas, dos bares, das igrejas e das terras. Este protagonismo feminino no Carmo se revela na própria figura da Santa do Carmo: esta imagem de Nossa Senhora do Carmo (a original) não carrega o menino Jesus no colo, ao contrário das imagens mais comuns da mesma santa; ademais, ela viaja até o Bananal com pretos, se esconde das autoridades, e deseja, junto e com os pretos, a garantia do território em que vivem há três séculos. Além disso, a própria vila do Carmo carrega o nome dela, e as senhoras explicam que Nossa Senhora do Carmo é uma inspiração feminina, uma “mulher”, afinal, envolvida com pretos e com suas lutas desde sempre.

³⁴A palavra *tocando* é um termo nativo que significa “dando continuidade”, à vida, às festas de santo e, principalmente, à festa de Nossa Senhora do Carmo, mesmo após seu roubo. Para minhas interlocutoras, é preciso seguir adiante com a vida, dar sentido a ela significa, também, uma maneira de dar sentido e permanência a história da Santa.

* * *

As mulheres atravessam a praça pela manhã para irem ao trabalho, a maioria delas levanta às 6h, segue em direção à escola para pegar a van ou outra condução que as leve para trabalhar, sobretudo, no condomínio Patrimônio do Carmo, geralmente, como empregadas domésticas. Outras pessoas ficam no ponto de ônibus, próximo à praça, para poderem ir às cidades de Vargem Grande Paulista ou São Roque, para ir à farmácia, pagar contas, visitar algum parente que reside em um destes municípios, e fazer compras de mercado. É importante dizer que a vila possui apenas um mercadinho, e que este não dá conta das necessidades das famílias da vila.

A precariedade do mercadinho faz com que as mulheres se mobilizem e se organizem para manter um fornecimento de alimentos a partir de seus bares. Existem três bares na vila do Carmo, conhecidos pelos nomes de suas proprietárias: da Joana, da Aurora e da Maitê; ou seja, são todos comandados e geridos por mulheres, que argumentam que os homens não têm a mínima condição de administrar um bar, pois não sabem guardar dinheiro, controlar o consumo de álcool, tampouco gerir um boteco. Contam que, certa vez, um tal de Zé tentou abrir um botequim para fazer concorrência com elas, mas foi à falência rapidamente.

São as mulheres, portanto, que cuidam da oferta de alimentos, uma vez que vendem em seus botecos mantimentos como pão, açúcar, feijão, arroz e macarrão, um destes bares oferecendo, ainda, botijões de gás. Elas afirmam que os botequins não sobreviveriam apenas de cigarros e cachaça; assim, elas cuidam da alimentação dos moradores do Carmo, quando estes, muitas vezes, não podem acessar os supermercados das zonas urbanas próximas, e permitindo que muitos deles possam comprar fiado. Em um desses bares também é possível acessar à internet, desde que se pague cinquenta centavos para obter a senha, alterada todos os dias por D. Joana.

No que toca a investigação antropológica, noto que outros trabalhos sobre comunidades negras rurais também destacaram a presença e a importância das mulheres, como no caso de Alves (2016), que pontua a presença feminina na sua etnografia em Pinheiros-MG:

Um olhar atento para as casas de Pinheiros me foi possível, primeiramente, pelo contato mais íntimo com as mulheres de lá, as minhas principais amigas e interlocutoras. Devo prevenir o leitor de que esta etnografia é fruto de minha massiva presença em cozinhas e terreiros,

acompanhando e auxiliando mulheres em atividades domésticas, o que acabou por ter um tom marcadamente feminino. Não sou a única responsável por este viés, mas ele me foi colocado pelo próprio campo e não conseguiria estabelecer um contato prolongado na localidade se não seguisse essas etiquetas, genericadas. Como mulher, fui direcionada a uma maior convivência com outras mulheres, me estabelecendo nos espaços que elas se encontravam e debatendo questões derivadas do universo feminino (Alvez, 2016, p. 19).

De maneira análoga a Alves (2016), noto que também fui auxiliada e acolhida por mulheres na vila do Carmo, e foi justamente este olhar feminino que permitiu o desenvolvimento da pesquisa. As mulheres possuem manejos femininos, características próprias e específicas que fazem delas protagonistas em toda a história contada aqui. Manejo feminino é uma expressão nativa e diz respeito à maneira como as mulheres organizam várias atividades na vila, desde o modo como elas cuidam das casas, dos altares, das capelas, dos bares, das comidas e dos familiares, até da sua centralidade da preparação das festas e celebrações. Sublinha a presença feminina na vila do Carmo, sua importância em manejar atividades, em cuidar dos seus e de tudo o que caracteriza a vida nobairro.

Portanto, estar com a Santa e os santos diz respeito muito ao feminino na vila. Dessa maneira, as senhoras da vila sublinharam narrativas sobre a Santa e sua importância. E, neste caminho com as mulheres, os sonhos sobre o roubo da Santa fizeram com que elas me revelassem a Pedra Balão como sendo um local, ou ainda, um esconderijo da Santa e dos pretos no tempo dos antigos, e foi neste lugar que os moradores foram procurar Nossa Senhora do Carmo logo após seu sumiço, retomando e reativando, de certa forma, seus contatos com outro dos lugares em que a presença da Santa, e da Santa com os pretos, se revela e se mostra fundamental, inserindo-o definitivamente nas reivindicações territoriais da comunidade quilombola.

3.2 - A Pedra Balão

D. Lavínia, D. Iolanda e D. Alice, ao contarem sobre os sonhos que tiveram com a Santa no momento anterior ao roubo, relataram que organizaram uma procissão até a Pedra Balão, após a notícia do efetivo sumiço da Santa. A peregrinação foi organizada no dia 14 de março de 2012, e contou com a colaboração de vários moradores da vila, que se deslocaram para a Pedra Balão com a finalidade de encontrar a imagem de Nossa Senhora do Carmo; no entanto, como já sabemos, ela foi mal sucedida. A Pedra Balão é um local de grande importância para minhas interlocutoras, que explicam que a Santa se escondia

das autoridades, juntamente com os pretos de antigamente, no local em que está a pedra, no alto de um morro, em meio às matas que circundam o Carmo e que faziam parte da antiga Fazenda Sorocamirim ou do Carmo.

Os pretos de antigamente andavam com a Santa para cima e para baixo, eles a protegiam ela também. Quando as autoridades chegavam para maltratar os negros, eles comiam de qualquer jeito e saíam rápido com a Santa embaixo do braço, porque ela não era muito boa de correr. Por isso carregavam ela, assim nenhum mal era feito à Santa e nem aos pretos. E antes o território era grande e coberto por mato, era um matagal infinito, menina. As autoridades não conheciam as terras e quase nunca conseguiam achar os pretos no meio de mato, nem a Santa. Quem conhecia o território eram os pretos. E a Pedra Balão era um ótimo esconderijo para a Santa (D. Alice, 2016).

Em sua fala, D. Alice deixa bastante evidente que os pretos eram de dentro da vila e as autoridades de fora e, por conta disso, eram os seus antepassados que conheciam verdadeiramente as terras do Carmo e sabiam onde poderiam se esconder dos poderes exteriores³⁵. Além disso, aponta para a relação dos moradores do bairro com a Santa, que é marcada pela reciprocidade, pois a Santa (assim como todos os demais santos) protege o Carmo e seus habitantes e, como contrapartida, era ela mesma carregada e escondida pelos moradores quando necessário.

Os moradores do Carmo contam que os pretos se escondiam na Pedra Balão porque, além de refúgio, o local oferecia a possibilidade de observar quem saía para capturar os fugidos. De fato, a pedra oferece uma visão panorâmica e privilegiada de toda a região do entorno da vila, e até mesmo de cidades vizinhas, como Cotia e Itapevi, já na Região Metropolitana de São Paulo. Outro ponto que também atesta a importância da Pedra Balão é o fato dos moradores contarem que, quando a imagem da Santa foi roubada da igreja de Nossa Senhora do Carmo, ela teria sido escondida na Pedra Balão pelo responsável, embora as buscas por ela no local tenham se mostrado infrutíferas³⁶.

³⁵No momento da pesquisa de campo, em 2016, D. Alice era umas das senhoras mais idosas, tinha 93 anos e, infelizmente, veio a falecer no ano de 2017. Ela se emocionava ao falar da Santa, tratando-a como uma imagem muito próxima e querida. Desde seus cinco anos de idade, como contava, pedia aos pais para que a levassem à capela todos os dias para ver a Santa; que sempre gostou de catequese e que, quando a mãe não a levava para ver a Santa, tinha briga em casa. Contou que seu avô era *preto africano* e que, antes, o bairro era tomado por afrodescendentes, mas aos poucos os negros foram se misturando com *umas moças brancas* e houve também pretas que se envolveram com os homens brancos, e todo mundo passou, então, a ser *meio amarelado*.

³⁶Existem outras histórias sobre a Pedra Balão, mas que se mostram um pouco confusas. João, morador do Carmo, explica que a Pedra Balão também é chamada de Zabumba; ali, segundo ele, *tem uma bola de fogo, uma bola de ouro, que é feita de 20, 30 quilos de ouro, que sai dali e cai no rio, um tanque de água feito de um córrego e se transforma em várias coisas, animais, um lagarto. As pessoas sempre fugiam quando viam*

A Pedra Balão faz parte, hoje, dos roteiros turísticos das cidades de São Roque e Vargem Grande Paulista, sendo frequentes as caminhadas e pedaladas até seu topo, de onde se aprecia uma bela vista da região, que pode abranger até mesmo a capital paulista. A área é cercada por um fragmento de mata atlântica onde se podem apreciar belas orquídeas e bromélias, e onde os moradores do Carmo afirmam haver ainda animais silvestres. Visitei a Pedra Balão em maio de 2017 na companhia da equipe do INCRA e da UFSCar, além de quatro outros moradores da vila. A trilha utilizada começa ao norte da vila e adentra pela mata logo após cruzar-se a Estrada do Carmo, onde há um pequeno lago utilizado pela comunidade para pescar. Levam-se aproximadamente 40 minutos de caminhada do centro da vila até a Pedra Balão, passando por áreas de antigas invernadas de gado da fazenda do Carmo, onde trabalhou, desde os sete anos de idade, seu Juarez, além de outros membros mais velhos da comunidade.

A Pedra Balão situa-se na antiga invernada do Batista, e de lá de cima é possível avistar com alguma nitidez a vila do Carmo e seus arredores. Na região há vestígios de antigas moradias, além de evidências de ocupação na vegetação: pés de limão, laranja, goiaba, coqueiros e bananeiras. Carlos conta que há muitas ruínas de casas antigas nos arredores da Pedra Balão, que eram localizadas às margens da Estrada Velha para São Roque, mas que estão atualmente cobertas pelo mato alto.

Apesar das histórias dos antepassados se escondendo, com ou sem a Santa, na Pedra Balão, dos vestígios de moradias de épocas antigas, e do significado que o lugar possui para a comunidade do Carmo, a área já se encontra, assim como o lago no qual pescam os moradores, dentro dos limites da Fazenda Icaraí, que encurrala, junto com o condomínio Patrimônio do Carmo e o complexo municipal da Casa Grande e a Senzala, os moradores, os santos, os antepassados e as memórias presentes na vila do Carmo.

A Pedra Balão, assim como a Casa Grande, representa um local histórico, resgatado pelos moradores através da memória, presente na oralidade, salientando fatos vivenciados pelos pretos de antigamente com a Santa. A Pedra Balão é, acima de tudo, um local que permite uma visão privilegiada, onde os ascendentes dos moradores escondiam Nossa Senhora do Carmo das autoridades. O interessante é que, no evento do roubo da Santa, a Pedra Balão foi o primeiro local a ser sugerido pelas moradoras para tentar

esta bola de fogo, mas quem tiver a coragem de cortar a própria mão e deixar pingar três gotinhas de sangue sobre ela para desencantar vai poder pegar todo o ouro. Carlos, por sua vez, afirma que Zabumba, na verdade, era uma antiga invernada de gado, lugar próximo à Pedra Balão onde viviam D. Ana e os antepassados do Henrique de Lima. Seu João conta que Zabumba era o nome da invernada vizinha àquela onde fica a Pedra Balão, conhecida, esta, como invernada do Batista.

encontrar o paradeiro da imagem do Carmo, como se aquele local exercesse mesmo uma espécie de atração sobre Nossa Senhora: se ela se escondia, ou era escondida, lá no passado, por que não poderia estar escondida (ou ter sido escondida) no mesmo lugar agora? Logo, uma localidade dos pretos e da Santa, um lugar que integra a vivência atual e a reminiscência da territorialidade da comunidade quilombola.

O território quilombola é marcado por estes encontros e pelo vínculo com Nossa Senhora do Carmo, conforme venho defendendo neste texto. D. Iolanda relata que levou uma santinha [isto é, uma pequena imagem] de Nossa Senhora Aparecida para a Pedra Balão para ajudá-la a encontrar a Santa roubada. Nota-se que as imagens de outros santos e santas se deslocam pela paisagem junto aos moradores para tentar recuperar em, juntos, a Santa roubada. Logo, o que foi embora, ou seja, roubado, foi a Santa original e que, como vimos, esta não é qualquer imagem. Todavia, o que perdura, para além da imagem/objeto material, é a relação dos moradores com a Santa: isto, claro, de modo algum, pode serroubado.

A Pedra Balão foi caracterizada como o esconderijo da Santa, no passado e, talvez, mesmo hoje, após seu misterioso desaparecimento. As terras do Carmo foram apresentadas a mim por meio das narrativas que contavam as histórias sobre a Santa, e os lugares sublinham estas mesmas histórias, sempre reforçando a proximidade dos moradores com a Santa e os outros santos, pois é disso, afinal, que se trata o território do Carmo, que, como diz o título mesmo desta dissertação, é dela, de Nossa SenhoradoCarmo. Tratam-se, afinal, das terras da Comunidade Remanescente de Quilombo do Carmo.

Em vista disso, tento enfatizar as relações criativas, analisar os lugares por meio deste movimento que coloca em correspondência santos e moradores. Para tanto, é preciso dar sequência com as histórias contadas por minhas interlocutoras e, com estas, pretendo esclarecer a importância das roças e dos temperos no preparo das comidas preparadas pelas mulheres, mostrar como elas continuam tocando a vida após o furto da Santa, como elas lidam com a diminuição das terras nos quintais, e com os produtos industrializados que, inescapáveis, transformam as vidas das pessoas que vivem na comunidade. Pois, estes também são pontos que dizem respeito ao território e ao protagonismo feminino que venho discutindo neste capítulo.

3.3 - A terra: sabores e temperos femininos

D. Alice lembra que, para elaborar o esboço do mapa do território quilombola, é preciso descrever e considerar os manejos femininos³⁷. Dessa maneira, ela e as demais mulheres do Carmo evidenciam que a terra também é coisa de mulher, dando ênfase, em suas reflexões acerca do tema, às hortas e às roças de antigamente, sendo necessário rememorar a maneira como as mulheres preparavam as comidas dos antigos, então, fortemente temperadas. Conta-se que, anteriormente, o preparo dos alimentos exigia cuidado e ponderação com a terra dos quintais, e é interessante notar que a noção de terra se conecta ao feminino: eram as mulheres que trabalhavam e davam conta da terra; de modo similar, são elas que ainda hoje dão conta da comida e dos alimentos na vila, comida cujo vínculo com a terra é central, o que se nota não apenas na saudade das roças antigas – que se tenta, com muito custo, minimamente reproduzir nos exíguos quintais de hoje em dia – como, igualmente, nas críticas aos alimentos industrializados, adquiridos com dinheiro, e que procedem, via de regra, de forada vila. A terra para minhas interlocutoras, portanto, tem vários significados. Sendo o local de encontro dos seus antepassados com Nossa Senhora do Carmo, elas explicam: estas terras só existem porque os pretos antigos encontraram a Santa nela. As terras representam, também, a chegada de outros santos nas capelas e nos altares particulares, como vimos no capítulo 2. Todavia, minhas interlocutoras sublinham que terra é também coisa de mulher, pois eram elas que elaboravam as hortas e as roças no tempo dos antigos, e eram elas também, e são elas ainda atualmente, que cuidam dos alimentos e das demais demandas da vila.

Desse modo, as avós e mães ensinavam as filhas e as netas a cultivarem em seus quintais alguns ingredientes fundamentais como cebola, alho e limão, que são essenciais para dar força, como se diz, ao porco, ao peixe e à galinha. As especiarias, orégano, manjericão, salsinha, cebolinha, hortelã, tomilho, entre outras vinham da terra, eram ingredientes também plantados pelas próprias moradoras, um conhecimento geracional transmitido pela via materna.

Antigamente, as refeições eram relacionadas aos cuidados que as mulheres mantinham com a terra dos quintais, mais especificamente no trato das roças e hortas, que, por sua vez, eram criadas e conservadas pelo trabalho das antigas senhoras, moradoras do Carmo. D. Alice esclarece que, no tempo dos antigos as especiarias vinham das terras

³⁷O curioso é que, no momento do trabalho campo, e durante a análise do meu diário, notei que a compreensão do território foi toda permeada pela história da Santa, mas também pelas mulheres. Assim, o território do Carmo foi sendo montado e compreendido, ao longo da dissertação, pelo que poderíamos conceber como uma simbiose entre terra - Santa -mulheres.

firmando a fé dos familiares, pontuando que terra firme significa terra em abundância para plantar, para ter horta e roça. Naquele período dos antigos, as casas ainda não eram tão próximas uma das outras, parcelando os mesmos lotes, e podia-se vigiar com atenção e cuidado todo o processo de abertura, preparação e desenvolvimento das roças e dashortas.

Assim, D. Alice explica que nos dias de hoje a terra é frágil e a fé é delicada, no sentido de pouco potente, divergindo da abundância e da fertilidade de terras dos antigos. Notem que ela associa a força da terra com a força da fé: é como se as plantas das roças e hortas, no passado, garantissem e/ou simbolizassem o próprio enraizamento da fé das pessoas, agregando, mais uma vez, o território à sua dimensão sagrada. Hoje em dia, ao contrário, a terra e a fé são frágeis, aquelas cada vez mais limitadas e esta sujeita a todo tipo de violências por parte daqueles poderosos que cercam e acoçam o Carmo. D. Alice explica, ainda, que a fé se torna vulnerável devido às novas especiarias vendidas em grandes supermercados como sazon e caldo kinor, perturbando e, ao mesmo tempo, seduzindo as famílias e os santos, desenraizando-os e, de certo modo, tornando-os estranhos em relação à terra e àquilo que ela produz, incluindo-se a fé que, no Carmo, está estreitamente vinculada à Nossa Senhora e aos demais santos e santas. Desse modo, a industrialização dos alimentos é vista como um obstáculo tanto para os moradores do Carmo, como para os santos, e o território torna-se frágil, no sentido de pouco produtivo, a ponto de poucas mulheres conseguirem plantar, apenas algumas obtendo seus temperos no próprio quintal de casa, além de umas poucas que ainda logram criar animais. Assim, as mulheres são encurraladas por casas pequenas, quintais pouco produtivos, e cercas do condomínio que andam – e, se terras e santos se interpenetram, são também desafiadas em sua fé pela ausência de lugares para cultivar seus próprios alimentos. Não é fortuito que muitas pessoas no Carmo mencionem que um das principais benéficas advirão com uma futura regularização fundiária do quilombo do Carmo será a possibilidade de voltar a cultivar roças – além da viabilidade de os parentes voltarem a residir em casas vizinhas, evidenciando os nexos entre terras, roças e seus produtos, e o parentesco.

As especiarias industrializadas também atrapalham e bagunçam a fé dos moradores da vila do Carmo, prejudicando a saúde, tirando a força das pessoas. Dentro deste cenário instável, de avanço dos produtos de origem industrial (e que, claro, custam dinheiro), D. Alice buscava incentivar as mulheres a criarem estratégias de melhorias das condições de vida, sendo a principal delas pedir aos santos auxílio na construção de pequenas hortas dentro das casas, para que elas pudessem preparar melhor as refeições ou, ainda, para comprar verduras e temperos de pequenos agricultores próximos, para não ficarem reféns

dos mercados que vendem produtos de um sistema de produção industrializado.

D. Alice explica que as mulheres de antigamente tratavam as terras de seus quintais, cuidando atentamente das hortas e das roças. Porém, nos dias de hoje, os quintais não têm mais espaços para plantar, e alguns são já cobertos com cimento. Ela insiste na importância das hortas, ainda que em vasos, dizendo que é sempre bom ter terra em casa, e revelando que Nossa Senhora está sempre ali, cuidando dos seus temperos, auxiliando os vasilhinhos a ficarem mais bonitos e fortes.

Apesar disso, consegui mapear apenas poucas residências que possuíssem hortas, destacando cinco que possuem cebolinha, salsinha, manjerição e hortelã. Algumas senhoras fizeram questão de me mostrar fotografias de suas antigas hortas e roças, registros de sua relação com a terra. D. Lavínia exibiu fotos de um antigo quintal com plantações de quiabo, couve, alface, rúcula, beterraba e cenoura, e junto a esses legumes e verduras estavam retratos de santinhos, de variados tamanhos e formatos. Dentre as fotografias de hortas e roças, encontrei uma abundância de imagens de Nossa Senhora do Carmo, no caso a verdadeira, a original, evidenciando mais uma vez, e aqui de maneira direta, como a terra e a Santa estão conectadas.

Perutti (2015) também destaca a importância das mulheres nas terras quilombolas, em sua pesquisa no Lavado, estado de Goiás:

As mulheres do Lavado e arredores me ensinaram que ter filhos é uma estratégia de se fixar, enraizar, “arquitetar”, “criar munturo”, ainda que temporariamente, em um mundo povoado de instabilidade. É um modo de criar permanências, espaciais e temporais, de contrabalançar a sina de “andar demais”. Dar existências a filhos e, em decorrência de relações maternas, resultou no modo mais imediato encontrado por Sebastiana, não verbalizado como intencional, de permanecer no Lavado e, mais do que isso, de tecê-lo cotidianamente, com e contra os filhos. (Perutti, 2015, p. 67).

Desse modo, minhas interlocutoras também pontuam a importância da terra, do lugar, da instabilidade e da necessidade de criar permanências, assim como a Sebastiana do Lavado, que aparece no trecho acima. As fotografias das roças e das hortas antigas também revelaram-me o Carmo enquanto um “lugar delas”, onde cresceram e criaram raízes. As senhoras da vila almejam continuar vivendo ali, e uma futura demarcação de terra seria fundamental, como disse, para que estas mulheres voltem a plantar, a fazer suas roças e hortas e a re-enraizar novamente seus temperos e sua fé nas terras da Santa.

D. Helena relata (como muitas outras com quem convivi) que cresceu cultivando

alcachofras, fazendo roça e horta com seus familiares, que desde os cinco anos de idade trabalhava com isso. Porém, suas filhas não cresceram com as roças, as relações modificaram-se com o passar do tempo: não dá para exigir que as filhas tenham a mesma relação com a terra que as mães. O interessante é que D. Helena, mesmo assim, sente-se orgulhosa de suas meninas, por elas terem cursado até o terceiro colegial. D. Helena diz ser apta a ler e escrever, mas não tão bem quanto suas meninas. Mas ela enfatiza, acima de tudo, que é realmente triste ter pouco espaço nos quintais, pois seria prazeroso voltar a ter roça e horta paracuidar.

A mesma senhora afirma que o digno seria se a escola da vila fosse ligada a agricultura, mas não dá para exigir muito do Estado. No entanto, as mães, avós e bisavós continuam ensinando suas filhas, desde que são crianças, a cozinhar, e a maioria delas maneja com facilidade o fogão à lenha, tão bem como as antigas senhoras. D. Helena esclarece que o que realmente importa para os parentes e para os santos em dia de festa é que a comida seja preparada com afeto e amor, dois ingredientes primordiais.

A comida bem preparada é aquela feita com carinho, recheada de sabor e tempero. Neste diálogo, D. Helena explica que os homens não cozinham, posto que esta é uma tarefa majoritariamente feminina, e pelo fato de que eles não possuem este manejo. Contudo, ela esclarece que os homens também sentem saudades dos quintais com roças e hortas, e eles também se preocupam com o fato de que, com o passar do tempo, o território só veio a diminuir. Seu Hélio, por exemplo, menciona estar cansado de ser roubado, sua terra foi levada pelo condomínio, seus familiares morreram e até mesmo a Santa não está mais ali.

Em contrapartida, D. Iolanda diz ficar chateada com as senhoras mais velhas que ficam criticando o mundo dos supermercados e da indústria. Ela reconhece que, no tempo antigo tinha mais fartura e especiarias, a comida era mais forte e direta da terra, mas pontua que a crítica não ajuda, uma vez que a relação com a terra realmente já é outra, muito por conta do pouco espaço nos quintais. Ela ainda relata que suas filhas já não foram criadas com a roça, mas que conseguiu, mesmo com os produtos industrializados, ensiná-las a cozinhar, para que elas aprendessem o valor de uma comida bem-feita, de festa de santo com fartura, mesmo que os alimentos não venham mais da terra que elas cultivam. Ela complementa contando que os santos estão ali inclusive para auxiliar os moradores neste cenário marcado pela ausência de terras, ajudando no desenho das mais variadas estratégias de vida.

Dentro desta perspectiva, interroguei minhas interlocutoras sobre o que é terra para

vocês? Elas responderam, em sua maioria, que é todo o território da Santa, as hortas e roças antigas, assim como todas as casas, capelas, e lugares que evidenciam a importância de Nossa Senhora do Carmo e dos outros santos. Elas explicam que, por mais que a vila passe por transformações, sejam estas impostas por cercas do condomínio que andam, seja pelo pouco espaço que sobrou para plantar, seja por casas muito próximas, por produtos industrializados, seja por novas religiões – mesmo com tudo isso, a história e a presença da Santa e dos santos não desaparecerão.

Elas pontuam que a história da Santa deve ser compreendida junto da história da terra do Carmo: notemos, conforme já aludi acima, que as imagens de santo e da própria Santa aparecem nas mesmas fotografias que mostram a terra das roças e das hortas, compondo, tudo juntos, as narrativas referentes ao território. Portanto, a compreensão territorial é dada por meio da relação entre os moradores do Carmo e seus santos, nas vozes principalmente femininas, uma vez que são elas, sobretudo, que guardam as histórias dos santos e a importância destes na paisagem, que deve ser, idealmente, cultivada com cuidado, afeição e fé.

D. Helena esclarece que, para se ter um território forte³⁸, é preciso fortalecer santos e pessoas, sendo imprescindível o trato e o cuidado com a comida, uma vez que os alimentos possuem potências que os carregam de – e os fazem carregar, transmitir – afeto e amor. Do mesmo modo, um corpo forte é aquele que se nutre de alimentos que são preparados com carinho e tempero. Assim, D. Helena diz que é preciso cuidar da casa, mesmo ela sendo pequena, e é necessário tratar bem dos altares dos santos e também dos alimentos, mesmo que estes agora sejam industrializados.

As mulheres, como se vê, auxiliaram-me a olhar para esse território de uma maneira mais próxima ao que os pretos do Carmo o pensam, enxergando, ali, moradores humanos e não humanos que fazem o território, ontem e hoje, para além das políticas e definições técnicas formais: os santos, que constroem vínculos e estratégias junto e com pretos, histórias de luta por moradia, de resistência, e memórias dos pretos que abrigam, festejam e protegem esses mesmos santos – principalmente, de Nossa Senhora do Carmo, porque, afinal, o território quilombola é dela.

A partir disso, pretendo retomar brevemente a história das associações quilombolas

³⁸D. Iraci explica que o *território forte* é aquele que se fortalece nos santos, que, mesmo com toda dificuldade, consegue superar os desafios e os contratempos da vida. Mesmo com a existência dos produtos industrializados e das cercas do condomínio que andam, entre outras ameaças, este território consegue ser forte perante inúmeras dificuldades

no Carmo, com o intuito demonstrar como a política territorial também envolve diretamente a Santa do Carmo. Ao longo da pesquisa de campo, notei que o nome de Nossa Senhora do Carmo em uma das associações quilombolas foi de fundamental importância, de acordo com minhas interlocutoras, para chamar a atenção do INCRA para a situação do Carmo, ao mesmo tempo em que o momento desta intervenção oficial – que foi o momento de criação da associação que carrega o nome da Santa – coincidiu com o roubo da imagem original.

3.4 - As associações quilombolas no bairro do Carmo e o protagonismo feminino

Consegui estabelecer boas relações com muitos dos moradores da vila, tanto com pessoas que estavam ligadas a uma das associações que representa os moradores atualmente³⁹, quanto com aqueles que, por diversas razões, não estavam envolvidos com ela. Parte da população da vila atualmente encontra-se “representada” por Carlinhos, que tenta reunir os moradores para debaterem a respeito da definição formal do território quilombola do Carmo, por meio da associação fundada por ele, a Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo de Nossa Senhora do Carmo (ACORQNSC). Sabe-se que a primeira Associação Quilombola do Carmo foi fundada em 1999, por D. Elisa e por Afonso, mais conhecido como Afonsinho⁴⁰. Afonso foi o primeiro presidente da Associação, a “Associação dos Remanescentes do Quilombo do Carmo”, que tinha o intuito de promover a reunião e a organização das pessoas da vila para que fosse pensada, principalmente, a questão territorial nos marcos da legislação quilombola nacional.

Como um dos processos necessários para o reconhecimento da reminiscência quilombola, a Fundação Cultural Palmares aprovou o Relatório de Identificação e Reconhecimento Territorial da Comunidade Remanescente do Quilombo do Carmo em 2000, por requisição desta associação presidida por Afonsinho. Todavia, D. Elisa menciona que a Associação do Afonsinho não deu certo, pois, de modo indevido, passou a promover a ocupação das terras ao redor da vila, mais precisamente em uma área próxima ao condomínio Patrimônio do Carmo. Começaram a lotear e vender as terras para

³⁹Nos dias correntes existem duas associações que reúnem os moradores do Carmo, uma ligada a parte dos moradores da vila, e outra composta, em sua maioria, por quilombolas e descendentes de antigos moradores que vivem fora do bairro, mas que lutam para voltar a residir nas terras de seus antepassados.

⁴⁰Afonso é considerado primo de D. Elisa, seu vínculo com o bairro vem do parentesco materno, no qual ele é filho da irmã da mãe da D. Elisa. Afonso nunca residiu no Carmo; todavia, por conta de seus parentes, sempre visitou a vila. Atualmente é estudante de direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ.

as pessoas que eles reconheciam como quilombolas. Os moradores do Carmo reconhecem que são ascendentes de negros que foram escravizados, asseveram que o Estado tem uma dívida para com eles e para com suas terras, mas se opuseram fortemente ao modo como esta primeira associação conduziu a (re)ocupação do território – as terras da antiga Fazenda do Carmo – por meio da comercialização de lotes.

Por conta do loteamento irregular e da venda das terras, D, Elisa e Afonso, em 2003, foram denunciados e presos. No entanto, mesmo diante deste percalço, a comunidade continuou em luta e, em meados de 2006, o Sr. Arthur conseguiu reunir um grupo significativo de pessoas da vila e da cidade de Vargem Grande Paulista, onde reside parte dos descendentes daqueles que, ao longo do século XX, tiveram que deixar a vila do Carmo. Arthur fundou a segunda associação quilombola do Carmo, denominada então, de “Comunidade dos Descendentes e Remanescentes do Quilombo do Carmo e Região União e Luta”.

Encontrei, entre os documentos a que tive acesso pelo INCRA, uma correspondência, datada de 12 de dezembro de 2005, na qual Arthur encaminha ao então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, uma solicitação para a titulação da área ocupada por famílias descendentes de quilombolas na cidade de São Roque, enfatizando o interesse dessas pessoas em plantar e viver nas terras dos seus antepassados. A carta baseava-se na análise das escrituras das terras da fazenda do Carmo/Sorocamirim, pois, se estas fossem avaliadas de maneira detalhada, não constariam como terras do condomínio Patrimônio do Carmo, mas como terrenos de pretos e ex-escravos, que pertenciam aos seus antigos avós, bisavós e tataravós. No documento ao Presidente da República, Arthur ressaltava que as terras estavam abandonadas e suas disputas eram movidas pela especulação imobiliária, uma vez que o solo é fértil e de ótima qualidade para se plantar.

Em meados de 2006, Arthur conseguiu, então, criar a segunda associação dos quilombolas do Carmo. No dia 17 de setembro de 2006 foi instalada a primeira Assembleia, quando Arthur foi eleito presidente da associação pelo período de novembro de 2006 a fevereiro de 2010. Alguns moradores da vila ainda comentam que a dificuldade desta segunda associação deu-se pelo fato de o presidente residir em Vargem Grande Paulista (e não na vila), além das lembranças do ocorrido com a associação anterior, fundada e presidida por Afonsinho, que acabou detido. Pessoas da vila mencionam as dificuldades de se reunirem, mas ressaltam o esforço de Arthur com a mobilização quilombola na comunidade do Carmo. Esta segunda associação manteve-se ativa por quatro anos consecutivos, mesmo considerando-se as dificuldades geradas pelo fato de seu

presidente residir em Vargem.

No primeiro semestre de 2012, moradores do Carmo solicitaram uma reunião com o INCRA a fim de atualizar a situação da instância de representação da comunidade junto ao órgão federal de regularização fundiária. Durante a reunião realizada naquele ano, foi informado que, após um processo de mobilização dos moradores do Carmo, foi constituída a figura jurídica e o estatuto de uma nova entidade representativa da comunidade: a Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo de Nossa Senhora do Carmo (ACORQNSC), que, de acordo com os documentos, reunia cerca de 70 famílias residentes na vila ou parentes que viviam em outras localidades (principalmente em Vargem Grande Paulista), mas que mantêm vínculos com a comunidade.

Em junho de 2013 foi acatada a nova representação pelo INCRA e formou-se, assim, uma terceira organização, cujo presidente era Antônio, passando a ser a entidade representativa da comunidade do Carmo. O que chama a atenção é que esta terceira organização carrega o nome da Santa, e as reuniões ocorrem sempre no último sábado do mês, num salão anexo à sede da capela de Nossa Senhora do Carmo. A Santa é vista pelos associados como aquela que chama o Estado, ou também como uma espécie de agente político. Ao olharmos para o histórico das associações anteriores do Carmo, vemos que é apenas quando a terceira aliança é formada, com o nome da Santa em seu próprio nome, que o INCRA chega: ou seja, as coisas parecem começar a funcionar apenas com a presença de Nossa Senhora, invocada por seu nome, auxiliando na política de demarcação de terras quilombola.

D. Iolanda explica que este negócio de associação só passa a ter sentido quando o nome da Santa é colocado, aí que o INCRA começa a dar atenção aos moradores. Dentro dessa ideia de se estar com a Santa, é possível compreender todo o território do Carmo, a análise da associação quilombola também é pautada no que poderíamos denominar da política da Santa, uma vez que é seu nome, vinculado à associação quilombola, que traz a ação do Estado para o Carmo. D. Iolanda esclarece, entretanto, que as pessoas do Carmo não imaginavam que a Santa seria roubada logo após a oficialização desta terceira associação.

Contudo, como vimos anteriormente, no capítulo um, Nossa Senhora do Carmo foi roubada um dia depois que o terceiro grupo se organizou enquanto associação quilombola, e as pessoas mencionaram esta coincidência muitas vezes, algumas até afirmando que o roubo da Santa foi resultado do descaso com as terras dela – que eles estão ouvindo esta história de terras e de Estado/INCRA desde 1999 e, até o momento presente, o território

só vem diminuindo. Nesse sentido, a presença do Estado na vila com a finalidade de, finalmente, identificar e demarcar as terras dos pretos, seria umas das consequências do roubo da imagem. Depois de muitos anos vendo seu território, como os altares e capelas, sendo reduzido, o roubo acaba por coroar o descaso com que a terra de santos e pretos vem sendo tratada, e provoca uma reação daquela que é dona do território: mesmo roubada, Nossa Senhora do Carmo é capaz de trazer o Estado para suas terras, com o auxílio de seus fiéis e de suas associações, a fim de tentar, mais uma vez, assegurá-las.

D. Iraci, por sua vez, explica que a questão territorial quilombola esta atrelada às relações que os moradores criam com seus santos e à história de Nossa Senhora do Carmo com a terra. Dessa maneira, D. Iraci confessa que o Estado é lento, e que ele não dá conta dos pretos, quem age mesmo são os santos. Ela esclarece que os governos do PT, de Lula e, depois, de Dilma, tentaram regularizar as terras de vários quilombolas do Brasil, mas que as tentativas ainda foram falhas, pouco eficientes, seguindo muito morosas.

D. Iolanda pontua que apenas quando o Estado, de fato, der as terras para os pretos é que a organização das associações vai ser completa e forte. Mas, para isso acontecer, as mulheres terão que tomar a frente, pois são elas que cuidam da administração da vila como um todo. D. Iolanda explica que os salários das mulheres são fixos, pois a maioria delas têm carteira assinada como empregadas domésticas, sendo elas que cuidam da casa, dos alimentos, dos filhos e dos maridos. Em geral, portanto, são elas que levam dinheiro para casa. Ela assevera, assim, que as mulheres também terão que cuidar das terras quando a titulação sair, pois são elas as responsáveis por, afinal, administrar a vila do Carmo. E complementa, com pesar, que, com o atual governo de Jair Bolsonaro, a demarcação dificilmente acontecerá, posto que as terras dos pretos estão longe de ser a pauta ou a preocupação do presidente: se o PT tentou e não conseguiu, este tal de PSL não vai nem tentar, pelo menos o outro tentava. A senhora complementa, dizendo que os santos também sofrem com mudanças na política do país, com a falta de terra para plantar, com a lentidão da políticaquilombola.

Para minhas interlocutoras, é mais eficiente contar histórias dos santos e de seus respectivos altares – uma vez que os santos e as pessoas compõem a paisagem, fazem parte do cotidiano, e do contexto delas – para falar de política, do que resumir-se à política tal como normalmente a entendemos. Por esta razão, noto que não existe uma totalização possível que dê conta de todas as relações ou, ainda, um mapa quilombola baseado em um ponto de vista sócio centrado, sendo, portanto, impossível mapear no GPS, ou ainda, por meio do material cartográfico, todas as relações com os santos que são atualizadas, criadas

e recriadas. No que toca à investigação antropológica, Souza (2018:20), salienta que a rede de parentesco é definida por vários pontos de vista e estes, por sua vez, se relacionam a tantos outros movimentos. A rede de parentesco, no caso do Carmo, pode ser entendida como o conjunto das múltiplas relações entre humanos e santos e santas que recortam e atravessam toda a história e o cotidiano do quilombo, refletindo, como vimos, na sua própria definição territorial na forma de uma “geografia sagrada”.

Assim, encontrei dificuldade em conceber um mapa convencional, inerte, plano e estável, pois os relatos de campo apontaram para lugares que são criados e recriados nas relações com os santos, a partir, sobretudo, das vozes das mulheres. As narrativas sobre o território foram narradas pela interação dos moradores e moradoras com seus respectivos santos e com a Santa do Carmo. Assim, os lugares foram formados pela relação das pessoas do Carmo com seus respectivos santos, a geografia foi apontada pelo sagrado, mas também pela criatividade feminina:

Algun tempo atrás, Manuela Carneiro da Cunha sugeriu que quanto menos uma sociedade concebe direitos privados sobre a terra, mais ela desenvolveria um sistema de direitos imateriais como o conhecimento. Strathern usou uma vez a ideia de “terra como propriedade intelectual” para imaginar regimes em que a paisagem tangível, possuída pelo clã, se revela também uma contraparte intangível do corpo vivo de/as pessoas. Isso aponta para um modelo criativo e não produtivo – das relações entre as pessoas e a terra. ‘Se essa imagem pode ser transportada para a Amazônia, a correlação proposta por Carneiro da Cunha, não significa que os direitos sobre a terra aqui seriam “coletivos” e não “privados”, mas que seriam antes “direitos” sobre recursos intangíveis; sobre o potencial criativo da terra, dos lugares, como evidências das relações – do parentesco – entre as pessoas que pertencem a ela; e que no fim, aquilo que os Kisêjê realmente valorizam (Souza, 2018, p.45-46).

Os argumentos de Souza (2018), entrelaçados ao de Carneiro da Cunha com Strathern, revelam um mapa acima de tudo criativo, e foi nesta perspectiva que busquei contornar os lugares sagrados da vila do Carmo, colocando em relação ou movimento, narrativas, mulheres, humanos e não-humanos, santos e pessoas. É interessante notar que a autora não defende o fim da demarcação das terras indígenas ou, ainda, que o Artigo 231 da Constituição da República de 1988 seja invalidado, e eu, claro, tampouco defendo a extinção do Artigo 68 referente aos quilombolas. O direito a terra indígena e quilombola têm que ser preservado e protegido pelo regime jurídico/estatal e, por esta razão, mapas convencionais precisam ser – como estão sendo – produzidos pelas equipes de trabalho do INCRA/UFSCar para subsidiar a identificação e a posterior regularização fundiária da

Comunidade Remanescente de Quilombo do Carmo. Mas, existe este “algo” para além dos contornos dos mapas cartográficos, este “algo” Souza (2018) define como “a vida das pessoas” – seus parentes, seus lugares, suas terras, suas narrativas e suas imagens, suas relações com a terra e com seres não humanos que nela habitam e dela cuidam. Esta dissertação também evidenciou este “algo” na vila do Carmo, mas aqui a evidência foi pautada por um estar com a Santa e os demais santos. O território do Carmo, conforme defendo aqui, é dela, de Nossa Senhora do Carmo, e sabemos que o regime jurídico que rege a propriedade fundiária no Brasil dificilmente reconhecerá as coisas do modo comosão.

A protagonista do primeiro capítulo é a Santa, e os principais personagens do segundo são os outros santos e santas que vivem no Carmo; mas, em cada um dos capítulos, estão as imagens, no íntimo dos argumentos estão as narrativas etnográficas, as descrições, analisadas por mim a partir de suas fontes que foram essencialmente femininas. Isso nos leva ao que chamei de protagonismo feminino no Carmo. Tudo começa por meu trabalho de campo, que foi majoritariamente conduzido por e com mulheres, pois foram elas quem me ensinaram que matutar sobre santa e santos é muito importante e rende reflexões a respeito da história, do território, do parentesco, da memória; os santos e suas imagens ajudam, principalmente, a matutar⁴¹ sobre a vida da mulher. E, se são elas as responsáveis por cuidar de todos, de produzir e promover a vida – por meio da cozinha, das roças e hortas, da atenção aos filho(a)s e maridos – e, por fim, derealmente administrar o Carmo, são elas as responsáveis por requisitar, com muito mais frequência, os auxílios e consolos propiciados por Nossa Senhora e pelos demais santos auxiliares.

Desta maneira, as mulheres do Carmo me instruíram, chamando a minha atenção para o bordão repetido inúmeras vezes: *aqui é bonito de ver, mulher batendo em homem e não o contrário viu, menina Ana!* Somos nós que damos conta de tudo. Neste sentido, a expressão *damos conta de tudo* significa, fundamentalmente, ir ao encontro da vida.

D. Elisa ressalta, ainda, que nós, as pretas que damos conta de conduzir a vida no Carmo. Elas sabem como ordenar com assiduidade a vida e, dessa maneira, cuidam da

⁴¹O termo nativo *matutar* significa compreender; logo, *matutar sobre a vida da mulher* vai ao encontro de compreender a vida das mulheres na vila do Carmo

própria casa, do território, das igrejas, dos bares, das imagens, das festas, dos filhos, dos maridos, das patroas e patrões. Cuidam, enfim, de tudo, na companhia de seus auxiliares e amigos divinos, sagrados, a quem muito “estimam” e “consideram”, sendo a recíproca seguramente verdadeira.

As mulheres são centrais para essa dissertação porque foram elas que deram sentido às suas linhas, foi com elas que busquei compreender a cartografia, a territorialidade quilombola do Carmo, criativa e dotada de santidade, pois, penso, de outro modo não seria possível. Dei ênfase aos sonhos das senhoras como uma tentativa de encontrar Nossa Senhora do Carmo dentro das terras, e de constatar traços que dêem conta desta história dos pretos no interior paulista. Esbarrei em alimentos recheados de sabores e preparados com tanto amor pelas mulheres, revi fotografias, documentos, associações, busquei mapas, não cartográficos, mas afetivos, dotados de um “algo a mais” que está sempre para além dos papéis. Ainda, almejo uma futura demarcação desta terra quilombola, tão cara e tão importante para meus interlocutores e interlocutoras, mas, também, sublinho uma cartografia que inclua todas as narrativas femininas de santos, este estar com a Santa e os outros santos, tão relevante para os moradores do Carmo. Há de se pensar em como os direitos ao usufruto deste sagrado geográfico cotidiano possam ser garantidos e respeitados, e isso inclui, necessariamente, o respeito aos direitos das mulheres continuarem com seu protagonismo feminino na Comunidade Remanescente de Quilombo do Carmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para escrever as considerações finais desta dissertação, opto por retornar, para repensar, alguns pontos relativos às questões territoriais, tão importantes na vida dos moradores do Carmo nos dias de hoje, aspetos discutidos nos capítulos que conformam este texto. Desse modo, no capítulo 1, examinei a história da vila do Carmo, mostrando como esta se constrói atrelada à Nossa Senhora do Carmo – seja à sua imagem original presente na capela (até seu sumiço), seja à própria Santa em pessoa – e à história desta Santa, uma vez que a Santa foi evidenciada como o fio condutor das narrativas dos meus interlocutores sempre que eram instados a falar sobre a trajetória dos pretos do Carmo e sobre as terras que compreendem como suas. Neste sentido, foi preciso compreender os lugares que salientam a presença e os poderes de Nossa Senhora do Carmo. Através da memória coletiva dos residentes da vila, busquei vestígios e percorri caminhos que sublinham e rememoram a relação dos moradores do Carmo com a Santa ao longo dos mais de trezentos anos em que vêm ocupando aquela região que, afinal é dela. Esta relação forte se manifesta em alguns lugares e tempos específicos e especiais, como na capela da santa e na praça do Carmo, e nas celebrações, como a grande festa de Nossa Senhora do Carmo. Através dos diálogos de campo, fui montando paisagens, descortinando pontos e lugares no espaço e no tempo, iniciando o percurso que entrelaça, no transcorrer da história, Santa e pretos – Santa junto com os pretos – ao território da comunidade remanescente de quilombo do Carmo.

Assim, em um primeiro momento, destaquei a capela da santa do Carmo como sendo o marco zero da história do grupo, pautada na relação dos moradores com a Santa, sendo também considerada a primeira casa da vila ou, ainda, como eles expressam: o primeiro domicílio da vila foi à capela de barro da Santa. Logo, a compreensão territorial quilombola do Carmo tem como fator imprescindível a relação da Santa com seus moradores, o que se pode ver na paisagem: Nossa Senhora do Carmo mora com eles há tempos – ou, pelo menos, morava, antes de ser roubada da capela e levada para destino ainda hoje ignorado.

A paisagem vivenciada pelos moradores do Carmo é criada e construída dentro da relação criativa com a Santa, que é também atualizada constantemente. Portanto, a reflexão territorial e quilombola apontaram desde o início da pesquisa que deu origem a esta dissertação, para uma estreita proximidade entre a Santa e os pretos, uma vez que, aqui, pode-se dizer que a terra é sinônimo da Santa e esta, por sua vez, está

inextricavelmente vinculada à história dos pretos. Assim, para compreender o território do Carmo, foi preciso ouvir as narrativas dos lugares e, mais ainda, das paisagens que acentuam e colocam em movimento a relação da Santa e dos pretos – conforme salientei algumas vezes, sempre que eu propunha discutir o território quilombola em campo, era sempre pela Santa, por Nossa Senhora do Carmo, que começava a conversa. Desse modo, fez-se imprescindível observar, no horizonte, nas narrativas, áreas apontadas e locais escolhidos – junto com as memórias de certos tempos passados – em função relação dos meus interlocutores com a Santa.

O capítulo 2 também evidenciou elementos cruciais, assinalando lugares, pontuando outras paisagens, que seguem complementando a geografia sagrada do Carmo, só que para além “de uma reza só” concentrada unicamente em Nossa Senhora do Carmo. Dessa maneira, pontuei as casas, a capela de Nossa Senhora Aparecida, e o complexo da Casa Grande e da senzala. Mas, ali, a relação é ainda mais complexa, e se desdobra no sentido de ser sublinhada não mais apenas com Nossa Senhora do Carmo, mas também com os outros santos e santas de devoção dos moradores do Carmo. Aqui, a afinidade – no sentido da proximidade, do “afeto” e da “consideração” – foi evidenciada dentro da pluralidade de altares e imagens do cotidiano das residências, das celebrações de diversas imagens, das histórias pessoais e familiares ou, ainda, no dia a dia dos moradores do Carmo, todos recheados de muitas histórias particulares relacionadas a uma grande variedade de santos.

Desse modo, os dois primeiros capítulos desta dissertação realçaram lugares que colocam em relação a Santa com os moradores (mais especificamente no primeiro) e destes também com os santos (no segundo capítulo), através das histórias sobre os altares particulares, revelando o modo como as imagens são inseridas e estimadas dentro das casas, na intimidade do parentesco das famílias do Carmo, ao mesmo tempo em que confluem, todas, para o ponto central da “geografia sagrada” da vila: a capela de Nossa Senhora do Carmo.

Dentro desta perspectiva, de estar com os santos, os moradores vão criar estratégias, maneiras de atualizar suas relações com estes poderosos e atenciosos seres divinos. Assim, as casas vão continuar sendo habitadas por humanos e não humanos, o parentesco aqui também parece extensível aos santos e, especialmente, à Nossa Senhora do Carmo, mãe dos seus filhos, os filhos da Santa, os pretos do Carmo. Todavia, conforme realcei no capítulo 2, quando uma criança nasce, um novo santo pode chegar para complementar e auxiliar a constituição de sua rede de parentesco, passando a figurar no

altar de sua residência, como foi o caso de Santa Luzia na casa de D. Helena, entre tantas outras histórias familiares. Destaco que os altares particulares podem conter os mesmos santos que habitam a capela de Nossa Senhora do Carmo, como também abrigar outros que não estão na igrejinha, como, por exemplo, São Cristóvão, encontrado na casa de D. Helena, mas que não faz parte do conjunto que compõe o altar da capela da Santa; o mesmo acontece com outros, como São Gonçalo, São Cosme e Damião e Iemanjá, que apareceram em lugares outros que a capela central davila.

No mesmo sentido, o casamento, o nascimento de crianças, o surgimento de alguma enfermidade, o falecimento de algum parente, as procissões, as viagens e, ainda, as celebrações dos santos por meio da adoração de suas imagens são eventos capazes de criar movimentos familiares de muitas aptitudes. Dessa maneira, novas imagens vão ser trazidas para dentro das casas e, assim, pensa-se que os santos também estão constantemente a elaborar estratégias para acompanhar as demandas das pessoas da vila do Carmo.

De modo análogo, o capítulo 3 também buscou Nossa Senhora do Carmo, através da descrição da Pedra Balão, ou, ainda, na análise dos relatos sobre os sonhos das senhoras que versam sobre o roubo da Santa; nele, sublinhei também o sabor e o tempero da comida como parte fundamental dos manejos femininos, tão centrais à história e à atualidade da vida no Carmo. Neste capítulo final, minha intenção foi deixar claro que o protagonismo feminino no Carmo, para além de efeito de minha inserção singular em campo – guiada, basicamente, pelas mulheres– resulta também da noção de que apenas elas, as mulheres, são capazes de tomar conta do Carmo e de seus habitantes, maridos, filhas e filhos, netas e netos. Não é fortuito que os homens sequer consigam administrar um bar, como elas dizem! Nem mesmo Nossa Senhora do Carmo, a Santa do Carmo, parece precisar dos homens, ao não trazer, como tradicionalmente traz, o menino Jesus em seus braços – embora, por outro lado, ela não renegue, e até solicite, o auxílio de outros santos nas questões do Carmo. Talvez o ponto a destacar, aqui, seja que esta ajuda venha na forma não do parentesco (da filiação, por exemplo), mas da amizade e da consideração. Talvez estes sejam o principal estofos das relações; ou, pelo menos, deve-se refletir sobre eles para além de pensar relacionais unicamente em função das relações entre parentes.

O trabalho com o INCRA, na equipe interinstitucional constituída para a elaboração do RTID relativo ao Carmo, foi fundamental, não só pelo acesso ao campo e pela possibilidade de contribuir com a demarcação de um território tradicional, mas

também por ter possibilitado olhar para esse território de uma maneira mais próxima dos moradores do Carmo, e ao que os pretos do Carmo pensam, enxergando, ali, moradores humanos e não humanos que fazem o território, ontem e hoje. Os santos, que constroem vínculos de proximidade, de moradia, de resistência e histórias dentro desse território, e os pretos, que abrigam, festejam e protegem esses mesmos santos – e, principalmente, Nossa Senhora do Carmo, porque, afinal, o território quilombola é dela, e é por ele que lutam, hoje, os pretos do Carmo, não abaixo e nem acima, mas com os seres divinos a quem protegem e por quem são protegidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de índio – uso comum e conflito. In: HEBETTE, J. e CASTRO, E. (org.) **Na trilha dos grandes projetos**. Belém: NAEA/UFPA, 1989.

_____. Os quilombos e as novas etnias . In: LEITÃO, S. **Direitos Territoriais de Comunidades negras Rurais**. São Paulo: ISA, 1999.

_____. Os quilombos e as novas etnias. In: O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002 [pp. 43-81].

ALMEIDA, A. W. B. de e PEREIRA, D. D. de B. As populações remanescentes de quilombos: direitos do passado ou garantia para o futuro? In: RIOS, A. V.; COSTA, F. D. de C. (Org.). **As minorias e o Direito. Seminário Internacional**. Brasília, DF: Conselho de Justiça Federal: Centro de Estudos Jurídicos, 2003. p. 243-266. Disponível em: <http://bibliotecadigital.mpf.mp.br/bdmpf/handle/11549/83413>. Acesso em: 04 dez. 2019

ALMEIDA, Ronaldo de. Tradução e mediação: missões transculturais entre grupos indígenas. In: MONTERO, Paula (org.). **Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural**. São Paulo: Globo, 2006 [pp.277-304].

ALVES, Cássia, Yara. **A casa raiz e o vôo de suas folhas: família, movimento e casa entre os moradores de pinheiro - MG**. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11032016-154251/pt-br.php> Acesso em: 10 maio 2019.

ARRUTI, José Maurício Andion. A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. **MANA**, Rio de Janeiro , v. 3, n. 2, p. 7-38, Oct. 1997 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 dez. 2019.

AMADO, Jorge, **O sumiço da santa**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ARAÚJO, Maria das Graças Souza Aires. **Decadência e Restauração da Ordem Carmelita em Pernambuco (1759-1923)**. Tese (Doutorado em História), Recife, 2007.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1980. Os deuses do povo. São Paulo-SP. Editora Brasiliense.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O festim dos bruxos: estudos sobre a religião no Brasil**. Campinas: Unicamp; São Paulo: Ícone, 1987.

CAMPOS, A. A. A ordem Carmelita. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.24, 2011, p.54-61. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pm/n24/n24a07>. Acesso em 4 dez. 2019.

COSTA, Nilson do Rosário. Saber e a cidadania das classes populares: uma agenda para investigação. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 5, n. 2, p. 207-209, Apr. 1989 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1989000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 4 dez. 2019.

FERREIRA, Rebecca Campos. Filhos de uma reza só: regulamentação jurídica das identidades e paradoxos da adequação no reconhecimento do Quilombo do Carmo. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 22, 2013. pp. 13-31.

CUNNINGHAM, S. Lawrence. **Uma breve história dos santos**. Rio de Janeiro - RJ. Editora José Olympo, 2011.

MOLINA, Sandra Rita. **(Des) Obediência, barganha e confronto: A luta da Província Carmelita Fluminense pela Sobrevivência (1780 – 1836)**. (Dissertação de Mestrado), Departamento de História, IFLCH-UNICAMP: Campinas, 1999.

_____. **A Morte da Tradição: a Ordem do Carmo e os Escravos da Santa contra o Império do Brasil (1850/1889)**. Tese de Doutorado. Departamento de História FFLCH-USP: São Paulo, 2006.

NUNES, Flávius Lucilius B. **A senzala e o claustro: a escravidão e a Ordem Carmelitana na cidade de São Paulo no século XIX (1840 – 1888)**. São Paulo: Scotecchi, 2011.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de (1994). *The Political Ambivalence of Popular Religion. Social Compass: international review of sociology of religion. Journal of the International Federation of Institutes for Social and Social-Religious Research*, Vol. 4, p. 513-533.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. Rio de Janeiro: Iluminuras, 2002.

PERUTTI, Daniela. **Tecer amizade, habitar o deserto**. 2015. Uma etnografia do quilombo Família Magalhães (GO). Tese de Doutorado em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11052016-132211/pt-br.php>. Acesso em: 10 maio 2019.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves. **Os Kujà são diferentes: um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da Terra Indígena Votouro**. 2015. (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANCHIS, Pierri. Religiões, Religião ... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. **Fiéis e cidadãos**. Percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro. Eduerj. 2001, p.11.

SAHLINS, Marshal. *What Kin shipis (parts on eandtwo)*. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v.17, n.1, 2011. Disponível em: <https://rai.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1467-9655.2010.01666.x> Acesso: 10 maio 2019.

SOUZA, Thiago Fijos. **Conflitos e etnicidade: A construção da identidade no Quilombo do Carmo - São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, e Ciências Humanas: Guarulhos, 2016.

STUCCHI, Deborah; FERREIRA, Rebecca Campos. **Os pretos de Nossa Senhora do Carmo**: estudo antropológico sobre uma comunidade remanescente de quilombo no município de São Roque – SP. Laudo Antropológico n. 01/2009. p. 332.

STOCKLER, COELHO DE SOUZA, Marcela, Dois pequenos problemas com a lei: terra intangível para os Kisêdjê. **Revista de Antropologia da UFSCar**. São Carlos, v.9,n.1, 2017. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/?p=1029>. Acesso: 10 maio 2019.

_____. A vida dos lugares entre os Kisêdjê: toponímia como terminologia de relação. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 12, n.1.p.9-49, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/issue/view/3519>. Acesso: 10 mai. 2019.

TURNER, Victor. **Drama, campos e metáforas**. Niterói: EdUFF, 2008.

ZALUAR, Alba Maria. **Os homens de Deus**. São Paulo: Zahar Editores, 1974.